A BANDEIRA

Obras do mesmo Auctor

A Filha do Jorge (romance realista), 1 vol... 400
A Familia do Seculo Actual, 1 fol.......... 100
A Alma Perante a Razão e a Sciencia, 1 vol.. 250
Do Chiado á Puerta del Sol (notas de viagem).
O Programma Republicano (carta ao ex.mo Sr. Dr. Theophilo Braga) 1 vol.......... 100
Antiguidades do Moderno Concelho de Villa Franca de Xira (estudo historico archeologico, contendo muitas notas e documentos ineditos relativos aos principaes periodos da historia patria, descripção das sepulturas e lapides, dos extinctos conventos de Santo Antonio e Santa Clara da Castanheira, Nossa Senhora dos Poderes de Vialonga e dos Anjos, de Alverca, e um notavel estudo acompanhado do desenho dos perimetros de craneos romanos encontrados no Monte da Boa Morte pelo sabio antropologo Dr. F. F. de Macedo, (com photographias e gravuras). 1 vol.................................. 1$500
A Obra do Infante, publicação destinada a commemorar o quinto centenario do nascimento do infante D. Henrique, 1 vol....... 400

Lino de Macedo

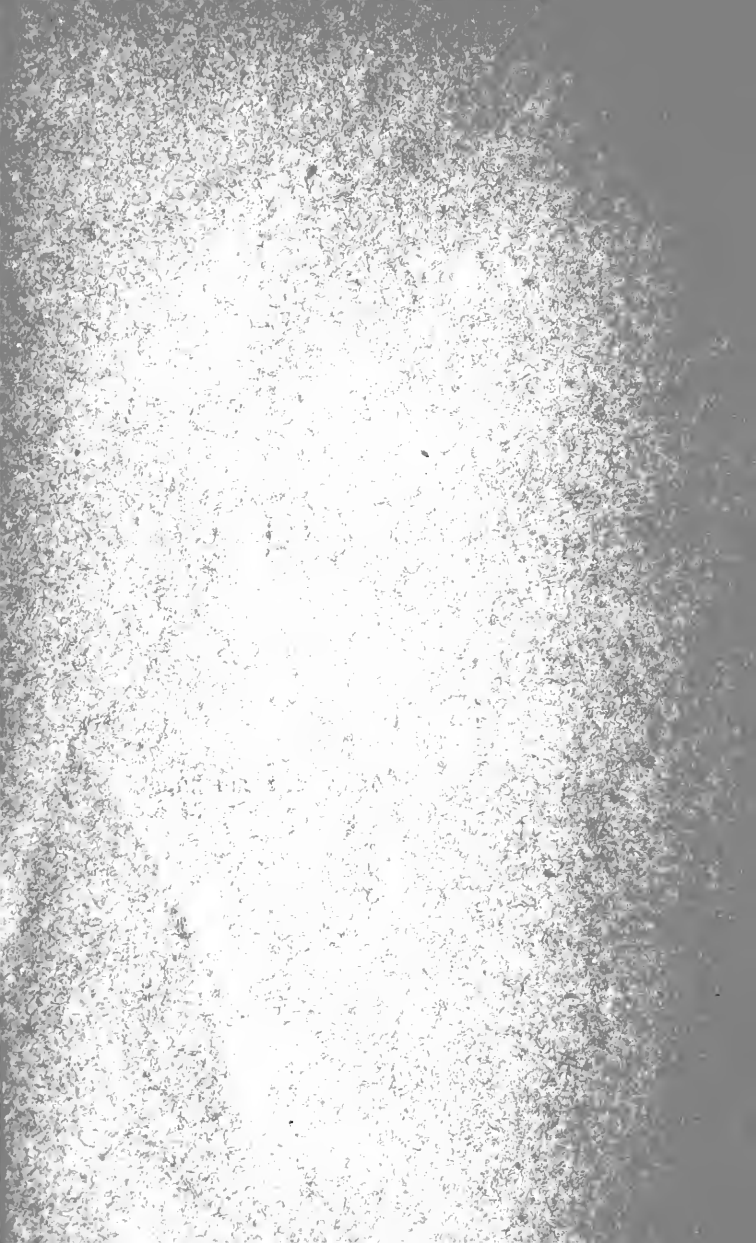
A BANDEIRA

(Estudo psychologico d'uma desequilibrada)

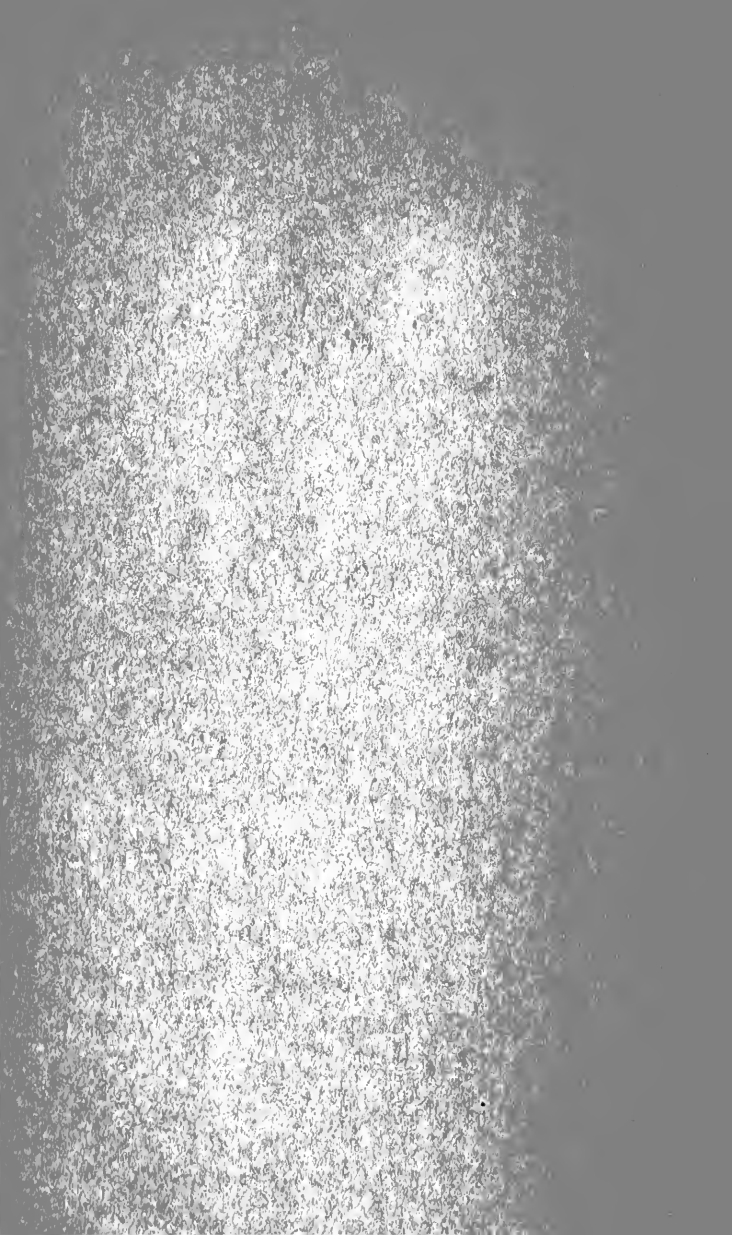
LISBOA
COMPANHIA NACIONAL EDITORA
L. do Conde Barão, 50
1897

A

João Rodrigues Estrella

Amigo de trinta annos.

A meu primo

Antonio de Castro Freire

Prova de amisade e reconhecimento por favores que ficam sempre em aberto nas consciencias justas.

PREAMBULO

Um domingo, no Rio de Janeiro, acordei tarde, fóra de costume. O sol já alto entrava pela janella do meu quarto, enchendo-o de alegria, pondo grandes nesgas de luz sobre o papel florido d'ouro, que vestia as paredes. A casa estava silenciosa, como deserta, ouvindo-se apenas em baixo, na rua, o vozear alegre de alguns grupos de caixeiros, que estacionavam pelas portas, combinando o passeio do dia, e ao longe o rodar pesado dos *bonds*, que desciam pela rua da Alfandega.

Alguma cousa de estranho, de anor-

mal se passava no meu ser, acabrunhando-me, collocando-me n'uma modorra, n'uma inconsciencia dolorosa de espirito. Eu procurava descerrar as palpebras, encorporar-me na cama, erguer-me, ir gosar esse bello domingo cheio de luz, de sol, de azul, mas uma força estranha, violenta, desconhecida, prendia-me ao leito. As idéas accumulavam-se-me no cerebro, confusas, amalgamando-se, torcendo-se, volitando como n'uma dança macabra em magica de apparato. Queria pensar, disciplinar as idéas, ter força sobre mim, encarar a luz, o sol, tudo quanto me cercava, mas o pensamento vago como que se delia n'um delirio, n'uma inconsciencia que me collava ao leito.

Palmeiras verdes, recortadas n'um ceu azul, urubus pastando por entre feiteiras em flôr, montes de cadaveres descarnados, multidões raivosas e movimentadas, creanças risonhas e amaveis, tudo pas-

sava pelo meu espirito como que illuminado por um cosmorama fatidico, que me affligia e suffocava. A momentos eu sentia como que umas mãos ferreas apertarem-me a garganta, produzindo-me uma grande sensação dolorosa.

Passou-se tempo, muito tempo. O sol ia alto, a casa continuava silenciosa. Era dia de sueto, tudo tinha partido na alegre convivencia do *bond* para longe d'essa atmosphera pestilencial do Rio de Janeiro; todos andavam lá longe, entre os verdes palmares dos suburbios, a frescura dos morros ou a alegria dos jardins publicos, tomando um pouco do bom ar.

Porque estava eu ali só, manietado, soluçante, afflicto?

Que força superior me prendia, me impedia de reunir ideias, de formar pensamentos completos?

O delirio permittia que eu me interrogasse vagamente, mas não consentia a

complexidade do pensamento, a consciencia nitida do *eu* humano.

Repentinamente, uma ideia violenta e rapida como um raio atravessou-me o espirito, dispertando-me da modorra.

A febre! Era a febre que me devorava, que me carbonisava as entranhas, que me collava ao leito.

Fiz um esforço sobre mim mesmo para gritar, para pedir soccorro; mas a casa estava deserta; tudo tinha partido a retemperar as forças no bello ar dos campos, na frescura dos morros.

Lá dentro, perto da cosinha silenciosa, um sabiá cantava, esvoaçando a espaços na gaiola e o relogio da casa de jantar seguia imperturbavel no seu palpitar metalico.

Então, vendo-me só, sem forças para me erguer, com os labios escaldando, os braços como que manietados e uma dôr horrivel em todo o cerebro, principiou a

esclarecer-se-me o espirito, a voltar á consciencia dos factos, a conhecer a minha situação.

Era já tarde, duas horas, talvez, e eu encontrava-me agonisante, só no quarto d'uma casa deserta, sem tratamento n'uma doença em que a rapidez dos medicamentos, unicamente, pode evitar a fatalidade da morte. O vomito negro, que eu vira muitas vezes, e que é a sentença fatal para todos aquelles que são atacados da febre amarella, não tardaria e no dia seguinte estaria morto, coberto de terra, entre as verdes palmeiras do cemiterio da ponta do Caju.

O pensamento confuso da morte penetrou todo o meu ser, deixando-me como que ante-sentir os tormentos que me estavam reservados.

Um desanimo grande veiu quebrar-me as poucas forças que me restavam, deixando-me, porém, o cerebro mais livre

para o pensamento claro e reflectido. Principiava a conformar-me com a minha situação e a olhar a morte como uma fatalidade inevitavel. Passava em revista a minha vida de trinta e sete annos de trabalho, de privações, de ambição nunca satisfeita e a ideia de morrer, de descançar d'esta lucta tão tormentosa, apparecia-me como um refugio, quasi como um oasis. De que me servia a vida, recamada de dôres, de sacrificios, de cuidados? Perdida toda a poesia, todas as illusões que debandam cedo do coração d'aquelles que cedo principiam a soffrer, a existencia é um aborrecimento triste e bem monotono!

Viver! Viver! Como é bom quando se tem vinte annos e as illusões nos douram todas as esperanças e as esperanças nos avigoram a alma! Como é, porém, triste a vida logo que as illusões se evaporam ao calor da incruenta lucta pela

existencia! Lucta improfiqua, lucta sem treguas, combate de vaidades ephemeras e de interesses mesquinhos, em que, para sahirmos triumphantes, temos de sacrificar os nossos irmãos!

Conformado, sem resistir, deixava assim deslisar o pensamento, quando uma nova série de ideias me fez deter, e variar de rumo.

Pensei então na patria, que me ficava lá tão longe, do outro lado do Atlantico; na cidade onde nascera com a sua pinha de casitas brancas e os seus verdejantes choupaes; nos amigos, que eu via perdidos por todo o globo e na familia, que me ficara lá em Lisboa. O que faria ella aquella hora, emquanto eu agonisava ao abandono n'um recanto de uma cidade da America? Naturalmente os meus filhos, descuidados, brincariam alegremente ém S. Pedro de Alcantara, na Patriarchal ou em qualquer d'esses jardins

que fazem em Lisboa a alegria das creanças. Parecia-me vel-os contentes, saltando, suppondo-me alegre e feliz. Senti então que duas grossas lagrimas se me desprendiam das palpebras e deslisavam lentamente por sobre as faces ardentes. Necessariamente era preciso viver para elles. A inercia à qual me entregava era uma cobardia digna de punição. Tornava-se necessario ser homem, luctar, combater a molestia que ameaçava arremessar-me ao tumulo.

Rudemente, reunindo todas as forças que me restavam, procurei sentar-me na cama; mas os braços e a cabeça, como se fossem de chumbo, recusavam-se a executar os movimentos que o cerebro indicava; procurei descer do leito, mas os tendões das pernas como que puchados por uma força mysteriosa (a caimbra) não me deixavam suster em pé.

Desesperado, raivoso, pretendi cami-

nhar. Vergaram-me as pernas e rolei no chão.

Conforme pude arrastei-me até junto de uma mala, onde guardava uma poção purgativa. Os tormentos que passei para poder levantar a tampa, encontrar uma garrafa e tirar-lhe a rolha não podem escrever-se.

Senti-me extenuado; apenas me recordo de ter bebido, bebido muito da poção que a garrafa continha e que não conseguiu apagar-me a sede que me devorava. Depois perdi o conhecimento, não sube mais o que se passou. Quando me recordo hoje d'estes momentos de incompleta inconsciencia parece-me ter dormido um somno pesadissimo. A morte deve ser assim.

Ao voltar a mim encontrei-me balançado n'uma maca que dois homens transportavam. O som metallico, vivo, do aviso do bond electrico soava perto

de mim. Olhei por uma frincha que se rasgava a um dos lados da maca e conheci que estava no largo da Carioca.

Era quasi noite; a multidão alegre, risonha, satisfeita, apeava-se dos *bonds* e enchia todo o largo. Os vendedores de *balas* e pastilhas, gritavam por entre a multidão, offerecendo o resto da mercadoria. No café *Carioca* o vozear dos homens, o rir das mulheres e o tinir das louças, punham no ar um ruido cheio de alegria. A' porta do restaurant *Paris* grupos de homens, entre os quaes se destacavam os galões dourados de alguns officiaes, conversavam, gesticulando. Na confeitaria Menéres, já fortemente illuminada, via-se o movimento dos caixeiros, servindo os freguezes e ouvia-se, muito apagado pelo ruido da multidão, o som abafado das balanças batendo sobre os mostradores. E ao fundo, junto á

rua de Gonçalves Dias, os vendedores apregoavam a *Nóticiá târde* e o *Jórnal.*

Tudo era ruido, alegria, contentamento contrastando com a tristeza sombria da maca que me transportava e de que todos se afastavam, receiosos e indifferentes.

Chegado ao hospital e estendido sobre a primeira cama que o enfermeiro designou, alli me quedei longas horas sem pessoa que se abeirasse de mim. A sede devorava-me e o espirito alquebrado, mas muito mais limpido, deixava-me ver em toda a sua plenitude a grave situação em que me encontrava.

Alli estive muito tempo só, pensando ao acaso nas cousas mais tristes d'esta vida de miserias e de tormentos.

A somnolencia com que a febre me principiara tinha-se convertido n'uma insomnia inquieta e dolorosa. Passei a noite

n'uma agitação mortificante, mas consciente.

Sobre a madrugada ouvi abrir a porta do quarto, e na meia luz que um pequeno bico de gaz fornecia, vi desenhar o vulto gentil d'uma mulher que não teria mais de trinta annos.

Era uma irmã de caridade.

Chegou-se a mim, e com um carinho verdadeiramente evangelico, aquella pobre creatura amortalhada n'um habito, fez-me, em poucas palavras, conceber a esperança da vida.

Chamou-me o espirito para Deus; mas a rasão, n'este momento clara, obrigou-me a recordar-lhe as cousas mundanas, pedindo-lhe os medicamentos de que carecia.

O carinho, a dedicação e sobretudo a confiança com que esta mulher me tratou durante os longos dias que passei n'um quarto do hospital, deixaram no

meu espirito a mais santa das venerações pelas irmãs hospitaleiras.

Quando penso hoje, serenamente, na abnegação d'estas almas dedicadas a consolar os que soffrem e a curar os que padecem no abandono de um hospital, toda a minha alma se sente impressionada da mais santa veneração.

A philosophia moderna, no rigor do seu pensamento, condemna-as porque ellas as pobres e convictas, deixam a patria, a familia, o proprio nome, para vestirem um habito e seguirem uma vida errante e tormentosa; mas é necessario que a philosophia saiba, que se ha falta no desprezo com que ellas abandonam o mundo, essa falta é resgatada pela dedicação com que se votam a mitigar as dôres da humanidade que soffre.

Era franceza a irmã que de mim se abeirou e a sua historia, contada nas longas horas que a doença me obrigou a

ficar inactivo no leito, póde dizer-se um poema de lagrimas e de infelicidades, que daria um bello romance, se o respeito pela confidencia carinhosa não impecesse a penna do romancista.

Foi esta mulher, verdadeiro typo de virtude sem fanatismo, coração educado no soffrimento e alma destinada a consolar infelizes com a coragem do proprio infortunio, que me offereceu um volumoso manuscripto, que ella não entendia, por comprehender muito mal o portuguez, manuscripto que lhe tinha sido confiado por um homem de Lisboa, fallecido havia poucos dias de febre amarella, no mesmo hospital em que eu me encontrava.

Pelo pouco que ella comprehendera o portuguez, pelas muitas lagrimas com que o vira despedir d'esta vida de tormentos, adivinhára n'elle um seu irmão no infortunio, morto longe da patria, da

familia, dos amigos, na aridez de um hospital de desgraçados.

Dando-me o manuscripto, pediu-me que lhe dissesse o que elle continha, e que, se valesse a pena, fizesse d'elle um livro, que ella mais tarde podesse ler, quando conhecesse o portuguez, que estudava com interesse.

Não podia deixar de satisfazer ao pedido, que para mim representava um agradecimento.

Sahi do hospital e, no doce remanso do hotel de Paineiras, á beira estrada do Corcovado, onde fui convalescer, principiei a leitura, receiando ir deparar com banalidades sem proveito. Não succedeu assim: — o manuscripto revelava uma d'estas tragedias que se desenrolam em silencio, ao abrigo de todas as leis sociaes, sem merecer attenção á reportagem dos papeis diarios, nem á justiça dos nossos tempos de humanidade.

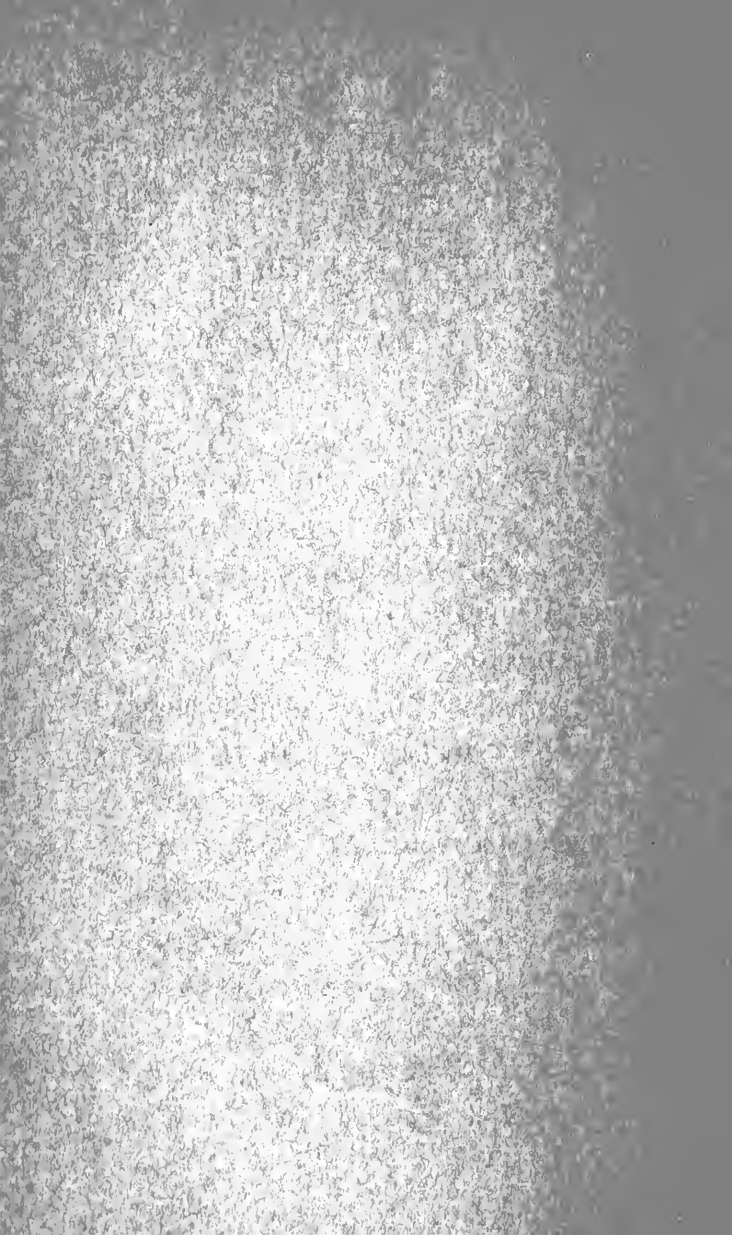
Dando-me a conversar o manuscripto, tal interesse me despertou sua leitura que, regressando a Portugal curei de alcançar noticias e promenores que elle não attingia, mas que deixava antever. Em Lisboa e em outra viagem que fiz ao Rio de Janeiro colhi os materiaes necessarios não para architectar um romance cimentado de phantasia, mas para fazer uma narrativa, repugnante por descrever o vicio, mas interessante por ser verdadeira e repassada de lagrimas.

Resolvi escrever o livro para o depôr nas mãos da santa enfermeira de bastantes dias de dôres. Confesso que elle não fica de molde para figurar na cella d'uma irmã de caridade; mas póde entrar na bibliotheca de toda a mulher de coração. Parece-me que é humano porque é verdadeiro. Não resolve problemas nem discute philosophias:—conta a historia d'alguns desgraçados, uns delidos na podri-

dão do vicio, outros suffocados no martyrio das lagrimas e dos convencionalismos sociaes.

Quem procurar paginas amenas, onde deseje vêr prepassar prados em flôr e amôres castos e serênos, quede-se por aqui porque não encontra o que deseja.

Se os viciosos farejam n'estas paginas sensações que lhe alimentem os seus instinctos de degenerados, pódem tambem fechar o livro e escolher outra leitura. Aqui só se descreve o vicio para se pôr em relêvo a repugnancia que elle meréce a todos os cerebros equilibrados.

I

Sete da noite; fim do mez d'agosto; praia da Figueira: — são os traços mais fortes do desenho.

Esbocemos:

— Não era assim — dizia Luiz de Mello. cofiando demoradamente o bigode. O Magalhães jogava regularmente as carambolas; tinha jogo variado, grande certeza em bolas de tabella; mas estava muito longe, muito, do Mayer, um francez que elle vira o inverno passado no Montanha, em Lisboa.

João Capella defendia o Magalhães, brazileiro adoptivo como elle, mas mais

velho. Magalhães era um dos melhores tacos que elle conhecera aqui e no Rio, onde frequentara os principaes cafés e vira tudo quanto de bom a grande cidade tinha.

Nos sete bilhares da rua do Ouvidor, á esquina da rua Uruguyana, vira uma noite um paulista fazer sessenta e tres carambolas a seguir, ganhando uma aposta de oitocentos mil réis; outra occasião no bilhar da Guarda Velha, vira um turco, que diziam ser *caften* e trazia os dedos cheios de brilhantes, jogar durante meia hora sem errar uma carambola. Fazia das bolas o que queria, parecendo que as trazia magnetisadas. Elle, Capella, sabia o que era jogar o bilhar e conhecia que o Magalhães era o melhor taco da Figueira; não havia quem se lhe avantajasse.

Mello continuava combatendo contra os meritos de Magalhães. Tinha um jogo

feroz, dizia, sempre a defender-se, atirando só pela certa, receiando ter de pagar a partida...

E questionando iam os dois descendo a rampa que deriva da rua da Concordia para a do conselheiro Silva.

Ao longo da praia, por entre a copa do arvoredo que se estendia a perder de vista, como uma fita negra posta sobre o escuro transparente do ceu sem lua, reinava silencio. A distancia, para além do horisonte escuro lagrimejado de candeeiros de gaz, ouvia-se o vozear alegre da multidão que enchia a praça Nova e o Caes e o rumor da orchestra do baile infantil. Nos predios da esquerda da rua, alinhados, esguios, viam-se algumas janellas cheias de luz onde se debruçavam mulheres vestidas de branco, de cabellos cahidos sobre as espaduas. Para o lado do mercado, já longe, ouvia-se o som d'um piano que tocava a marcha da *Ca-*

diz e ao fundo, para além do jardim, ouviam-se rodar, a espaços, trens que corriam em diversas direcções.

Os dois pararam, discutindo opiniões sobre carambolas, fallando de jogadores e de bilhares, questionando, de rosto chegado e bengala em punho.

Na sombra, caminhando para elles, principiou a destacar-se um pequeno ponto negro, que pouco a pouco foi tomando corpo, avolumando-se e se revelou uma mulher. Era uma rapariga que apresentava os seus vinte e seis annos, baixa, rosto largo, olhos pretos e fulgurantes, cabello alourado e tez clara, — um d'estes typos de mulher em que o norte de Portugal é fertil. Por sobre um vestido de chita, esbranquiçado, levava um chaile castanho, de barra azul e branca, dobrado em bico. Na cabeça um lenço de seda azul com flores brancas. Caminhava apressada, occultando parte do

rosto no chaile, que segurava com as duas mãos.

Luiz de Mello e João Capella estavam parados, discutindo, na borda do passeio, quando a rapariga passou por elles.

— Adeus, como está?— interrogou Capella, pondo na voz ternuras de namorado.

— Adeus, sr. Capella, contestou a rapariga, a Mariquinhas da Bandeira, como vulgarmente lhe chamavam na Figueira.

— Então, por aqui? anda espreitando o Lemos, — seguiu Capella.

— Não senhor. Isso acabou.

— Quem gosa agora essa belleza?

— Faz favor de não troçar, sr. Capella. Olhe que quem manga tambem morre.

— Morrer era precisamente o que eu desejava; mas morrer abrasado pelo fogo d'esses olhos que ferem como settas e

são insensiveis como as pedras da calçada.

— Quem lhe fez mal — disse a Bandeira rindo — para se encontrar n'esse estado?

E por entre um sem numero de perguntas alegres, a que a Bandeira respondia sorrindo, deixando ver uma bocca graciosa, ornada de duas fiadas de dentes alvos e certos a conversação seguiu alegre e picaresca. A Bandeira dizia que não tinha agora casa na Figueira porque ainda na vespera chegara de Lisboa, onde deixara a sua casa e todas as suas cousas. Vivia com o pae e pouco se demorava; tinha que fazer em Lisboa; a Figueira já lhe não agradava; não se podia ali morar por causa da intriga que reinava...

— E o Lemos? — interrogou Capella com intenção maliciosa.

— Eu quero cá saber d'elle! Um malvado que me deixou sem motivo algum.

Ainda agora quando lhe passei em frente da casa estive para lhe atirar duas pedras pela janella dentro. Malvado.

— Deixemos-nos de historias — disse Capella, baixando a voz. — Eu e este amigo desejamos fazer-lhe uma visita... póde ser?

— Póde — respondeu a Bandeira, ironica — mesmo em casa de meu pae... Tinha graça... mas o papá Bandeira é que não gostava e naturalmente todos nós apanhariamos uma tareia formidavel.

— Se a difficuldade consiste na falta de casa — respondeu Mello intervindo na conversação — é facil dar-se-lhe remedio. Ha por ahi muita casa; aluga-se uma.

A Bandeira, primeiro hesitante, resistindo calculadamente, foi pouco a pouco entrando em promenores, dando detalhes, aplanando o caminho. Não era necessario alugar casa. No dia seguinte ia viver com um cunhado e uma irmã e

então, no seu quarto, poderia receber quem quizesse, muito á sua vontade, sem ter que dar satisfaçõees a pessoa alguma. Só o que não queria era troça, porque na Figueira tudo se sabia e ella não gostava de andar nas boccas do mundo.

Mello e Capella promettiam seriedade e silencio. Tudo ficaria em mysterio. Tambem lhes não convinha a elles que se soubesse cousa alguma. Em segredo tudo se podia fazer, sem darem nas vistas, sem dispertar murmurios.

— Então ámanhã ás 8 horas, n'aquelles bancos fronteiros á casa do conselheiro Silva, esperamol-a, — disseram os dois.

— Combinado, — contestou a Bandeira.

E déram-se as mãos, despedindo-se.

Mello e Capella seguiram ao longo da praia, a caminho do café Atlantico.

A Bandeira seguiu para os lados do Bairro Novo.

Pertencia ás chronicas da baixa aventura figueirense a historia da Mariquitas Bandeira, como vulgarmente a tratavam. Era uma historia escandalosa e curta, comparavel á de todas as mulheres que a natureza parece destinar para a repugnancia do vicio. Desde muito menina que o seu temperamento se insubordinava contra o sentir geral das creanças da sua edade. Furtava de casa o que podia, que ia vender para comprar gulodices, ou que offerecia a outras creanças suas companheiras. Sendo ainda muito nova principiou a accentuar-se o seu caracter extravagante de contradicção, de desequilibrio. Umas vezes viam-n'a rir, rir, rir, sem o mais pequeno motivo que justificasse a sua alegria; outras occasiões, sem cousa que lhe dispertasse pezar, tornava-se intratavel, respondona, aggressiva. Procurava sempre os devertimentos mais incompativeis com o seu sexo, buscando a

companhia dos rapazes mais travessos e os jogos mais improprios d'uma rapariga. Por diversas vezes fora surprehendida em brinquedos deshonestos com rapazes precoces nos prazeres da carne. Mentirosa por condição, por vicio, por um sentimento que nem ella podia comprehender, tinha satisfação em desvirtuar todos os factos, em phantasiar intrigas, em narrar successos unicamente creados na sua phantasia. O castigo, as sóvas que os paes constantemente lhe applicavam, longe de a desviarem do caminho que trilhava, longe de lhe minorarem os instinctos maus, pareciam abrir-lhe novas portas para o mal, para a preversão. Aos quatorze annos principiara por roubar um cordão d'ouro, servindo-se de meios astuciosos. Fôra empenhal-o em seguida e com o dinheiro comprara muitos doces, vestidos para as amigas e uns brincos para si. Como era menor deram-lhe ape-

nas trez mezes de prisão, condoido o juiz da precocidade do vicio. Aos dezeseis annos, tendo já avultações de mulher, suggestionada pela Bella, uma megera recosida no crime, prestara-se a satisfazer as paixões carnaes d'um devasso entrado em edade, o Cardia, que a desflorára com a promessa de muitos vestidos. Deshonrada amancebara-se com um guarda d'alfandega, que a deixou em seguida. Depois fugira aos paes, fôra para Lisboa, para Evora, uma perdida, até que o commendador Lemos gostara d'ella e lhe pozera casa, a enchera de joias, a collocara n'um bem estar excepcional. Mas a Bandeira não se emendara; na ausencia do Lemos mettia em casa os homens que lhe faziam frente; enchia-os de presentes, cobria-os de caricias. O commendador aborrecera-se, deixara-a e agora fugia ao escandalo que ella lhe armava em todas as partes onde o encontrava.

Em Lisboa, d'onde viera ultimamente, seguira toda a escala do vicio, da prostituição clandestina e torpe. Fôra camarera, faniqueira, vadia. Tão depressa se dedicava ao trabalho, indo para a modista, para o Grandella, para os grandes *ateliers* costurar, como se abandonava ao vicio, correndo á noite as ruas da baixa, procurando aventuras.

Ultimamente, vendo-se em Lisboa sem recursos de qualidade alguma, devendo ao padeiro, ao carvoeiro, na tenda, a todos os fornecedores; não tendo dinheiro para a renda da casa nem para as exigencias da vida, resolvera seguir para a Figueira, variar, deixar Lisboa que já lhe desagradava e onde já era muito conhecida.

O tempo era proprio; tempo de banhos; principio de setembro; a Figueira cheia de banhistas avidos de sensações e de aventuras.

Mello e Capella seguiram pela praia. Da direita, o Mondego pacifico quebrava de espaço a espaço com um ruido fraco, as pequenas ondas que se erguiam. Os hiates ancorados perto de terra pareciam phantasmas negros, gigantescos, aqui e além lagrimejados de pequenos pontos luminosos. Do outro lado do rio, na Gala, umas pequenas luzes erravam no escuro da noite.

Ranchos de banhistas, conversando, caminhavam, lentamente, de regresso da Praça Nova. Ouvia-se o palrar alegre das hespanholas; o riso estridulo das creanças e o bater forte dos tamancos dos pescadores nas pedras da rua. Á entrada do hotel Reis, lá dentro, desenhava-se a escada fortemente illuminada e por uma porta aberta do andar inferior descobria-se uma ponta da mesa do jantar com duas jarras de flores e os pratos em volta. No Plangana, os moveis poli-

dos de fresco tinham listas luminosas que se casavam com o brilho dos espelhos e o rutilar dos metaes. A' esquina do hotel Mondego um homem baixo, de chapeu largo e sobrecasaca, crusou-se batendo com a bengalla. Um sujeito alto passou rente, cumprimentando Capella.

O ruido augmentava. Iam chegando á Praça Nova. Em volta do quadrilongo central, renques de leques de gaz desenhavam-se com vigor no escuro da noite. Ao fundo, no coreto, uma orchestra tocava um tango hespanhol, que era dançado em toda a praça por centenas de bébés. Ao lado esquerdo, duas filas de cadeiras continham a gente de qualidade, homens enluvados, mulheres de chapeu, typos de endinheirados.

Capella, que residia quasi todo o anno na Figueira, ia explicando a Mello, que era banhista, a qualidade das pessoas, a edificação dos predios, as residencias

dos conhecidos, finalmente uma multidão de cousas.

Mello escutava indifferente as palavras do seu amigo, olhando sem curiosidade, unicamente por comprazer, as construcções que elle lhe ia indicando. Sentia-se abstracto, como que empolgado por pensamentos vagos, apparecendo-lhe de tempo a tempo, nitidamente desenhados na memoria, os olhos negros, brilhantes, sonhadores, da Bandeira.

Eram oito da noite. Mello e Capella entraram no *Atlantico*. A esta hora o café estava replecto de freguezes. Ao fundo da grande sala, um numeroso grupo olhava o jogo nos bilhares. Fazia-se um ruido forte em todas as mezas; os creados passavam apressados, conduzindo bandejas com garrafas, copos, chavenas. De algumas mezas chamava-se, batendo com o dinheiro sobre o marmore, gritando, pedindo. N'uma pequena

mesa, encostado a uma das columnas, um sujeito de suissas e luneta, olhava interessado a multidão, tendo na frente um copo de cerveja, meio vazio. N'outra banca tres rapazes jogavam o dominó, conversando e rindo.

Capella seguiu para o fundo, para os bilhares, emquanto que Mello ficou parado, logo adiante da porta, olhando pelas mezas, procurando alguem conhecido. O barulho parecia incommodal-o, fazer-lhe grandes desejos de solidão, onde podesse á vontade dar redeas ao pensamento. Sentia-se preoccupado, dominado por uma impressão que não podia repremir, tinha desejos de ver-se só, longe do ruido, do movimento, da multidão que o incommodava.

Sahiu para fóra, encostou-se á parede entre as duas portas do café. O ruido da Praça Nova ia-se extinguindo; o coreto estava já em trevas. Para o lado do

Caes uma voz de homem gritava, chamando.

II

Luiz de Mello opinava por que a mulher não appareceria á entrevista combinada. Capella era de opinião contraria.

— São desavergonhadas; o que querem é dinheiro,— dizia elle, gesticulando, de bengala em punho. Mello punha embargos ao dizer de Capella. Que não era tanto assim; que talvez a rapariga tivesse homem; que teria feito a combinação unicamente para se divertir, para os troçar.

— Qual homem, nem meio homem — objectava Capella.— Este genero de mulheres em se lhe acenando com meia corôa não ha respeito nem dedicação a homem que as contenha. Tu estás a lêr

por um breviario muito errado; vives ainda no reino lunatico do romantismo. Lembra-te sempre do que te digo: — este genero de mulheres, em lhe cheirando a meia libra em ouro, enganam todos os homens do Universo. Actuam n'ellas dois factores: — o interesse e o prazer de illudir aquelles por quem se julgam amadas.

E principiou narrando casos que lhe tinham succedido ali mesmo na Figueira e em Lisboa. Uma verdadeira pouca vergonha; o mundo estava perdido. Elle conhecera uma rapariga que comprára o enxoval para o casamento e puzera a casa ao noivo com os interesses dos homens adventicios. E o noivo nunca déra por cousa alguma... nem sequer depois de casado... uma verdadeira pouca vergonha, menino, repetia elle.

— Mello não achava o facto novo. Vinham de longe esses casos de immora-

lidade. E citava exemplos da Grecia, de Babilonia, de Carthago. Os tempos passavam, arrastando os homens, mas as paixões, as monstruosidades ficavam implacaveis, como que para vergonha da humanidade.

Sentados n'um banco, no largo do conselheiro Silva continuaram discutindo immoralidades, apontando factos, relatando impressões. Pouco a pouco a conversação foi derivando para a Bandeira. Capella gabava-a, como mulher; tinha dado epoca na Figueira; o Lemos, um homem sério, um cavalheiro distinctissimo, sujeito de fina educação, chegára a apaixonar-se por ella, andara louco, mas fôra obrigado a deixal-a, porque ella o compromettia em toda a parte, o trahia a cada momento. O Sousa, o da loja de ferragens, tinha gasto com ella um dinheirão, comprára-lhe joias de alto valor, sacrificara-se, mas a Bandei-

ra fizera-lhe o mesmo que tinha feito a todos os outros, não podia viver só para um homem.

— Tu vaes ver — continuava Capella — que é esplendida mulher, mas acautela-te, se lhe dás confiança estás perdido, come-te até aos ultimos cinco réis e tu ainda tens que lhe ficar muito agradecido.

Luiz de Mello sorria dos receios de Capella. Elle sabia bem o que eram mulheres, não seria a nova Margarida da Figueira, que o converteria em Armando retardario.

— Gosa, gosa, — dizia Capella — hoje é para ti, mas, ámanhã tens de conceder-me licença . . . com ou sem ciumes . . .

Em frente do banco onde os dois estavam sentados via-se um vulto de homem, no circulo luminoso desenhado por um candieiro de gaz, encostado ao

muro, do lado da praia. Ao fundo o mar negro e ruidoso, desenhava-se na escuridão da noite com um tom mais carregado. Ao longe, o pharol de Buarcos era comparavel á luz de uma vella no fundo de um grande corredor escuro. Do lado contrario ao pharol brilhava o pharolim do Forte, para além do qual as trevas eram pingadas de luz pelos candeeiros da illuminação publica.

Dois sujeitos altos, typos de padre, compridas sobrecasacas pretas e chapéus largos, passaram junto do banco onde os dois esperavam, pigarreando alto e olhando de soslaio.

— Conheces aquelle, o mais alto? — interrogou Capella, apontando.

Que não conhecia, contestava Mello, chupando a ponta do charuto que já principiava a queimar-lhe a boquilha.

— E' o padre Soares, um politico terrivel, que dispõe da votação do conce-

lho de Pombal. Ultimamente, talvez por não ter politica para fazer, mettera-se a casamenteiro, arranjando mulheres ricas para os seus galopins.

Mello ria com a chalaça, achando-a encantadora pela originalidade, e commentava:

— E' curioso. Os cofres publicos estão sem ceitil. Para cada emprego ha dez empregados. A mesa do orçamento deixou de ser o refugio pecatorum dos imbecis, que já teem a intelligencia sufficiente para se não deixarem morrer de fome, para ser propriedade dos poucos derigentes concordes nas partilhas. O que resta, pois, para premio dos galopins emeritos? — interrogava elle — O casamento rico! A influencia sacerdotal é de primeira ordem em assumptos matrimoniaes. Ergo, o padre, que póde ser o primeiro casamenteiro, está-lhe reservado o futuro do primeiro influente elei-

toral, o unico esteio de toda a grande e engraçada machina de fazer deputados.

E riram, os dois.

Do lado da rua da Inauguração abriu-se uma porta com estrondo, e um sujeito baixo, de suissas, fumando charuto, de chapéu de palha, sahiu acompanhado de dois enormes cães, que pulavam no largo, latindo.

— Decididamente, a mulher não vem — disse Mello. — Tu erraste no conceito que fizeste d'esta sacerdotisa do amor. Esta Venus figueirense não accende o fogo sagrado por meia corôa, nem sequer por meia libra. Fomos comidos, menino.

Capella olhou o relogio á claridade do proximo candeeiro, e contestou:

— Não é tarde. Não sejas descrente. Modéra a tua impaciencia. Espera.

E cahiram em silencio.

O marulhar das aguas, alastrando-se

e fugindo pela areia da praia, ouvia-se com a regularidade de um pendulo.

O som roufenho de um relogio atrazado bateu oito horas no silencio de um predio proximo e escuro.

Foi então que, à esquina da rua do Melhoramento, no circulo luminoso de um candeeiro, appareceram dois vultos de mulher, dirigindo-se ao meio do largo.

— Ahi a tens, disse Capella, apertando a mão a Luiz de Mello e afastando-se. — Diverte-te. Vê lá se o cheiro da meia corôa a fez ou não approximar. Tem cautela não te queimes no tal fogo sagrado...

Mello seguiu direito aos vultos, um dos quaes era a Bandeira.

Que era necessario irem depressa, informou esta, porque podia alguem vel-a e ir dizer ao Lemos. Que ella já não tinha nada com o Lemos, mas não queria fazer scenas, porque parecia mal. Até

pedira á sua cunhada, aquella mulherzinha de chale que ali ia, para a acompanhar, para não dar tanto nas vistas.

A Figueira era um inferno, dizia ella, cheia de demonios, sempre assiduos em atormentarem a reputação de qualquer mulher. E mostrando-se muito offendida:

— Uma sucia de canalhas! Uns pulhas, que precisavam ser enforcados. São capazes de inventar todas as infamias só para desacreditar uma mulher.

A casa que a Bandeira tinha alugado, e onde ia viver de parceria com a cunhada e um irmão, estava situada n'uma rua larga, um pouco solitaria e de aparencia póbre. Na loja ficava a cozinha, fronteira á porta d'entrada. Uma mesa velha de pinho, trez cadeiras, alguns pratos de

faiança de Coimbra—era toda a mobilia d'este aposento. Do lado direito, quando se entrava, a chaminé negra, tendo ainda restos de fôgo, dava ao pequeno compartimento um aspecto de prisão suja. Pelas paredes poucos utensilios de folha, pendiam de prégos n'uma desordem condemnavel.

D'esta pequena casa passava-se ao andar superior por uma escada ingreme, velha, gemendo a cada degrau que se subia, construida em dois lanços cruzados. Ao cimo d'ella, dois compartimentos feitos de madeira formavam um corredor estreito. O tecto, em triangulo, obrigava, no corredor, a baixar a cabeça, subindo no interior dos compartimentos para novamente baixar na parede da rua. Sentia-se o cheiro da lavagem recente dos soalhos.

A Bandeira entrando e guiando Luiz de Mello para o andar superior, pedia

desculpa do desarranjo, motivado pela falta de tempo. N'aquelle mesmo dia se mudara, fizera a limpeza, collocara os objectos. Não tivera tempo para mais. Que desculpasse. Ella quizera alugar uma casa melhor, mas não a encontrara. N'aquella epocha era um inferno na Figueira para se alcançar uma casa. Estava tudo alugado pelos banhistas e alguma melhor que apparecia pediam um dinheirão pela renda.

A primeira porta do corredor, á esquerda, no sobrado, era o quarto da Bandeira. Esta entrara adiante, accendendo um candeeiro de vidro azul, de pé esgalgado, que illuminou o quarto d'uma luz debil, amarellada.

N'uma pequena banca, quadrilonga, coberta d'um panno de *crochet*, salientava-se o retrato, em busto, da Bandeira, penteado alto e brincos compridos nas orelhas, garibaldi clara. Ao lado do *passe-*

partout, que encerrava a photographia, via-se uma garrafa de vidro azul, lavrado, com um copo da mesma côr emborcado no gargalo. Pequenas ninharias, enfeites de papel, buzios e uma caixa de papelão completavam os ornamentos da banca. Logo a seguir, para o lado da rua, uma machina de costura *Singer* estava encostada á parede, quasi ao pé da pequena janella, resguardada por um caixilho de dois vidros. Do outro lado, uma cama de ferro, de duas pessoas, coberta com uma colcha branca. Pelas paredes, léques de papel de seda e de fitas de madeira. Tal era a mobilia do quarto, onde mal se podia andar.

Ao entrar, a Bandeira tirara o lenço de seda azul com barra branca e o chale...

. . . .

. . . .

Passava da uma da madrugada quando Mello saiu de casa da Bandeira. Ia um

pouco surprehendido com as caricias, com a ternura d'aquella rapariga de chronica tão escandalosa, de antecedentes tão vergonhosos.

Quando suppunha encontrar uma mulher curtida no vicio, afeita á atmosphera dos prostibulos e á convivencia da crapula, encontrára uma rapariga simples, docil, cheia de meiguice e, talvez de sentimentos aproveitaveis.

—Que diabo—pensava elle—ou esta mulher é uma *artista* digna de observação, talento superior para illudir, ou então tem sido muito calumniada e muito infeliz.

N'aquella noite custou-lhe a conciliar o somno, pensando na Bandeira, vendo desenharem-se-lhe na mente dois olhos negros e brilhantes. Eram os olhos d'ella, não tinha que vêr.

III

Luiz de Mello andava á volta dos trinta e quatro annos. Apezar de casado com uma mulher virtuosa, cheia de abnegação e dedicada, Mello, que sabia admirar e respeitar as virtudes da esposa, tinha o impressionismo, a fraqueza, a paixão das mulheres que sabiam ou queriam commovel-o. Sentia no fundo de todo o seu ser, as infidelidades que o temperamento lhe obrigava a praticar, mas não tinha forças para resistir á tentação nem tentações que o não arrastassem para onde elle não desejava. Alma d'artista, coração sempre aberto a todas as paixões generosas e grandes, o espirito feminil como a mais genial creação do bello, como a mais fina e subida comprehensão da arte, dominava-o em qualquer ponto onde o encontrasse.

Em todas as mulheres achava sempre que adorar, estimar e observar. Como a pintura, a musica, as flores e a natureza, que o impressionavam e commoviam, as mulheres eram para elle um attractivo tão imprevisto e tão dominador, que não tinha forças para resistir-lhes não encontrava coragem para poder fugir-lhes.

Os deveres sociaes na impassibilidade das suas leis e preceitos, condemnam estas faltas, que a natureza desculpa e o temperamento justifica.

Chegara á Figueira, havia quinze dias, para passar um mez com o seu amigo João Capella, que ali tinha casa e vivia. A familia, a esposa e dois filhos, ficara em Alhandra, onde Mello vivia e possuia alguns bens, ainda que mediocres.

Mello, affeito á convivencia de mulheres de vida airada durante uma mocidade irrequieta, passada em Lisboa pelas caixas dos theatros e pelos centros da vida

facil e licenciosa, ficara surprehendido com a Bandeira n'aquella primeira noite d'amor. Em logar da rapariga estroina, viciosa, repugnante, que esperava encontrar, notou na Mariquinhas Bandeira um tom tão suave de candura, uma delicadeza tão fina, um espirito tão preparado para a ternura e para a paixão que ficou indeciso sobre o juizo que formaria d'aquella mulher que o acaso lhe deparara sobre a via publica.

Do seu espirito investigador não sahiam as seguintes ideias: — Quem sabe, talvez que n'aquella rapariga, apparentando podridões, com uma chronica marchetada de vicios, se albergasse um espirito d'élite, um espirito apaixonado de mulher, que o meio deleterio em que tinha vivido não permittisse que se desenvolvesse e se manifestasse nos seus rasgos de grandeza.

A Bandeira apparecia a Mello como

uma esphinge, um mysterio que preoccupava o seu espirito observador, a sua alma de artista.

Era necessario investigar se aquella candura e aquella dôr espiritual da sua situação, que a Bandeira deixara transparecer nas palavras repassadas de carinho que lhe dirigira, eram filhas de um sentimento natural ou se provinham de um torpe calculo especulativo.

No dia seguinte Mello relatava a Capella as suas impressões; o carinho, a ternura com que fôra recebido pela Bandeira, as bellezas plasticas que encontrara, a resolução em que estava de estudar aquelle exemplar de mulher que lhe apparecia tão diverso do que esperava encontrar.

Capella rira-se do desejo observativo, duvidara d'elle.

— Estás doido, homem! Aquillo é uma desavergonhada que te come os olhos,

se não te acautellares. Manda-a á fava. Tudo isso são cantigas para te apanhar cobre. Lembra-te que ella ia depenando o commendador Lemos. Vê lá o que fazes.

— Tu és demasiadamente philosopho — contestava Mello, sorrindo; — mas só admittes o mal. Deves lembrar-te que o mal não póde existir sem o bem e que muitas vezes se invertem os dois principios, fazendo-nos suppor mau o que é bom.

— Tolo completo e perigoso, porque tens argucia. E' penna que sejas illustrado, porque se o não fôras serias o maior parvo d'este seculo. Pois tu ainda tens a coragem de suppor alguma qualidade boa n'estas mulheres que se entregam ao primeiro adventicio por cinco tostões ou cinco mil réis? Estuda-as todas, desde Sapho até á Gautier e não encontrarás mais do que podridão. Os sentimentos bons com que

ás vezes fingem mascarar-se, não passam de uma farçada para illudir os nescios. Tu és tolo completo. Póde-se lá admittir que uma mulher que aos quatorze annos era uma ladra e aos dezeseis uma meretriz, seja ingenua aos vinte e seis? Se não te acautellas ella préga comtigo em Rilhafolles, depois de te comer os olhos.

Que não se assustasse, dizia o Mello; o contacto das mulheres tinha-lhe embotado a cellula das paixões, que cançada de funccionar se atrophiara. Estava perfeitamente inutilisada. Emquanto aos olhos não receiava coisa alguma, porque era um *menu* que lhe não constava que fosse servido, nem nos infernos. Ella se comia alguma coisa com prazer eram bifes de cebolada, não eram olhos humanos. E os bifes era necessario que lh'os pagassem... os generosos. Elle não se enfileirava no exercito dos padecen-

tes. Era cauto, já que não podia ser casto.

Mas n'aquelle dia, muito embora elle não o suspeitasse, o tempo parecia-lhe decorrer vagaroso; puchara pelo relogio, consultando-o, um sem numero de vezes, antes de jantar. Depois, docemente recostado na cama, á hora da sésta, recordara com prazer a noite da vespera, as caricias da Bandeira, os seus beijos demorados e cheios de paixão, a linda fileira dos seus dentes de neve, mil particularidades que lhe aqueciam o sangue, que lhe punham no ser desejos libidinosos.

Depois de jantar fôra com Capella até ao *Atlantico*, mas logo ás sete e meia se despediu e marchou a passo largo, caminho do Bairro Novo.

A Bandeira esperava-o á janella, dizendo-lhe em voz branda que empurrasse a porta, que estava aberta. Mello entrou. Na casa, em baixo, onde cosi-

nhavam e comiam, um pequeno candeeiro de parede illuminava a negrura de todo o compartimento. Sobre a banca, pratos sujos de comida com talheres negros dispersos. Tres mochos de pinho jaziam espalhados pela casa. Nas paredes as peças de folha pendiam de pregos de ferro. No ar havia um cheiro nauseabundo, a peixe cosido e comida decomposta.

Luiz de Mello subiu a ingreme escada que conduzia ao primeiro andar e que lhe soltava gemidos debaixo dos pés, como se quizesse desconjunctar-se; no alto d'ella estava a Mariquinhas Bandeira que o aguardava com dois beijos frescos, ternos e captivantes.

Entraram no quarto.

Por onde andara, interrogava a Bandeira. Demorara-se tanto. Estivera talvez com o Capella, jogando. Podia ter vindo mais cedo; podia vir quando

quizesse. O seu irmão já sabia de tudo; não se importava.

Mello estendera-se sobre a cama disposto a estudar aquella mulher, que lhe diziam cheia de vicios e que lhe apparecia tão terna, tão meiga, tão susceptivel de seguir um caminho bom.

A Bandeira, chegando uma cadeira para junto do leito e collocando o candeeiro sobre a banca de cabeceira principiara a costurar, a acabar uma *matinèe* que tinha de entregar no dia seguinte. Era aquella a sua vida, dizia, costurar, costurar sempre, e tinha muito que fazer. N'aquelle dia nem sequer sahira. Não tivera tempo para largar a machina e tinha ali tanto trabalho que não sabia como vencel-o. E mostrava uma pilha de retalhos de diversas fazendas.

A luz forte do candeeiro batia-lhe em cheio sobre o rosto, permittindo que Mello a analysasse em todos os detalhes.

Resguardado pela sombra do *abat-jour*, olhava detidamente o brilho vivo dos olhos da Bandeira, d'onde lhe perecia escorrer um caudal de efluvios amorosos. Necessariamente a mulher impressionava-o; principiava a descobrir-lhe bellezas que lhe passaram desapercebidas na primeira noite. A linda fieira de dente alvos, emoldurada n'uma boca finamente debruada de vermelho, tinha encantos que lhe aqueciam o sangue e lhe faziam apetecer a femea com ardor. Nos cabellos alourados, rigorosamente cuidados, via uma distincção que lhe tinha passado desapercebida; todo o busto da mulher, recatado, suave, insinuante, lhe parecia muito mais bello agora, muito mais terno e amavel.

No fundo do seu ser Mello sentiu desejos de ser amado por aquella rapariga; não amado com a lascivia, com a torpeza, com o calculo com que fingem

amar as mulheres que se vendem, mas com a ternura, com a paixão, com a verdade com que amam as mulheres que se entregam.

Seria uma loucura aquelle amor que elle sonhava, aquella paixão que desejava experimentar; mas o seu temperamento exigia-a em fortes impetos superiores a toda a rasão e a todos os preceitos. Seria uma loucura, um desastre, uma vergonha, mesmo, mas era a necessidade que lhe apparecia impetuosa. E depois, que diabo, aquella simples observação, aquella experiencia, que mal lhe poderia occasionar? que dissabores ou que vergonha lhe poderia trazer?

Vendo deslizar rapida a agulha da Bandeira, fazendo-se silencio em toda a casa, Mello pensou em que talvez podesse dispertar no coração d'aquella rapariga sem cultura, sem educação, e sem virtude o germen do amor que ella, cer-

tamente, nunca sentira, mas de que seria capaz. Esta ideia encheu-o de lisonja, desejou vel-a realisada. Sem saber como, o seu amor proprio de homem sentiu-se lisongeado, e reconheceu-se superior a todos os homens se por acaso um dia podesse arrancar dos labios d'aquella mulher uma confissão verdadeira de amor.

Era necessario mostrar-se apaixonado, terno, carinhoso, para conseguir dispertar no coração da Bandeira o fogo que ella nunca sentira. Seria bom fallar-lhe de amor, de homens, de paixão, para lhe estudar o espirito, para ver a impressão que lhe causava.

Então, com um modo verdadeiramente indifferente mas calculado principiou a perguntar-lhe se ella já alguma vez amára, se já tivera affeição a algum homem, se no fundo da sua alma alguma vez, por acaso, sentira affecto que fôsse correspondido.

A Bandeira, pondo-se muito séria, começara a negar que já tivesse amado. Não valia a pena, no tempo presente, ter amor a homens. Ainda ha poucos dias, em Lisboa, uma sua amiga, a Desterro, que vivera cinco annos com um rapaz que parecia adoral-a, ficou abandonada com dois filhos, sem saber o caminho que o amante levara. Uma pouca vergonha de primeira ordem. Nada; não quero ter amor a homens.

Mello contestou, defendendo os homens. Nem todos eram maus, muitos sabiam apreciar o affecto que as mulheres lhes consagravam e uma mulher nova, bonita e terna como ella não era possivel viver sem ter affecto a algum homem.

Velho conhecedor da fraqueza feminina Mello começou a batalha atacando com lisonjas o coração da Bandeira; fallando-lhe com interesse; mostrando-se desejoso da sua felicidade.

Apertada pelas perguntas lisonjeiras de Luiz de Mello; advinhando o interesse que lhe dispertava, a Bandeira, olhando fixamente a costura, disse a Mello que effectivamente tinha amado um homem. Encontrara-o n'um baile de mascaras onde fôra com a Desterro; gostára d'elle; gostára muito; mas elle sem motivo batera-lhe um dia e ella tivera de fugir para a Figueira, para lhe escapar; era esse o motivo porque ali se encontrava. Agora, porém, esse homem era-lhe indifferente.

De confidencia em confidencia, de detalhe em detalhe, foi promenorisando fingidamente a sua vida com umas palavras tão sentidas, que pareciam tão naturaes, tão ternas, que Mello principiou a convencer-se de que aquella mulher não era uma viciosa: — era uma desgraçada. A sua alma, propensa para o bem, sempre benevolente para com os fracos, principiou a pender para o lado por onde a

mulher podia ser perdoada de todos os seus erros. A falta de educação moral, as más companhias, talvez, pensava Mello, arrastaram esta pobre rapariga para o lodaçal do vicio, onde a sociedade agora a mergulha sem compaixão. A philosophia de Capella não lhe recordava n'este momento.

A Bandeira calculando o bom partido que poderia tirar de Mello, a impressão que lhe tinha produzido, pensou logo em aproveitar a situação. Com a voz entrecortada de soluços começou a contar-lhe o principio da sua deshonra, o começo de todas as suas infelicidades. Tinha pouco mais de quinze annos quando uma visinha, a Maria Bella, a convidou para ir ficar algumas noites em sua casa. Na primeira noite apparecera ali um homem, que ella ainda não conhecia, mas que a Bella dizia que era muito boa pessoa, muito rico e que gostava muito de

a ver. Ella tinha medo d'esse homem, d'esse desconhecido, mas a Bella dissera-lhe que não fôsse tôla, que tivesse juizo, que elle lhe não fazia mal algum. Na noite seguinte o desconhecido, que era o Caetano, o velho da loja de ferro, voltára e dera-lhe uns brincos e dinheiro em ouro e não lhe fizera mal algum. Os brincos e o dinheiro guardara-lh'os a Bella, para a mãe não saber de cousa alguma e nunca mais os vira, por signal. Na terceira noite, mais tarde, estando ella já deitada, veio o desconhecido, que a forçou, dando-lhe em seguida muitos objectos que desappareceram na arca da Bella. Fôra assim a sua deshonra.

Mello objectava-lhe porque não gritára, porque não se queixara de tamanha infamia, d'uma cilada tão tôrpe. Ella, resignada, contestava que se calára com receio do pae, que era capaz de a matar, se soubesse o que se tinha passado.

— Foi o medo, unicamente, que me obrigou a calar a traição de que fui victima.

Fez-se silencio. A Bandeira toda pendida sobre a costura parecia como que sentir dolorosamente as desgraças que a deslustravam e tão baixo a collocavam na sociedade. Mello não quiz insistir, receiando magoal-a, sobre o roubo que lhe imputavam e sobre a sua vida de leviandades. Resolvera deixar o resto para outra occasião.

Na casa ao lado principiou a ouvir-se distinctamente o bater de portas que se fechavam e uma voz de mulher, elevando-se, que dizia:

— Seu canalha, seu reles, hei de arrancar-lhe os olhos. Então não querem ver, o ladrão! Rouba-me tudo, o desavergonhado. Lá vae agora o meu rico casaco. Malvado!

Uma creança chorava, chamando:

mãe! Na rua ouvia-se o cochichar de visinhos que commentavam a scena.

A Bandeira abriu cautelosamente a janella para observar e depois, vindo sentar-se de novo, contou o que se passára, que era a repetição da scena de todos os dias.

Ao lado viviam o Leopoldo e a Leonor, que andavam sempre em guerra, uma vergonha. Elle era jogador e quando perdia vinha a casa buscar o que era da pobre rapariga, para o ir pôr no prego. Um malvado; tinha a mulher e dois filhos a morrer de fome e vivia com a Leonor a quem tinha já comido quasi tudo o que ella tinha. Ella tambem desforrava-se, recebendo quem lhe parecia, mesmo nas barbas d'elle, os homens que muito bem entendia. A Bandeira revoltava-se contra a vida d'aquelle casal, que todos os dias dava escandalo e fazia murmurar a visinhança.

— Antes morte que tal sorte — rematava a Bandeira começando novamente a costura.

Pouco depois, na escada, ouviram-se passos.

— É minha cunhada e meu irmão que se veem deitar, disse a Bandeira.

E a casa cahiu em silencio, ouvindo-se apenas o ruido secco da agulha que atravessava o panno e ao longe o bramir do mar que se quebrava na praia.

IV

Passaram-se semanas. Luiz de Mello apenas se poderia demorar mais uns oito dias na Figueira, sem escandalo. Terminára o mez que elle costumava passar na praia e apezar das cartas carinhosas da esposa, que gemiam saudades e da

recordação saudosa dos filhos, elle continuava a permanecer na Figueira, preso dos carinhos da Bandeira.

Tinha sido um desastre o encontro d'aquella mulher, que principiava a preoccupal-o e a fazel-o meditar na sua vida.

Como era que elle, pensava comsigo mesmo, tão amante da esposa, tão dedicado pelos filhos, tão extremoso pela familia, se podia deixar prender por uma mulher que, no final de contas, não era mais do que uma perdida?

Os seus desvios de momento, as suas extravangancias d'uma hora ou d'uma noite podiam explicar-se pelo seu temperamento impressionista; mas uma ligação de semanas, uma ligação que elle sentia cada hora mais apertada, mais sentida, mais viva, que explicação poderia ter? O cerebro dizia-lhe que devia tomar aquella mulher como uma loucura; aquelle

desvio como um erro; aquelle erro como um charuto mau que se deita fóra. Não queria nem devia martyrisar a esposa tão dedicada, tão virtuosa, tão boa, por causa d'uma mulher que a sociedade repellia. Precisava fugir, ir-se embora, esquecer.

A razão dizia-lhe tudo isto; a consciencia mandava-o marchar, abandonar o campo de aventuras em que se tinha mettido; mas o temperamento, a animalidade, uma cousa qualquer que elle não podia diffinir nem sabia explicar, obrigava-o a ir ficando e a procurar todos os dias os carinhos da Bandeira.

A philosophia tem muitas vezes d'estes problemas a resolver. A intelligencia manda-nos retroceder, a animalidade obriga-nos a avançar. Será o vicio que domina em lugar de ser dominado? Talvez.

Mas que culpa temos nós todos, pobres mortaes, de que o nosso organismo seja

fraco ou mal constituido? E será vicio gostar d'uma mulher que nos attrahe, que nos seduz e nos commove? Verdade seja que Mello era casado e as leis sociaes dizem que o casamento deve ser a morte do coração; mas muitos preceitos das leis sociaes são letra morta para o organismo humano que os acata hypocritamente na exterioridade, mas que no intimo os falsifica e deturpa, escarnecendo-os. Se o nosso organismo se renova constantemente, se os nossos processos d'analyse, d'impressão, vão variando com a edade, porque não havemos de ser susceptiveis de nos impressionar, de nos arrebatar, de nos commover com uma nova mulher que nos surja, quer ella venha do lôdo do vicio, quer dos arminhos da virtude?

A sociedade, a ordem, os preceitos estabelecidos dizem-nos que o dever nos manda suffocar no fundo do peito as pai-

xões condemnadas pelas leis estabelecidas; mas o coração desconhece preceitos e revolta-se contra leis que elle não dictou.

. . . .

De tres semanas de convivencia com a Bandeira colhera Mello a convicção de que aquella rapariga era susceptivel de regenerar-se, de seguir um caminho muito diverso do que tinha trilhado, e sentia-se com um desejo, com uma vontade fórte senão de a tornar uma mulher boa, virtuosa, pelo menos uma mulher moderada e rasoavel.

No espirito de Mello alem do pensamento, do desejo, de praticar uma acção louvavel, erguendo uma mulher, libertando-a da escravidão do vicio, existia tambem o sentimento vaidoso de se sentir

preferido, collocado em primeiro logar no coração d'aquella mulher.

Pelo seu lado a Bandeira sentia-se como que enleiada n'aquelle homem cheio de carinho e de amor. O calculo, o bom partido que em principio adivinhára ia desapparecendo perante a satisfação da estima de Mello. As suas caricias, o enthusiasmo amoroso com que elle a procurava, com que a cingia, com que sabia dominal-a, parecia-lhe cousa estranha, perfeitamente nova para ella. Todos os homens com quem tinha vivido mostravam-se enfastiados ao terceiro ou quarto dia de amor; Mello, pelo contrario, ia redobrando de caricias, de sentimento, de amor.

Por diversos caminhos se iam os dois aproximando, ligando-se com mais intimidade, sem saberem o motivo porque o faziam.

Apesar das repetidas reprimendas de Capella, que, como verdadeiro amigo, se penalisava com o desvio sentimental de Mello, este passava agora quasi todo o dia e a noite junto da Bandeira. Nem as advertencias do amigo, nem os seus rogos, nem as ameaças de futuros e tristes acontecimentos podiam desvial-o d'aquella mulher, que o attrahia, que o trazia como que absorvido.

Capella desesperava com o desvio do seu amigo, a quem prophetisava futuros desgostos e vexames.

— Que era uma vergonha — gritava-lhe constantemente — andar mettido com uma mulher d'aquella laia. Que na Figueira já se murmurava d'aquella ligação infame. Que todos se riam d'elle por viver com uma rapariga que tinha sido de todos.

Mello ouvia em silencio os sermões moraes e francos do seu amigo; dáva-lhe

rasão no intimo da sua consciencia; reconhecia a sua falta; mas não podia fugir aos encantos da sereia que o attrahia com uma força irresistivel.

No entretanto aquillo ia acabar; era fatal que terminasse.

Mello tinha que retirar para Alhandra, onde a familia o aguardava com impaciencia.

A Bandeira sabia-o e por duas vezes já, procurando disfarçar, Mello lhe vira descer pelas faces algumas lagrimas, motivadas por causa que ella não quizéra declarar mas que déra a conhecer claramente.

Poucos dias antes d'aquelle que Mello tinha destinado para a partida surprehendera a Bandeira a dizer a uma amiga que já estava padecendo com a recordação do que teria de soffrer quando elle retirasse da Figueira.

Luiz de Mello, para evitar lagrimas,

scenas que sempre impressionam dolorosamente, resolvera sahir um dia no comboyo sem o participar á Bandeira. Era fatal o ter de abandonal-a, de deixal-a outra vez entregue aos azares da vida que ella levara antes de conhecel-o. Para Alhandra tornava-se-lhe impossivel leval-a. Era uma terra pequenissima, onde se sabiam os mais simples pormenores da vida de qualquer sujeito; não podia dar esse desgosto á esposa que tanto o amava e a quem elle tanto queria. Era forçoso deixal-a.

Se ella se regenerasse, se entrasse no caminho que parecia desejosa de trilhar, mantendo-se fiel ao que lhe tinha promettido, visital-a-hia pelo Natal; dar-lhe-hia recursos para ir a Lisboa, onde se poderiam encontrar algumas vezes, sem escandalo; mas seguir na vida que disfructava isso tornava-se-lhe completamente impraticavel.

E tinha bastante pena de não poder seguir na mesma. A mulher soubéra commovel-o.

N'uma das ultimas noites que Mello passou na Figueira demorou-se um pouco mais em chegar a casa da Bandeira. Uma partida de desforra que jogára no *Atlantico* obrigára-o a demorar-se mais do que o costume. A' sahida, na praça Nova, entre a multidão que olhava o baile infantil e escutava o *tango hespanhol* da orchestra, encontrou o Pimenta, um amigo de Lisboa com quem teve de demorar-se, conversando. Depois, subindo a rua dos Banhos, déra de cara com o Rosado, um photographo amador que tinha feito dezesete *clichés* n'aquelle dia e que acabava de revelal-os. Alguns uma belleza, explicava elle; cheios de detalhes, vigorosos,

todos revelados a ferro; uma perfeição.

A Bandeira notando a demora de Mello lembrou-se de que elle teria ido ao Circo Saraiva de Carvalho, onde havia espectaculo n'aquella noite. Dominada pela curiosidade, só, deitou o chaile pelas costas e seguiu até á esquina da rua d'onde se via a entrada do circo, suppondo encontrar o Mello.

Tinha principiado o primeiro acto. A rua da Concordia estava deserta, vendo-se apenas, quasi ao fundo, em frente da cocheira do Pratas, dois trens parados, que um homem, assobiando, lavava. Na parede fronteira, já na rua do Melhoramento, tres janellas abertas, vomitando luz, deixavam vêr o interior d'uma casa de jantar forrada de papel claro, tendo no centro uma meza coberta de chavenas e pratos. Em volta da meza, tres pessoas, a espaços, agitavam guardanapos, lim-

pando os beiços. Um ruido tenue de louças que se chocavam alastrava-se por toda a rua. Na casa dos banhos, no primeiro andar, uma janella illuminada marcava um ponto alegre em todo o silencio do predio completamente fechado. Na esplanada, em frente do Circo, grupos pouco numerosos, conversavam alto, discutindo assumptos varios. No atrio, vivamente banhado de luz, viam-se pessoas que olhavam o cartaz impresso a vermelho e collado na parede fronteira e cá fóra, junto ao muro, á beira da rua, as vendedeiras de bolacha, falavam a meia voz por traz das lanternas de papel pintado de azul.

A Bandeira chegou á esquina mirando o Circo, muito embuçada n'um chaile escuro de grandes quadrados claros. Lembrando-se de que Mello poderia estar no bilhar do Fonseca, olhou pelos vidros das portas. O bilhar, porém, estava de-

serto; sómente, ao fundo, um caixeiro, limpava o marmore de uma mesa. Do Circo sahiam os acordes do tango da zarzuela *Toros de Puntas*, que se representava n'aquella noite. O céu estava limpido, palpitando com brilho forte as estrellas de maior grandeza.

A Bandeira encostou-se á esquina, occultando-se na sombra. Em cima, á porta do barbeiro, vozes de homem discutiam o valor das actrizes da zarzuela que estava na Figueira e muito ao longe, quasi no extremo da rua, uma creança chorava, chamando: *mãe*, *mãe*, *mãe*.

A Bandeira olhou fixamente, por alguns instantes, a grande massa do Circo, onde as janellas illuminadas eram comparaveis a grandes lagrimas de fogo dispersas sobre um throno de velludo alvadio.

Calculou que Mello tivesse ido ao espectaculo e que por ter andado sempre

acompanhado por Capella não tivesse occasião de a prevenir. Pouco faltava, porém, para o intervallo e logo que elle principiasse, Mello devia sahir; talvez que fosse ao bilhar do Fonseca tomar alguma cousa e então ella teria occasião de vel-o, de fallar-lhe, de dizer-lhe que estava ali esperando-o, cuidadosa.

N'este momento uma salva prolongada de palmas, fez-se ouvir e o vozear abafado, dizia, *bis*, *bis*. Um ruido surdo, ôco, triste, de bengalas que batiam nas bancadas da geral misturou-se com o ruido dos applausos. A seguir houve um momento de silencio e depois uma voz parecendo muito longinqua, de um actor aborrecido com a partida de o obrigarem a repetir, ouviu-se murmurar:

Ya no saben las mujeres
Sangá, sangá como vestirce
Que por detraz se han colgado
Sangá, sangá yo no sê que chispas.

Bultos por delante
Bultos por detraz
Y luego... desnudas...
Ya no tienem ná...
Sangá, sangá...

Repetiram-se as palmas mais prolongadas, mais enthusiasticas e os gritos de *bravo, bis.*

A onda do enthusiasmo, porém, foi descendo e dentro em pouco escutou-se apenas o vozear muito abafado dos actores que declamavam.

Repentinamente, ao fundo da rua da Concordia ouviram-se, voltando a esquina da rua do Melhoramento, duas vozes alegres que altercavam, rindo.

A Bandeira teve como que um estremecimento ao escutar uma d'aquellas vozes. Pareceu-lhe conhecel-a e olhando em toda a distancia da rua, viu esboçaremse na claridade debil que os candeeiros punham na rua dois vultos de homem, que avançavam.

Por um sentimento inexplicavel, forte, pudico, a Bandeira pensou em retirar-se, em fugir para casa, em occultar-se. Depois, como se um choque electrico a demovesse da primeira impressão deixou-se ficar encostada á esquina, esperando.

Os acordes d'aquella voz que ella conhecia mas que não sabia ainda definir como que a tinham magnetisado, dispertando-lhe sensações que jaziam adormecidas no intimo do seu espirito.

Os dois vultos avançaram pela rua da Concordia, dirigindo-se ao Circo. Mais proximo, distinguiu-se perfeitamente que um d'elles vestia de claro e outro de escuro.

Foram-se approximando.

Quando chegaram sob a luz do candeeiro, perto do qual a Bandeira se occultava, poude esta reconhecer n'um dos vultos o amante do anno anterior, o Souza, estudante de direito.

Os dois passaram, conversando, quasi sem olharem o vulto da Bandeira que continuava occulto na penumbra. Ella, porém, como se uma mola occulta a impellisse; como se uma força estranha a obrigasse; como se um demonio desconhecido a arrastasse, ergueu a voz e disse:

— Adeus, ó idolatrado!

Os dois pararam.

O que vestia de claro, um rapaz alto, magro, de pequeno bigode, parecendo-lhe reconhecer a voz e encarando no vulto que occultava a cabeça no chaile caminhou direito a elle. O que vestia de escuro quedou-se no meio da rua, esperando.

A Bandeira escondeu o rosto com o chaile, deixando apenas a descoberto os olhos e a testa, e o Souza, encarando-a, disse-lhe:

— Adeus, Maria, ouvi dizer que esta-

vas em Lisboa. Que fazes aqui, rapariga?

A Bandeira explicou a sua vida como lhe convinha. O que passàra durante o anno em que se não tinham visto, a sua desgraça, completamente abandonada, sem protecção. Sempre esperando que elle a procurasse, como lhe tinha promettido.

Souza inquiriu se ella morava muito longe; se viera ha muito tempo de Lisboa; se tinha casa, como vivia. A Bandeira por instincto natural, por uma força que não sabia explicar, por alguma cousa que a dominava contra sua vontade, respondeu que vivia perto, honestamente, com seu irmão e sua cunhada, que viera de Lisboa havia um mez, e que lá na cidade tinha casa sua onde vivia do seu trabalho.

— Então, vamos lá a casa, — contestou Souza, segurando-a pelo braço esquerdo.

— E o teu amigo, que está ahi?— interrogou a Bandeira, apontando o vulto que se conservava no meio da rua olhando para o Circo.

— Vae passear,— contestou Souza. E erguendo a voz:

— Oh Carlos! Espera-me no *Mondego*, que eu lá vou ter, antes das onze.

— Então que desastre é esse? — perguntou o vulto que continuava immobil no meio da rua.

Souza dirigiu-se a elle e replicou:

— E' uma rapariga que eu conheço do anno passado e que preciso falar-lhe.

— E então eu, fico a apitar?

— Ora vae para o diabo. Eu lá estou antes das onze. Não faltes.

— Bem, bem,— disse o vulto dirigin-se ao circo onde continuava a ouvir-se a orchestra e a espaços os applausos do publico.

E já de longe:

— Não te suicides, menino, que as vidas estão curtas. Eu cá vou ver as andaluzas.

A Bandeira e o Souza seguiram pela rua fóra, conversando, muito unidos. A Bandeira interrogava-o sobre a sua vida e exprobava-lhe o seu procedimento para com ella. Depois que se fôra embora não tornara a escrever-lhe, faltara a tudo quanto tinha promettido, não lhe deixara real e ella vira-se nos ultimos apuros.

Souza contestava, allegando que lhe tinha escripto, que deixara ordem para lhe darem dinheiro, mas que por esquecimento o não tinham feito. O Miranda, da loja de moveis era quem tinha a ordem, mas esquecera-se.

N'esta conversação chegaram á porta da casa da Bandeira. A porta estava entre-aberta e por uma frincha larga via-se o interior debilmente illuminado. Sentado á mesa, o irmão da Bandeira, em man-

gas de camisa, conversava com a mulher, que de pé, encostada á parede, o escutava.

N'este momento a Bandeira foi como que ferida por um raio. Recordara-se de Luiz de Mello por quem esperava e que n'aquella noite tanto se havia demorado. Se elle viesse de um instante para o outro, se chegasse n'aquelle momento, como poderia ella representar o papel que tinha representado perante Mello e desejava representar perante o Souza? Uma dor profunda, rapida, commovente, atravessou todo o seu ser e obrigou-a, instinctivamente, a respirar mais forte por um instante.

Que sorte a sua, pensou, que desgraça, como era infeliz, tendo de enganar todos os homens de quem gostava e que a podiam proteger.

Mas em seguida, como se se operasse uma forte reacção no seu espirito, em-

purrou Souza para dentro de casa e indicando-lhe a escada disse-lhe:

— Sobe, que meu irmão já te conhece. Anda depressa não te veja a visinhança, que seria uma vergonha para mim.

Souza, dando as boas noites, principiou a subir a ingreme escada que se lhe apresentava na frente, emquanto que a Bandeira, fingindo procurar phosphoros, dizia ao irmão e á cunhada:

— Se vier o Luiz digam-lhe que eu fui para casa da mãe que está hoje muito doente. Não o deixem subir.

— Vê lá o que fazes — retorquiu-lhe o irmão. — Tu nunca hasde ter juizo. Vê se arranjas por ahi alguma zaragata.

. . . .

Luiz de Mello, arreliado por tantas demoras, sentindo fugir-lhe rapidamente o tempo que destinava para gosar com a Bandeira, para se deliciar com as cari-

cias dos seus olhos humidos e dos seus dentes que pareciam morder desejosos, apressára o passo. Reconhecendo que era tarde subira rapido a pendente que conduz do jardim José Luciano para a rua da Concordia. Ao passar em frente do Circo tinha terminado o primeiro acto. A multidão invadia a esplanada, conversando alegremente. No bilhar do Fonseca, cheio de homens e mulheres, ouvia-se o ruido de vozes que pediam bebidas e o tilintar dos copos sobre o marmore das mesas. Na rua, destacando-se da poeira esbranquiçada do *mac-adam* grupos conversavam. E no ceu, d'uma escuridão transparente, lá para os lados da Galla, a lua nova ia escondendo-se com os seus cornichos de prata amarelada.

Luiz de Mello seguiu, empurrou delicadamente a porta da Bandeira e na sua frente viu sentados á luz que um can-

deeiro de parede projectava o Antonio, o irmão da amante, encostado á pequena banca de cosinha; a cunhada, em pé, com as costas appoiadas na parede e aos lados duas visinhas, rindo.

Em frente do Antonio via-se uma garrafa e alguns copos e por sobre a mesa pratos e talheres, espalhados.

Luiz de Mello entrou e ficou surprehendido de não encontrar a Bandeira. Da rua olhara a janella do seu quarto e não vira luz, como costumava ver todas as noites. O que haveria de novo? Estaria doente? E avançou para o centro da casa.

O Antonio deu as boas noites. Estava em mangas de camisa, bonnet de pala na cabeça, fechando os olhos, que lusiam no alto das faces avermelhadas.

No olhar de Luiz de Mello, na sua expressão, na forma porque a todos saudára déra a conhecer tudo quanto desejava saber.

Antonio levando a mão ao bonnet, disse-lhe:

— A Mariquinhas não está cá. Foi para casa da mãe, que adoeceu esta tarde e está muito mal.

Uma das visinhas, a Peixota, que estava acocorada, quasi na sombra, murmurou:

— É verdade, coitadinha, soffre muito da pedra da bexiga!

E a mulher do Antonio, a cunhada da Bandeira, limpando o queixo com a dobra do lenço claro que lhe caía, solto, da cabeça:

— É uma molestia impertinente. Já lá foi o *medeco* hoje tres vezes.

A conversa seguiu instantes sobre a doença da tia Piedade, a mãe Mariquinhas e do Antonio. Depois derivou para outros assumptos indo terminar na carestia da sardinha.

— Não havia uma escama, affirma-

vam. Em Buarcos o Zé Leopoldo fôra tres vezes ao mar e trouxera as redes vazias; uma cousa como já se não via ha muito tempo. Parecia que os astros andavam *entresilhados*, que era cousa de peccado.

Outra visinha, a Paulina, confirmava a falta de sardinha, dizendo que a sua irmã, que tinha o marido pescador, até se vira forçada a andar ao bacalhau, por não ter peixe para vender, e concluia:

— O que vale é estarmos no tempo dos banhos. Se não fosse o banhista havia muita fome na Figueira. O banhista é que sustenta isto tudo.

Luiz de Mello ouvia em silencio a conversação, pensando na Bandeira. Estaria effectivamente a tia Piedade doente? Ainda n'aquelle dia, de manhã, ella se lhe queixara da mãe, com quem estava mal, justificando as suas queixas

com factos que tinham repugnado a Mello.

Emquanto a Bandeira vivera com o Lemos, que lhe dava todo o dinheiro que ella queria, a mãe adorava-a, não se lhe tirava de casa, cercava-a de carinhos, porque a via farta, com libras na gaveta e o bragal abundante. Os pedidos eram constantes e a Bandeira sempre generosa trazia a mãe no luxo. Os irmãos viviam na ociosidade á custa da irmã, ou para melhor dizer, do Lemos, que tudo supria.

Agora que ella não tinha de que viver, que trabalhava para comer, todos a abandonavam. A mãe, ainda na vespera de manhã, na praia, dissera a uma visinha, que lhe fallara na filha:

— Oxalá que venha um raio que a confunda pelo chão abaixo. E' uma perdida, que envergonha as barbas do pae!

Emquanto ella tivera para lhe dar,

para a manter n'uma vida facil e abundante não era *perdida* nem envergonhava as barbas do pae... agora...

E a Bandeira, na manhã d'aquelle dia, chorando, fizera estas confidencias a Mello.

Como era possivel, que, poucas horas depois, ella esquecesse todas as grandes offensas que tanto a penalisavam e fosse tratar da mãe?

Mello não comprehendia bem este procedimento mas inclinava-se a acreditar que o amor filial a levasse a esquecer tudo e a ir tratar da mãe doente.

Despediu-se e sahiu. A rua estava deserta, ouvindo-se apenas muito ao longe, o som de um piano que tocava uma quadrilha, no *Casino Mondego*.

Impressionado com a ausencia da Bandeira, Luiz de Mello, tomou a direcção da praia, pensando em ir, sósinho, dar um passeio, meditar sobre aquelle facto que

por um motivo inexplicavel o preoccupava.

Poucos passos, porém, tinha andado, quando de uma janella pequena, da casa onde morava a Leonor, esta o chamou, baixando a voz:

— Faz favor, sr. Luiz. Quero dizer-lhe uma cousa.

Luiz approximou-se, surprehendido com a chamada. Que diabo lhe queria a mulher. Naturalmente alguma seducção...

— O sr. desculpará, disse a Leonor occultando-se na janella, mas eu não gosto de ver enganar ninguem, principalmente um rapaz tão fino como o sr. Luiz. Ha de desculpar-me mas a Bandeirita não foi para casa da mãe, como o irmão lhe disse. Está mettida no quarto, ali em cima, com o amante, o Sousa, que é estudante de Coimbra e veio agora para banhos. Já o anno passado foi uma

doudice com elle; até deu que fallar ahi na Figueira. Aquillo não tem juizo; tem perdido tão boas conveniencias... Basta recordar o que ella perdeu com o Lemos...

A Leonor presenceara a comedia e ouvira atravez do tabique a conversa do Antonio com Luiz de Mello.

Luiz de Mello permaneceu calado durante algum tempo. Sentia dentro em si como que uma sensação estranha, que nunca tinha experimentado, um palpitar exquisito doc oração.

— Tenha paciencia se o incommodo, musicava a Leonor, mas eu só quiz que soubesse o que se passou.

Mello agradeceu, mostrando-se indifferente. Não queria saber da mulher para cousa alguma, dizia; aquillo fôra uma coincidencia sem importancia. Que se divertisse e tivesse muita saude, acrescentava e despedindo-se:

— Muito obrigado e muito boa noute.

— Queira desculpar se o offendi, — dizia a Leonor.

— Eu é que agradeço, — contestou Mello affastando-se.

E seguiu rua fóra, até ao largo do conselheiro Silva.

A lua tinha desapparecido por detraz da planicie areenta da costa de Lavos; o mar bramia, soltando gemidos agonisantes sobre os rochedos do Forte e os candeeiros entornavam uma luz amarelada por sobre o terreno esbranquiçado do largo.

Luiz de Mello sentou-se n'um dos bancos. Sentia-se afflicto, sem saber explicar o motivo.

Que diabo, pensava elle, a Bandeira não o illudira. Tinha querido fazer aquella experiencia, ver se levantava aquella mulher, se prestava um serviço á sociedade; enganara-se. A mulher effectivamente era uma devassa, que não tinha coração; era

uma perdida que nunca entraria no caminho do bem.

E ficava como que satisfeito, pensando assim. Sentia-se aliviado do peso que durante dias o magoara, de ter que deixar aquella mulher ao desamparo, em começo de regeneração, quando talvez principiasse a descortinar um melhor horisonte. Mas em seguida, quando suppunha ter a sua consciencia pacificada, quando se suppunha alegre, despreoccupado, a caminho d'Alhandra, onde a esposa e os filhos o aguardavam com impaciencia, na dôce paz do lar, onde elle, só elle, era estimado, a perfidia da Bandeira tomava corpo e vinha como que suffocal-o.

Para que o illudira aquella devassa? Para que lhe significara por muitas vezes uma amisade que lhe não consagrava e que nem sequer sabia comprehender?

Seria para lhe apanhar dinheiro? para o explorar? para o converter n'um d'es-

tes amantes que as mulheres de vida facil costumam ter como fontes de receita?

Não podia ser.

Por muitas vezes a Bandeira lhe recusara o dinheiro que elle lhe quizera dar, allegando que não precisava, que o seu trabalho lhe dava para viver. Nunca aquella mulher mostrara tendencias para o explorar, para lhe arrancar por meios artificiosos ou indirectos, qualquer objecto ou qualquer quantia. Como era então que ella o trahia, indignamente, enganando-o e escarnecendo-o?

Como era que aquella mulher que se mostrava tão terna, tão doce, tão amoravel, que parecia pensar só n'elle e para elle só dedicar todas as suas aspirações, como que arrependida do seu passado vergonhoso, não era mais do que uma perdida vulgar sem a mais ligeira noção de todos os sentimentos que nobilitam a mulher?

Esta ideia indignava-o e obrigava-o a descambar para o campo das desforras cruentas e terriveis. Tinha vontade de a invectivar, de a cobrir de lodo, de a calcar debaixo das solas das botinas. Mas por entre as más idéas de odio, de vingança, de desprezo, e como que apaziguando-as, assomava o vulto gentil da Bandeira com aquelle sorriso encantador que elle tanto amava, deixando apparecer por entre a cercadura dos labios roseos as fieiras de dentes pequeninos e brancos.

Mello ficava perplexo.

Necessariamente elle gostava mais, muito mais d'aquella infame do que suppunha. O seu romantismo levara-o a deixar-se prender e arrastar pelos carinhos d'aquella hetaira barata.

— Oh! Capella fora verdadeiro — pensava — quando lhe dissera que a Bandeira pertencia á legião de desavergonha-

das que só põem fito no dinheiro; que era uma desequilibrada perigosa, apenas aproveitavel para uma hora de prazer.

Era um romantico, necessariamente, um nescio que não sabia descernir o verdadeiro do falso, que não tinha força para desviar-se do monturo, para arrancar-se do lodaçal em que se atascara e que o denegria. Era um fraco, para quem os sentimentos de dignidade e a virtude determinada pela sociedade, não tinham valor! E logo, como ferido por um corpo estranho, revoltava-se contra si proprio, contra a sua fraqueza, contra a sua agonia, contra a sua paixão por aquella mulher que não se podia classificar senão como uma devassa.

Porque era que elle, com a superioridade do seu espirito esclarecido, estava para alli acabrunhado, soffrendo, por causa d'um ente que só merecia desprezo;

que a sua intelligencia lhe dizia não valer mais do que um sorriso de escarneo?

Não o sabia explicar. A recordação da Bandeira, porém, não se lhe tirava do espirito e quando elle pensava que ella áquella hora estaria repetindo ao outro, ao de Coimbra, as caricias cheias de ternura que tantas vezes lhe fizera, tinha um desejo forte de se dirigir a casa da Bandeira, de a surprehender, de fazer um escandalo, de praticar uma vingança sanguinolenta.

Era impossivel, porém; no dia seguinte tinha de seguir para Alhandra.

Nunca mais a tornaria a ver.

V

A's tres horas da tarde, d'aquelle dia quente de setembro, a casa d'entrada da

estação dos caminhos de ferro da Figueira da Foz, encontrava-se apinhada de pessoas e bagagens. Reinava uma confusão de vozes que se erguiam, baixavam e confundiam n'um mixto de gargalhadas, phrases e interjeições que ensurdeciam. Passageiros, afflictos, caminhavam em todas as direcções, dando ordens, gesticulando, procurando volumes e fechando malas. Ao fundo, na bilheteira, a multidão agglomerava-se, empurrando-se e questionando. Ao lado, pelas portas que se abriam para a *gare,* via-se o comboio formado, ainda deserto, aguardando os passageiros, e para alèm, no fundo banhado de sol, verdejava a encosta salpicada de casitas brancas. No espaço livre que ficava de wagon a wagon apparecia uma chaminé de fabrica, um pedaço de barracão negro, carruagens empoeiradas e um carro aberto, carregado de madeira. A distancia ouvia-se o silvo de um comboio que

manobrava e o som da corneta do agulheiro.

Mello, acompanhado por Capella, entrou na *gare*, caminhando vagarosamente.

— Nunca pensei que fosses tão tolo, dizia Capella. Só na cabeça de um idiota poderia formar-se a ideia de que aquella mulher se regenerasse. Estares tu apaixonado por uma devassa! Vae para casa, homem, cuida da tua vida. Não dês desgostos a tua mulher, que é uma santa e deixa-te de philosophias e de aventuras. E's um tolo e ufanas-te de intelligente.

Estas palavras do amigo cahiam na consciencia de Luiz de Mello como chumbo derretido. Tambem elle, um bom amigo, um velho e leal amigo, não sabia comprehendel-o. Sentia a dôr atroz do infortunio rasgar-lhe as entranhas e tinha de occultar o seu pesar, de calar a sua desgraça, de se mostrar alegre quando o pranto lhe inundava a alma.

Que fizera para ser tão desditoso? Encontrara casualmente aquella mulher, approximara-se d'ella por uma extravagancia e o filtro venenoso da paixão viera queimar-lhe as entranhas. A sociedade, todos que se jactassem de sensatos, os proprios amigos, riam-se da sua fraqueza, ficavam surprehendidos se soubessem que elle estava apaixonado por uma devassa. Mas que culpa tinha de ser tão fraco ou tão cobarde? Procurara elle o infortunio? Andara, por acaso, buscando uma perdida que o impressionasse, o commovesse e o desviasse do caminho que seguem todos os homens sensatos? Não. Fora a desgraça, o seu temperamento, talvez os seus bons sentimentos que o tinham collocado n'aquella situação de que só poderia sahir occultando a sua vergonha e o seu pesar.

Os passageiros principiaram a invadir a *gare*, tomando logar nos compartimentos.

A sineta deu o signal da partida e Mello abraçando Capella, disse-lhe o ultimo adeus, dispondo-se a entrar n'um compartimento de primeira classe, que estava completamente desoccupado. N'este momento, por uma das portas da estação viu-se sahir a Bandeira, de chale traçado, lenço de seda azul na cabeça, saia escura e botinas de verniz. Parecia procurar alguem e dando com os olhos no grupo que Capella e Mello formavam dirigiu-se para elle.

Quando principiou a caminhar, a locomotiva, silvando, deu o signal de marcha. Os passageiros debruçados nas portinholas, davam os ultimos apertos de mão aos amigos que ficavam, despedindo-se com sentimento. Uma familia mais retardia, de terceira classe, acompanhada por quatro enormes sacos de chita, procurava subir para o wagon, empurrada pelo revisor. Um empregado chamava:

— Oh! *seu* conductor...

E uma rapariga bem trajada, á portinhola d'uma carruagem de segunda, lagrimejava, despedindo-se d'uma familia numerosa que se encontrava parada em frente.

A Bandeira approximou-se no momento em que Mello dava o ultimo aperto de mão a Capella. Vinha offegante; a pupilla rutilava-lhe cheia de brilhos humidos; estava mais pallida, os olhos encovados e as faces cavadas.

Apenas tivera tempo de empurrar Mello e dizer-lhe:

— Anda!

Mello ficara como que absorto logo que a olhou e, sem poder resistir, sem uma unica palavra para lhe exprobar o seu procedimento da noite anterior, entrou na carruagem como o condemnado que cumpre um destino.

Capella, arvorado em Mephistopheles

da Figueira da Foz, recuando um pouco na *gare* gritou para a carruagem:

— Estás servido; vaes bem acompanhado, não ha duvida. E' impossivel que não haja descarrilamento...

O comboio poz-se em marcha.

....

Mello, procurando serenar, sentou-se a um canto do compartimento e encarando fixamente a Bandeira, perguntou-lhe:

— Então o amante deixou-a seguir, sósinha, n'este comboio?

A Bandeira approximou-se livida e serena de Mello e contestou:

— Não venho aqui para ser alvo de ironias; venho unicamente justificar-me de intrigas. Desejo dizer-te que estou innocente para que não formes de mim um conceito que não mereço.

Nas suas palavras havia como que um timbre de energia, o desespero de quem se vê injustamente offendido.

Mello procurando apagar a impressão que tinha recebido ao avistar a Bandeira, sentindo como que uma esperançosa consolação de vêr desfeitas as suas aprehensões, procurou um riso de escarneo e principiou a dizer-lhe, serenamente:

— E' admiravel a tua desfaçatez. O audacioso arrojo do teu procedimento. Teres a consciencia da falta, a vergonha do crime, a certeza da infamia e vires ainda tripudiar de mim porque eu tive a fraqueza de te olhar com amor, de te dedicar affeição, de procurar erguer-te do lodaçal, onde apodrecias a alma e o corpo!

— Que te fiz eu, — continuou Mello, erguendo-se, — para merecer que me illudisses por uma forma tão baixa e repugnante? Procurei eu por acaso insinuar-me no teu espirito, comprar a tua traição com a seducção do ouro, ou obrigar-te a confissões contrarias ao sentir da tua consciencia? Não.

— A tua alma é que dizia abrir-se ao som das minhas palavras de conforto e aspirar para um mundo de serenidade, que existia, mas que ella ainda não tinha podido antever. Mentia.

— Mas mentia para quê? Para me arrancares dinheiro? Tu bem sabes que eu não sou rico e aquelle que algumas vezes te quiz dar m'o recusaste. Qual era então o teu ideal? Rasgar-me todas as illusões, lançar-me no desespero em que vivo desde hontem e depois largares a gargalhar pelo caminho sem vergonha que segues. E's miseravel. Repugnante.

— Não fallemos n'isso. Tu se vens aqui não é para te justificares: — ou vens para me lançares no rosto mais um punhado do lôdo da tua torpeza ou para me pedires a importancia das noites que passei comtigo...

A Bandeira cahiu a soluçar sobre o banco, occultando o rosto entre as mãos.

Perante a energia, a justiça d'aquellas palavras sentia-se sem força para resistir, para representar a comedia que ensaiara n'um momento. Mello sentou-se distante, olhando o campo pela portinhola da carruagem. A paizagem aqui era vasta, prolongando-se até aos pinhaes de Lavos, que se esfumavam no horisonte. Uma nesga azulada de rio reverberava o sol faiscante que descia na abobada, emquanto o comboio seguia na sua marcha rapida, sibilando de vez em quando.

Viu que perdia terreno, a Bandeira, com o silencio e o pranto que a suffocavam. Sentia-se pequena, miseravel, indigna de si propria por se encontrar sem forças para resistir. Era necessario representar a comedia, levar aquelle homem ao convincimento de que tudo fora falso, de que ella estava innocente. Fez um exforço sobre si propria e reunindo todas as energias, como n'um combate extremo:

— Queres escutar-me? — interrogou erguendo o rosto molhado de lagrimas. Tinha deixado cahir para traz o seu lenço de seda e os cabellos, em desalinho, emmolduravam-lhe graciosamente as faces.

— Podes dizer quando te devo, — disse Mello sombriamente.

— Não me insultes, — gritou ella erguendo-se nervosa. — E' uma cobardia impropria do sr. Luiz de Mello insultar uma mulher que lhe pede para a ouvir.

— Falla, — continuou Mello, olhando sempre a paizagem.

— Pois bem, fica sabendo que tudo que te disse a Leonor do Leopoldo é mentira. Eu estive até de manhã em casa de minha mãe, que está muito doente. Se não encontrasse agora a criada do sr. Capella não sabia o que se tinha passado. Aqui tens. Que mais queres que te diga.

Mello voltou vagarosamente o rosto e olhando fixamente a Bandeira:

— Trocaram-te a vocação. A tua vida não devia ter sido encamínhada para a devassidão das ruas, onde ha de esvair-se o teu talento de ignominia; devia ter sido conduzida para o tablado da arte scenica, onde poderias ser grande e applaudida. Nem mais uma palavra; estou plenamente satisfeito. Se no intimo do teu ser, no fundo da tua consciencia, houvesse um resquicio de pundonor, de brio, terias a coragem da tua falta, da comedia que tens representado perante mim, e virias aqui dizer-me: — E' verdade; recebi esse homem em minha casa, porque gosto d'elle, porque o amo, porque sou uma devassa. Perante a honradez da tua confissão eu seria obrigado a respeitar-te, porque nada tenho que ver com a tua vida. Mas desde que tu aggravas a tua situação, firmando-te na men-

tira, emporcalhando-te no lôdo da vergonha, revelando a falta de brio consoante a toda a mulher que tem noções de sentimento, eu desvio-te de mim a escarro para que não continues a enxovalhar os bons principios de verdade.

—Mas pergunto eu a mim mesmo, o que vens tu aqui fazer? Para receberes a conta tornava-se-te desnecessario comprar um bilhete do caminho de ferro,—bastava apresentares a factura... Vens continuar a illudir-me? Perdes o tempo. Eu odeio-te depois que te reconheci tão miseravel e tão baixa que não sabes distinguir entre o prazer espiritual que só ambicionava levantar-te, e fazer-te mulher, e o prazer material que te converte no complemento d'uma necessidade physiologica.

A Bandeira n'um grande ataque de choro que penalisava deixou escorregar as pernas para baixo do banco onde se

sentava, e, pendendo o tronco para a frente foi bater d'encontro ás almofadas do banco fronteiro.

Tornava a faltar-lhe a energia para resistir. O caminho traçado não promettia conduzil-a ao logar onde desejava chegar. A negativa exasperava Mello. Era melhor confessar com restricções; reconhecer o facto, mas permanecer na negativa das intenções malevolas.

O comboio apitava, resfolgando forte. Ia entrar na ponte de Lares.

Mello continuava a olhar a paisagem, mostrando-se distrahido.

N'este momento a Bandeira, pensava que era urgente pôr em acção a sua influencia de femea que sabe impressionar o macho.

Repentinamente, como se uma mola estranha a movesse, ella ergueu-se e com as faces afogueadas e humedecidas de pranto, a pupilla cheia de brilho,

o cabello em completo desalinho, murmurou com a voz cortada de soluços:

— Queres saber a verdade, toda a verdade? Vou dizer-t'a. Occultei-t'a para te não penalisar. Como tens desejos de que não minta vou ser franca.

E, supplicante, gemendo, como dominada por uma dôr que lhe absorvesse toda a consciencia:

— Olha, vira-te para mim; não me desprezes que sou muito desgraçada; tem dó do meu infortunio; attende-me...

Mello continuava olhando a paisagem que se rasgava agora n'um largo campo raso, aqui e além riscado pelas folhas amareladas dos arbustos que principiavam a annunciar o inverno.

Então a Bandeira, chegando-se para junto de Mello, lançou-lhe os braços em volta do pescoço e quando elle pretendia affastal-a collou-lhe os labios humedecidos de lagrimas aos labios d'elle.

Ao contacto d'aquella mulher, Mello estremeceu, como se um novo principio de vida lhe começasse a circular nas veias. O que era aquillo? perguntou elle a si mesmo, desconhecendo-se. Que ambrosia nociva lhe fizera ingerir aquella perdida, que se sentia sem forças para resistir-lhe, para a arremessar para o monturo d'onde tinha sahido? E logo, movido por um desejo irresistivel que o commovia, prendeu com os seus braços fortes o busto gentil d'aquella rapariga, osculando-a com frenesi. Ella deixou-se-lhe cahir sobre o collo, como desmaiada, entornando-lhe por sobre o regaço o setinoso cabello das suas tranças negras em desalinho.

Chegava o comboio á Amieira.

A Bandeira tinha de retirar para a Figueira. Não podia acompanhar Mello, nem elle o podia consentir. Em poucas palavras o convenceu de que fôra sem fundamento a sua suspeição. Ella, effe-

ctivamente, tinha encontrado o Alberto e foram ambos a casa, mas unicamente para explicações. Não queria saber d'elle, apezar d'elle a querer levar para Coimbra. O seu plano estava traçado. O passado repugnava-lhe; o futuro fazia-lhe trasbordar o coração de esperanças. Não havia que trepidar. Podia ir descançado, que não o esqueceria um momento.

E combinaram vir elle todos os mezes á Figueira, ou ir ella a Lisboa, para se encontrarem.

....

N'aquella noite, Mello, já na Alhandra, teve sonhos, ora risonhos e tranquillos, ora tenebrosos e macerantes.

Suppunha-se umas vezes sentado com a Bandeira, em pacifica conversação, entre verdura, á beira d'um regato murmurante; outras vezes parecia-lhe ver a amante entre os braços d'outros homens, que a beijavam. N'um d'estes sonhos sen-

tiu-se dominado de loucura; parecia-lhe ter arrancado d'um punhal e ferido a Bandeira no seio alvo, d'onde brotara sangue em ondas, que alagaram todo o solo e correram até muito longe. Depois suppozera-se preso, conduzido á escuridão d'uma cadeia e ali encontrara a esposa e os filhinhos soluçando, envergonhados.

Perto da madrugada, acordou extenuado, com dôres fortes na cabeça.

Pouco mais ou menos, áquella hora, a Bandeira dava o beijo de despedida ao Silvita, um caixeiro de loja de modas, com quem passara a noite.

VI

O phylloxera tinha-se marchado de longada por esse paiz em fóra. Determi-

nadas as primeiras nodoas no Douro, reconhecida a existencia do parasita em Portugal, elle seguia impavido, salto aqui, salto acolá, derruindo a riqueza nacional e a alegria dos campos: — a vinha.

Já ao norte do Mondego os lavradores clamavam, pedindo á alchimia do governo um remedio que os livrasse do terrivel parasita, que lhes inutilisava os esforços de muitos annos, quando os bandos invisiveis, destruidores da riqueza agricola, talvez levados pelo vento inconsciente, uns seguiram para a vasta região de Torres a Mafra, outros desceram das alturas do Sobral e Arruda para se reunirem aos seus congeneres que marchavam de Vendas Novas sobre a margem sul do Tejo.

Nas gargantas formadas pelas montanhas que partem do Tejo, pouco adeante de Sacavem, e que se prolongam até Azambuja, o terrivel inimigo descera dos

lados de Torres e viera assentar arraial nas proximidades das crystalinas aguas que teem origem em Toledo.

No concelho de Villa Franca, d'uma para outra colheita, a producção de vinho diminuiu setenta por cento. As pequenas nodoas que n'um anno se manifestaram nos vinhedos, no anno seguinte tomaram proporções gigantescas, deixando os vinhateiros quasi que sem cepas.

As bellas latadas do louro diagalves que as *misses* comiam em Londres com thesouras de prata, nos jantares aristocraticos onde só o exhotico tinha logar, em Regent's Street e n'outras ruas aristocraticas, tinham desapparecido completamente, deixando os proprietarios afflictos pela falta que a sua morte lhes occasionava.

De toda a parte se ouviam gritos, protestos contra o governo, que não providenciava para que o phylloxera se envol-

vesse na capa e os deixasse em paz. O sentimento e os prejuizos eram geraes. Todos se lamentavam e todos tinham de que queixar-se.

As pequenas nodoas phylloxericas, que no primeiro anno apenas se tinham manifestado, no anno seguinte haviam tomado proporções gigantescas, a ponto de deixarem alguns vinhateiros quasi que na miseria. Outras molestias, que tinham atacado a cepa, em annos anteriores, limitavam-se a destruir o fructo, a parra, e nunca a prejudicar a raiz. O phylloxera, pelo contrario, era a morte da vinha, a destruição completa da maior riqueza de Portugal.

Começavam todos a retrahir-se, temendo a catastrophe. Os mais ricos, aquelles que mais tinham que perder, principiavam a limitar as suas despezas, procurando equilibrar o orçamento domestico. Os que menos tinham, que fi-

cavam sem rendimento para viver, dispunham-se a ir tentar fortuna em qualquer ramo de negocio ou em qualquer emprego.

Foi uma *debacle.*

No anno seguinte, ainda alguns mais arrojados ou mais desesperados na lucta pela existencia foram procurar em outras culturas o resultado que a morte da vinha lhes levara. O desastre, porém, mais se accentuou.

O trigo e o milho, cultivados em terrenos de difficil amanho, mal compensavam a despeza. As chuvas, tardonhas e insignificantes da primavera, tinham destruido o pouco que restava da novidade d'algumas cepas mais resistentes.

Um verdadeiro desastre.

Luiz de Mello foi dos que mais padeceram com a invasão phylloxerica. As suas propriedades, situadas no terreno barrento que demora na meia encosta ao

poente d'Alhandra, e que lhe davam para viver com abastança, ficaram completamente destruidas. O terreno, todo em pen dentes, tornava-se impossivel de lavrar. Fazer-se a replantação com videiras americanas, seria dispendioso e incerto, pois que a cultura não estava ainda muito conhecida em Portugal.

O melhor era abandonar, arrendar a qualquer trabalhador, ir cuidar n'outra vida, onde podesse alcançar o pão da familia. Outros lhe tinham já dado exemplo e alguns d'elles estavam bem. Não havia que trepidar.

Luiz de Mello tinha amontoado alguns contos de réis, poupados nos annos em que a sorte sorria, em que a agricultura era compensadora. Pensou em empregar esse dinheiro em qualquer negocio que, com o auxilio da sua actividade lhe désse para viver, que o podesse livrar da miseria que de longe lhe acenava se elle se

deixasse ficar a comer unicamente d'aquillo que possuia e que em poucos annos teria de ser sacrificado.

Depois de varias indagações e estudos resolveu estabelecer-se em Lisboa com uma loja de fazendas, que era o negocio que lhe apresentavam como mais convidativo e remunerador.

Tomou uma casa de trespasse, á rua dos Fanqueiros, e alli principiou nova vida, empregando todo o capital disponivel e tomando ainda compromissos onorosos.

....

Durante este periodo as suas visitas á Figueira foram regulares. Todos os mezes, allegando negocios, Mello sahia de casa e ia passar tres ou quatro dias com a Bandeira. A' Figueira chegava de madrugada, no comboyo correio, quando ainda estavam fechados os estabelecimentos e as casas onde elle podia ser conhe-

cido. Occulto no quarto da amante, ali vivia como que esquecido do mundo que o cercava, todo entregue e absorvido pelo seu amor, até ao momento de ser forçado a regressar a Alhandra.

Estas visitas, cercadas de mysterio, de cautelosas prevenções, tinham passado desapercebidas ao mundo curioso e intrigante.

Os dias passados no quarto da Bandeira, fechados os dois entre as quatro paredes do pequeno cubiculo, longe de enfastiarem Mello d'aquella rapariga sem educação, sem principios, sem conversação attrahente, incendiavam-lhe os desejos de a possuir, de a cobrir de beijos, de a cercar de caricias.

As horas, ali deslizavam tão rapidas que elle suppunha ter chegado no dia em

que era forçoso partir. D'uma occasião esteve cinco dias, quando dissera á esposa que apenas se demorava tres. Outras vezes perdia o comboyo e sempre chegava tarde quando tinha occasião de embarcar.

Passavam os dois o tempo entre beijos, gargalhadas e brinquedos a que a estudada ingenuidade infantil da Bandeira dava relevo.

Jantavam tendo por cadeiras a cama e por meza a machina de costura; completamente esquecidos do mundo e entregues ao seu amor. Mello encontrava prazer nas faltas grosseiras que aquella rapariga, a quem elle tanto queria, praticava a cada passo. Ensinava-lhe a tirar a casca á laranja com o auxilio do garfo, a servir-se do guardanapo com delicadeza, a não sorver na colher; outras faltas que ella commettia constantemente e de que elle a admoestava com carinho.

De todas as vezes que Mello ia á Figueira sentia-se mais preso, mais affeiçoado, mais louco pela Bandeira. As suas apprehensões, os seus ciumes, os seus cuidados tinham desapparecido por completo. Encontrava-a sempre a trabalhar, ganhando para viver, segundo dizia, acompanhada pelo irmão e pela cunhada, que lhe relatavam maravilhas da seriedade da Mariquinhas.

Se alguma nuvem manchava o ceu azulado da sua existencia d'amor era a recordação da esposa e dos filhos que tão alheados viviam do que se passava, e que elle tinha remorços de illudir.

Por muitas vezes pensara em acabar com aquella ligação, que no futuro só lhe podia trazer complicações e dissabores, e resolvera terminar, romper, vêr-se livre da Bandeira. Se, porém, n'um dia, n'uma hora, n'um instante, assim pensava, logo a seguir as suas opiniões modi-

ficavam-se, vinham as recordações de caricias, a lembrança de beijos, as saudades da mulher, da femea que o commovia, e elle lá continuava como que arrastado, somnambulo, trilhando o caminho de vergonha em que a má sorte o lançára.

Por sua parte, a Bandeira sentia-se tambem attrahida para Mello. As palavras d'aquelle homem cantavam-lhe no ouvido como uma musica celeste que ella nunca tinha escutado. Todos os homens de quem se tinha approximado, com quem vivera, de quem acceitára favores, procuravam apenas arrancar-lhe da carne as sensações que ella póde fornecer aos paladares embotados e aos apreciadores de bons manjares. Mello, pelo contrario sem descurar a acção physiologica em que a carne representa um papel principal, dispertava-lhe os sentimentos que residem no espirito, cer-

cando-a de uma consideração, de um respeito e de uma vontade que a deslumbravam e a enchiam de orgulho.

— Gosto muito d'elle, — dizia a Bandeira, algumas vezes, em confidencia ás suas amigas. Os dias que passa na Figueira desapparecem sem eu saber como. Só queria estar sempre, sempre ao pé d'elle.

Mas este gosto, esta paixão, este amor da Bandeira só existia emquanto Mello estava junto d'ella ou emquanto n'elle pensava. Logo que se retirasse, que ella estivesse só, que encontrasse um homem que a elogiasse na sua plastica, que a conversasse, que lhe pedisse uma noite ou uma hora d'amor, aquelle espirito perfeitamente impressionista, desequilibrado, fragil, esquecia todo o passado para só gosar a sensação de momento.

Muitas vezes, depois de ter estado com um homem d'aquelles que só a que-

riam por um momento, a Bandeira era assaltada como que por um remorço vivo da sua fraqueza, da sua attração para o vicio, da baixeza dos seus sentimentos. Pensava no miseravel papel que tinha de representar para merecer a admiração dos homens que a appeteciam e aos olhos dos quaes ella queria passar por recatada. Sentia-se miseravel, repugnante, indigna, perante a atmosphera de mentira que se tinha creado, e muitas vezes procurara arrancar-se ao lamaçal onde chafurdava mais por fraqueza do que por vontade.

Impossivel.

A fatalidade impellia-a para a frente e quanto mais procurava morigerar-se mais a força das circumstancias a arrastava pela pendente de vergonha por onde se sentia deslisar!

D'onde lhe vinham estes instinctos, esta força mysteriosa que lhe punha sem-

pre a mentira nos labios e a traição no espirito? Que herança fatal tinha ella de cumprir contra os dictames da sua propria consciencia?

O pae era um alcoolico e quem sabe se na sua ascendencia teria existido algum degenerado, de que ella fosse unica reprezentante?

Um dia era uma megera que lhe vinha propor uma entrevista com um velhote devasso, o dr. Cabindas, a troco de umas tantas libras. A megera gabava o dr. Cabinda, um homem muito sério, que atè a podia fazer feliz, pôr-lhe casa, dar-lhe tudo quanto ella precisasse.

A Bandeira primeiro resistia, não queria; tinha agora um homem de quem gostava; não ia atraiçoal-o, dizia; mas depois, perante a argumentação da Rosa, a velha que vivia d'estes arranjos, a Bandeira principiava a succumbir, a ceder...

Outras vezes encontrava qualquer conhecido que lhe falava e propunha uma entrevista. No primeiro impeto resistia, allegava recusas, dizia ser impossivel: pouco a pouco, porém, como se o fogo do vicio se lhe atteasse na alma, a Bandeira ia pactuando e terminava sempre por se vergar á vontade de quem a arrastasse para o abysmo.

Existia dentro d'ella como que uma força, uma tontura, um delirio que se punha em acção sempre que um motivo externo o dispertasse.

No intimo da sua consciencia conhecia a torpeza que praticava, tinha vontade de fugir, de se occultar, de escaparse á acção deleteria que a manietava e a forçava a seguir no caminho do vicio; mas as forças externas que n'ella actuavam, a vontade alheia que se lhe impunha, sobrepujavam todos os seus desejos e arrastavam-n'a impetuosamente para

o monturo de que a consciencia lhe dizia que se desviasse.

Muitas vezes quando Mello a interrogava sobre a sua vida, quando lhe perguntava o que ella fazia nos longos dias que elle passava ausente da Figueira, a Bandeira sentia como que remorços de o illudir por uma fórma tão repugnante. Tinha vontade de lhe contar toda a verdade, de se apresentar tal como era para que elle a desprezasse e a lançasse para longe de si. Uma golilha de ferro, porém, apertava-lhe a garganta obstando a que fallasse verdade, e a que confessasse os seus crimes, emquanto que todo o seu ser a forçava a mentir, a esconder os vicios que a devoravam e a convertiam em uma mulher sem consciencia nem dignidade.

VII

Com a abertura do estabelecimento na rua dos Fanqueiros teve Mello de fixar a residencia em Lisboa com sua familia.

Os cuidados da loja, a superintendencia no negocio impossibilitavam-n'o de ir todos os mezes á Figueira, como anteriormente. Não podia vêr a Bandeira, como desejava, passar com ella aquelles dias de ternura que tanto apreciava e porque ella parecia suspirar em todas as suas cartas. Era-lhe necessario viver em Lisboa, preso ao balcão, procurando levantar o estabelecimento onde actualmente tinha todos os seus haveres.

Da sua parte, a Bandeira, que sabia que elle estava de todo em Lisboa, não se cançava a pedir-lhe que a levasse

para junto de si, que eram todas as suas ambições, o seu unico desejo.

Mello não desejava dar escandalo, causar desgostos á familia que tudo ignorava; mas, calculando que Lisboa era cidade grande, onde as aventuras amorosas passam desapercebidas á multidão e onde as fraquezas humanas apparecem quasi sempre mascaradas em apreciaveis virtudes, resolveu-se a mandar vir a amante, para socego do seu espirito attribulado.

A Bandeira veio para Lisboa.

Mello allugou-lhe um quarto um pouco acima da praça da Alegria, quasi ao principio da rua da Mãe d'Agua, em casa da D. Leonor, uma senhora que se dizia casada com um tenente reformado, que afinal era casado com outra.

Andava á volta dos quarenta annos, a

D. Leonor, mas tinha ainda frescuras de moça nas faces avermelhadas e na rijesa das carnes de que se ufanava.

Nos primeiros tempos a Bandeira seguira na linha de conducta que tinha adoptado na Figueira, quando Mello lá estava. Pensava em regenerar-se, em viver só para aquelle homem que ella conhecia que a adorava e a quem não queria dar desgostos, dizia ella a D. Leonor, a dona da casa.

O primeiro mez passara-o no quarto, só, sempre trabalhando á machina, sem receber visitas e fugindo até dos antigos conhecimentos, que ella sabia o que valiam.

Mello vivia socegado, quasi orgulhoso de conseguir que a Bandeira deixasse o caminho em que a encontrára e que era coberto de vergonha. Nas longas conversas que se travavam entre os dois a Bandeira acentuava constantemente o seu

despreso pelo mundo, que odiava, e o desejo de viver só para Mello, que tanto a estimava.

Passado o primeiro mez, porém, o germen vicioso que estava latente no seu organismo principiou a suppurar. Começou a aborrecer-se de estar á noite ali fechada no quarto, só, sempre a trabalhar, quando muitas outras que ella conhecia andavam áquella hora passeando pela Baixa com os amantes ou gosando os theatros no conforto d'uma cadeira, á vista dos homens galantes e espirituosos.

O socego dos primeiros tempos fôra para ella uma novidade, um parenthese aberto na sua vida tempestuosa, acceite com a satisfação que produz em certos espiritos tudo quanto é novo. Passadas, porém, as impressões de novidade, os primeiros tempos de socego, a Bandeira encontrou-se deslocada no centro d'a-

quella vida methodica, na regularidade d'aquelle viver sem tempestades, sem mentiras.

Tinha isto lugar pouco mais ou menos umas tres semanas depois do Natal. Em frente da casa da Bandeira, n'um quintal onde havia jogo de chinquilho, ensaiava-se todas as noites a dança da *lucta*, para sahir pelo carnaval. A' luz de quatro fogachos de petroleo, collocados na extremidade d'umas varas enterradas no chão, as figuras, uns homens maltrajados, grandes chapeus desabados, fumando, contradançavam ás ordens do apito do ensaiador. A orchestra, composta d'uma flauta, um trombone e um cornetim, repisava toda a noite, em grande desafinação, a mesma musica.

A Bandeira, encostada aos vidros, entretinha-se a ver o ensaio da dança, achando graça aos enganos e á hesitação d'algumas figuras. O som da orchestra fazia-

lhe recordar os bailes de mascaras a que assistira e onde tanto tinha gosado no anno anterior.

A solidão em que vivia, o recato que se imposéra depois da sua chegada a Lisboa, pesava-lhe já no espirito dolorosamente. Era nova, bonita, tinha admiradores, pensava, queria viver, gosar, divertir-se, ser como as outras que andavam por aqui e por além disfructando os dourados da vida ephemera e artificial.

Com estes pesares, estes desgostos principiou de turvar-se o ceu risonho com que Mello se julgava protegido. Vieram os amuos, os aborrecimentos, as recriminações, porque elle apparecia muito pouco, porque a deixava para ali só todas as noites, porque já não fazia caso d'ella, mil arguições derivadas do aborrecimento.

Mello desculpava-se allegando affazeres e dizia-lhe que procurasse alguma

amiga, que fosse passeiar, ao theatro, onde quizesse, mas que elle não podia acompanhal-a porque a sua vida sempre occupada lh'o não permittia.

....

Uma manhã descia a Bandeira a Avenida, do lado da calçada da Gloria. Estava um tempo esplendido, cheio d'este bello sol d'inverno que é como que um presagio da encantadora Primavera que nos espreita lá muito ao longe.

A Bandeira, que na Figueira trajava como as mulheres do povo, chaile e lenço, em Lisboa vestia pelos modernos figurinos de Paris, chapeu, luvas e vestido da ultima moda. Descia rapida, com o seu passo agitado, cheio de movimento, olhando para todos os lados e attrahindo sobre si as attenções dos homens que passavam e que admiravam os seus bellos olhos de peninsular. A vida sedentaria que nos ultimos tempos tinha levado

em Lisboa nutrira-a um pouco mais, dando-lhe um ar de provinciana remediada.

Quando ella passava quasi em frente da esquadra de policia, do lado contrario, uma senhora que estava sentada n'um banco, chamou:

— Oh! menina! Oh! Bandeira.

A Bandeira parou, encarando e n'uma corrida rapida atravessou a rua:

— Adeus Desterro, como estás tu?

— Tu em Lisboa, filha; então quando vieste? o que tens feito?

Depois de muitos beijos a Bandeira promenorisou, contando a sua vida, onde morava, quando chegara da Figueira, que vivia muito só; que já estivera para a procurar mas que não sabia onde morava; que vivia com um homem de quem gostava muito.

E a Desterro:

— Oh! menina, por quem és não me falles em homens d'amor. Tu sabes o que

eu passei com o Pires; cheguei a não ter uma camisa para vestir. Tudo para elle me fazer a partida que me fez. Deixou-me para se ir meter com uma indecente do Circo com quem gasta rios de dinheiro. Ainda na semana passada lhe comprara um vestido de fazenda. Um escandalo. Nada, não queria mais homens d'amor.

A Bandeira ia ouvindo e perante as affirmativas da Desterro convencia-se de que era asneira ter homem d'amor, sendo de mais a mais casado. Não valia a pena estar a sacrificar a sua mocidade ao amor d'um homem que mais dia menos dia lhe daria dois pontapés.

Seguindo conversação passaram a tratar das amigas, que a Bandeira não tornara a ver desde que se retirara para a Figueira.

A Desterro dava indicações:

A Pilar, coitada, a irmã, lá continuava

a viver com o cocheiro; mas aquillo era uma desgraça, sempre zangados, sempre em desordem... A Palmyra, a de Arroyos, já não estava com o tenente; tinha agora um velhote que lhe dava muito; andava no luxo; já não parecia a mesma; mas o tenente ainda lá ia a casa, muito embora ella dissesse o contrario.

—Assim, é que eu queria, filha, mas não tenho sorte nenhuma,—continuava a Desterro.

Da Lucia, já não sabia ha muito tempo, estava lá para Alcantara, com um homem que ella não conhecia.

A Thereza, a que estava com o padeiro, tinha ido para Africa e já escrevera dizendo que estava lá muito bem, que ia casar.

O amante da Conceição morrera e ella estava agora com um rapaz empregado no Arsenal.

E terminando:

— E' já muito tarde, filha e ainda tenho que ir ao Poço do Bispo levar este vestido que me mandaram fazer. Não me posso demorar. Tu agora já sabes, rua da Atalaya, por cima da taberna. Vê não te enganes. Olha que é por cima da taberna. Lá te espero àmanhã.

E a Bandeira.

— Tu tambem já sabes. Apparece quando quizeres. Sempre fomos tão amigas...

....

No dia seguinte era quinta-feira de comadres. A Bandeira levantou-se á hora do costume e almoçou, sentindo-se alegre, por um facto que ella não sabia explicar. Vestiu-se para sahir por se encontrar sem vontade para o trabalho. Lembrando-se do encontro da vespera resol-

veu-se ir procurar a Desterro á rua da Atalaya. O Luiz não costumava apparecer antes das seis horas da tarde e portanto, até essa hora, estaria ella disponivel, podia fazer o que muito bem lhe apetecesse.

O dia estava tristonho, chuviscando a espaços. Pelas ruas um lamaçal escorregadio, manchado aqui e além com os papelinhos das *cocotes* rasgadas, obrigava-a a erguer o vestido, por sobre o artelho, deixando admirar aos observadores o principio d'uma perna bem torneada e apetecivel.

A Bandeira seguiu pela rua da Mãe d'Agua, subiu as escadas do chafariz e dirigiu-se para a rua da Atalaya.

Áo principio da rua da Rosa, uns gallegos que estavam parados á esquina, vendo-a, disseram alto:

—Que lindos olhos tem o mocho...

E principiaram a tossir.

Sempre apressada, olhando os homens de soslaio, a Mariquinhas Bandeira voltou para a rua da Atalaya e procurando a taberna que a Desterro lhe indicara na vespera subiu ao primeiro andar.

Grande alegria da Desterro quando a avistou.

— Ai! filha! ainda bem que vieste. Se tens chegado um pouco mais cêdo encontravas cá o Gomes. Não sabes? Vamos hoje ao baile de mascaras e tu has de ir tambem.

A Bandeira ficou indecisa.

Não sabia se poderia acompanhar porque o Luiz costumava ir buscal-a para ceiar, depois da uma da noite. Quasi nunca a deixava antes das tres da madrugada; não sabia se poderia acompanhar...

— Não sei, filha, arranja-te como quizeres. Engana-o, engana-o se queres ser estimada. Os homens é o que querem. Eu é que não te dispenso. Já disse ao

Gomes que contasse com um dominó para ti. Vae tambem a Laura, uma pequena que móra cá no terceiro andar. Ha de ser uma noite de pandiga.

E principiaram combinando a fórma de illudir o Luiz, de poderem ficar á vontade.

N'aquelle dia a Desterro estava fazendo duas *matinées* que tinha de dar promptas á tarde, sem falta; a freguesa já lá fôra tres vezes para as levar. A Bandeira ajudou, sentando-se á machina, emquanto a Desterro alinhavava as costuras, junto da janella.

O tempo correu rapido para as duas amigas, que em conversação variada se distrahiram muito.

Jantaram juntas, fallando sempre de homens e de vestidos. De tarde appareceu a Procopia, que tambem ia ao baile da Trindade com o amante; o Alfredo, um rapaz magro, alto, que fôra amante

da Dolores, uma hespanhola que vivia agora por conta d'um brazileiro, e que era tambem amiga da Desterro.

O Alfredo foi buscar duas garrafas de vinho branco, figos e bôlos. Houve pandiga, bebeu-se. Todos ficaram alegres. O Alfredo sympathisara com a Bandeira, que não conhecia e não a largou em toda a tarde, cercando-a de attenções, fazendo-lhe perguntas, insistindo para que fosse ao baile, offerecendo-se para seu par.

A conversação seguida entre os dois deu nas vistas. Houve ditos, risota, presagios de casamento.

A Desterro chamou de parte o Alfredo:

— Olha que tu bem sabes quem é a Dolores; eu não quero cá contos porque sou amiga d'ella. Não digam depois que foi cá na minha casa que se arranjou isso. Deixa a rapariga, que tem dono.

— Eu quero cá saber d'isso, contestava o Alfredo. A Dolores só se tu lh'o fores dizer...

— Bem; vejam lá como se arranjam.

....

Quando Luiz de Mello chegou n'aquella noite ao quarto da Bandeira, muito mais cedo do que costumava, pouco depois das sete horas, encontrou-a deitada sobre a cama, aborrecida.

Estava ali só, exclamava, emquanto todos se divertiam. N'aquella noite queria sahir, queria ir ver alguma coisa, queria que elle a acompanhasse.

Luiz desculpava-se dizendo que lhe era impossivel leval-a n'aquella noite a qualquer parte; tinha de sahir com a familia, por signal que iam ao Gymnasio, para onde já tinha camarote. Ficaria para outra occasião.

A Bandeira insistia, desesperada, que queria sahir, que necessitava distrahir-se,

que aquillo não era vida, estar sempre ali encerrada. Que a fosse elle buscar depois do theatro para irem ao baile de mascaras.

Mello objectava que lhe era impossivel. N'aquella noite estava compromettido com a familia e depois do theatro era escandaloso não ir para casa. Que tivesse paciencia mas que n'outra noite seria.

Então a Bandeira fingindo-se indignada, lamentando-se, arguiu Luiz da sua reclusão, da sua triste sorte, de todas as suas infelicidades, de que elle era o unico culpado e terminava:

—Não vens buscar-me, não? Pois bem eu hei de ir espreitar-te. Tu que não vens é porque vaes para a pandiga com outra mulher. Se os encontro desfaço-os.

—Mello ria-se e aconselhava-a que se deitasse, que socegasse. E sahindo:

— Adeus, até ámanhã.

A Bandeira lançara-se sobre a cama soluçando alto.

Toda aquella scena ella preparára para adquirir a certeza de que Luiz não voltaria n'aquella noite.

Emquanto Mello descia a escada a Bandeira erguia-se rapida e chegava á janella, sorrindo-se e vendo-o seguir pela Praça da Alegria.

Depois dirigindo-se para o interior da casa, chamou a D. Leonor.

A D. Leonor estava já deitada, o *marido* tinha vindo cedo n'aquella noite e quiz descançar para se erguer de madrugada porque tinha muito que fazer.

A Bandeira batendo-lhe com os nós dos dedos na porta do quarto chamou-a ao corredor, pedindo-lhe que não dissesse nada ao Luiz, mas que ella ia ao baile de mascaras com uma amiga, a Desterro e que só viria de madrugada. Para

a não incommodar quando regressasse, pediu-lhe a chave do trinco.

A D. Leonor, dando-lhe a chave, disse-lhe que tivesse cautella porque tudo se sabia e que podia vir o sr. Luiz e não a encontrar.

—Hoje não vem elle cá, não tenha medo. Foi ao theatro com a mulher. Eu não sou nenhuma eecrava para estar sempre encerrada. Tambem me quero divertir.

VIII

A's nove horas, depois de se vestir, a Bandeira foi a correr para casa da Desterro onde encontrou já o pagode reunido, aguardando a hora do baile.

—Estavamos á tua espera—disse a Desterro.—Vamos ceiar ao Peixe Assado; convidou-nos o Alfredo; elle está doido por ti.

A Bandeira contou como se vira livre de Luiz de Mello. N'aquella noite não receiava que elle a procurasse, mas sempre era preciso ter cautela.

— Não tenhas receio. Nós vamos mascaradas. Tu já ali tens um dominó todo chic, de seda preta. Não haverá olhos que nos matem.

Na sala da Desterro havia uma atmosphera pesada de fumo de cigarro e emanações de petroleo. Encostada á parede, entre as duas janellas que deitavam para a rua, a mesa do jantar, tendo ainda a toalha, deixava ver montes de cascas de castanhas e duas garrafas de vinho. Sentados, aos dois lados da mesa, conversando, estavam o Alfredo e o amante da Desterro. Ao vel-as, o Alfredo levantou-se e dirigindo-se á Bandeira disse que eram horas, que fossem vestir os dominós para terem tempo de ceiar.

As mulheres entraram ao fundo na al-

côva e pouco depois sahiam mascaradas, descendo todos para a rua, conversando.

Quando entraram no baile de masca. ras, na Trindade, depois de lauta ceia no Peixe Assado, tinha acabado de dar meia noute na torre de S. Roque. Os dois homens ficaram na rua, esperando vez, em frente da bilheteira, emquanto as mulheres foram subindo.

Ao cimo do primeiro lanço de escada os porteiros encostados ao pequeno balcão recebiam os bilhetes dos homens que iam subindo. Ouvia-se em cima os sons fortes da orchestra que tocava uma polka, acompanhada pelo arrastar dos pés das mascaras, que dançavam no salão.

Na casa d'entrada, no alto das escadas, tornava-se quasi impossivel transitar com a concorrencia de mascaras que conversavam, giravam ou se conservavam em grupo. Via-se de tudo, matisado de todas as côres, desde o negro forte

até ao escarlate vivo. Pastorinhas de avental vermelho e mascara negra; dominós pretos e brancos, velhos de enorme nariz, rapazes de chapeu no alto da cabeça e cigarro ao canto da bocca, mulheres de cara pintada de zarcão e fatos que indicavam ter servido a dez gerações de mascaras, tudo se amalgamava, tudo ria e gritava, n'uma exaltação nervosa que se tornava communicativa. No ar andava um perfume forte de *veloutine* e essencias baratas. Ao fundo, entre a porta do *toilette*, uma mulher vestida de escuro, de chapeu com plumas negras, parecia aguardar alguem, indifferente.

A Bandeira, acompanhada pela Desterro, rompeu a custo por entre as mascaras que se comprimiam, seguindo para o salão.

Tinha acabado a polka.

No centro do grande quadrilongo principiava a fazer-se espaço. Os mascaras

debandavam precipitando-se em ondas para as portas do fundo, outros iam procurar assento nos bancos, por baixo das galerias. No coreto, no topo do salão, os musicos. levantavam-se, aproveitando o descanço.

De todos os lados partiam gritos, interjeições, gargalhadas que punham ruido forte em toda a casa.

A Desterro e a Bandeira, depois de terem percorrido todo o salão encontraram logar n'um banco, ao pé da orchestra, mesmo em frente das portas d'entrada. Dois homens que passavam, pararam, olhando-as. Um d'elles disse:

— São estas...

— Não são — retorquiu o outro.

N'esta occasião appareceu o amante da Desterro acompanhado pelo Alfredo; saltavam pelo salão, guinchando, pendendo-se um do pescoço do outro, atropelando quem estava parado.

— Grandes bestas, — gritou indignada uma pastorinha, que elles magoaram.

— Esto com receio do *meu* — confidenciou a Desterro — já está tão entrado.

Os espectadores das galerias principiaram a movimentar-se, convergindo para um ponto, olhando por entre as portas. Na sala d'entrada fazia-se um ruido desusado; mascaras corriam, gritando, rindo. Eram duas mulheres, de dominó, que se socavam, furiosas, no alto da escada, arrepelando-se os cabellos, caraças cahidas.

— Questões de ciumes — commentavam os espectadores. A policia afastava-as.

O Alfredo foi vêr o *banzé* e veio explicar á Desterro e á companheira, que eram duas raparigas da rua das Gaveas, que se tinham pegado por causa dos amantes. Uma estava muito bebeda, mas

éra d'uma cana; já tinha feito diversos chinfrins.

Pouco a pouco foi-se restabelecendo o ruido normal e a orchestra principiou a tocar uma walsa.

Na madrugada que se seguiu áquella noite de baile a Bandeira recolheu acompanhada pelo Alfredo.

....

A onda viciosa a que os carinhos e bons conselhos de Luiz de Mello tinham posto dique, e que se mantivera como que comprimida, desdobrara-se depois d'aquella noite de baile de mascaras em cachões revoltosos de crapula e de baixeza. Com o revoltear mundano do vicio veio o desassocego, as inquietações, as nece sidades de dinheiro, sempre crescentes. Succediam-se os dissabores, os cuidados, as agitações, os receios. O espirito da Bandeira tinha entrado nova-

mente no ciclo, de mentiras, de embustes, de illusões, a que desde a mais tenra edade estava affeito, e de que não podia afastar-se. Aquellas tempestades espirituaes se por um lado a magoavam, se lhe davam largas horas de infernal agitação, por outro lado consolavam-n'a, davam-lhe prazer, quando se via triumphante, quando conhecia que a astucia a deixava dominar. Tudo andava no prego ou a caminho d'elle. Por todos os lados havia dividas, falcatruas, enganos, um inferno. Os homens de momento, a troco de qualquer cousa, succediam-se todos os dias, sempre que se podia illudir a vigilancia, agora um pouco amortecida de Luiz de Mello.

A dona da casa, a D. Leonor, ao corrente de todos os segredos da Bandeira, colhia d'elles o resultado que podia, arrancando-lhe constantemente dinheiro, para a encobrir, allegando falta. Se a

Bandeira lh'o recusava, a titulo de emprestimo, D. Leonor, formalisando-se, ameaçava-a, indirectamente, de a denunciar ao Luiz.

Tinha-se-lhe, pois convertido a vida n'um verdadeiro inferno. Sempre em sobresaltos para occultar toda a verdade a Luiz, vivia constantemente afflicta. Uma manhã, na escada, o padeiro fizera um medonho escandalo, pedindo treze tostões e um pataco que a Bandeira lhe devia e que lhe não pagava, occultando-se. Luiz que estava lá, sahira do quarto inquirindo o que era e se a D. Leonor não viesse explicar, mentindo, phantasiando uma historia qualquer, era natural que elle ficasse desconfiado de que alguma cousa anormal se passava.

Outra vez, á noute, a Bandeira não tinha cinco réis para comprar petroleo. Teve de mandar empenhar a capa, uni-

co traste que lhe restava, para sahir. A's dez horas, quando Luiz veio procural-a para irem ceiar, fingiu-se doente, para que elle não notasse a falta da capa. No dia seguinte teve de ir ter com o Alfredo, á repartição, pedir-lhe quinze tostões, pois já não tinha que empenhar.

Moida das noitadas, das pandegas nos *restaurants*, dos bailes, da crapula, não tinha já vontade de trabalhar, passando os dias com fundas olheiras, deitada sobre a cama.

Quando os homens com quem andava lhe davam dinheiro, a D. Leonor e a Desterro, arrancavam-lhe por qualquer meio até aos ultimos cinco réis.

Sentia-se soccumbir, não sabia que fazer, não accertava caminho para sahir d'aquella afflicção. Necessitava mais de sessenta mil réis só para desempenhar os objectos que tinha no prego e apezar de procurar todos os dias não encontra-

va homem que lh'os desse. Um martyrio.

Luiz podia saber tudo d'um momento para o outro, encontral-a em mentira e conhecer a sua vida. Era isso o que a assustava, o que lhe fazia passar tristes horas de inquietação. Preferia morrer, suicidar-se, fugir para muito longe, a vêr-se descoberta por Luiz de Mello. A illusão em que trazia aquelle homem era como que uma obra d'arte que ella creara no seu espirito e que afagava e idolatrava com todas as forças impetuosas da sua alma. Quando o via illudido, crente, apaixonado, sentia-se orgulhosa, suppunha-se grande: — era a obra da sua astucia, a creação preversa do seu espirito, que ella sentia á sua beira. Envaidecia-se. Tudo menos vêr desfazer aquelle monumento, aquella phantasia, para que ella tinha erguido um tabernaculo no seu coração e que adorava com todo o amôr.

. . . .

Um dia estava a Bandeira á porta do Montanha, do lado da rua do Arco Bandeira, esperando um velhote que por diversas vezes lhe déra dinheiro, quando avistou defronte, dobrando a esquina da travessa da Assumpção, a Irene, uma amiga da Figueira, que não via ha muito tempo. Chamou-a; estiveram fallando, conferenciando-se.

A Irene vivia em Lisboa, com um rapaz carpinteiro, mas o que elle ganhava não chegava para nada. Estava com elle só porque gostava d'elle, porque lhe tinha muita amisade. Vivia alli n'aquella rua, n'um quarto ou quinto andar, e indicava. A falta de meios obrigava-a a receber outros homens, mas o *seu* não sabia cousa alguma.

A Bandeira contava tambem a sua vida, o amôr que tinha a Luiz, as afflic-

ções em que se encontrava, que não sabia como havia de viver. Passava dias horriveis para encobrir as suas faltas.

A Irene aconselhava-a a que se deixasse de amôr que era uma tolice, que procurasse vida porque homens havia muitos e não mereciam attenções; que se Luiz lhe não dava o que lhe lhe era preciso, que o pozesse a andar. Rua, que é a sala dos cães. E em confidencia:

—Olhe, menina, se quer, eu sei d'um hespanhol muito rico, dono d'uma fabrica de chocolate e que precisa d'uma mulher como a menina. Tem uma casa muito bem posta, de tudo rico e muito bom homem. Estou certa que a menina se havia de dar muito bem. Ainda havia de ser feliz.

A ideia do hespanhol repugnava á Bandeira. Indo para elle teria Luiz conhecimento de todas as suas faltas e era precisamente, isso o que ella não podia

admittir. E depois tinha tão pouca sorte com os homens que não acreditava na felicidade que o hespanhol lhe podésse dár.

A Irene continuava a suggestionar-lhe a ideia; conhecendo-lhe desde creança a volubilidade do espirito, procurava fazel-a vergar á sua vontade.

Conversaram durante muito tempo, até que a Irene disse que não podia demorar-se mais porque estava o *seu* a esperal-a; mas no dia seguinte lá iria a casa para fallarem. E que se deixasse de tolices, dizia, que seguisse o bom caminho; aproveitar emquanto é tempo.

E separaram-se, beijando-se.

. . . .

Todo aquelle dia e a noite que se lhe seguiu, no cerebro da Bandeira, bata-

lhou a ideia do hespanhol da fabrica de chocolate, em que a Irene lhe fallara. A proposta parecia-lhe magnifica, seduzia-a, obrigava-a a pensar n'um futuro prospero e cheio de felicidades. Parecia-lhe ver-se já em casa do hespanhol do chocolate, mandando as creadas, tendo sempre dinheiro para *toilettes* novas e para distribuir pelas amigas, vendo-se farta, alegre e cheia de commodidades.

Repentinamente, porém, quando das vantagens que a Irene lhe offerecera lhe saltava a convicção de que devia acceitar a proposta, ir viver com o homem que ella nem sequer vira, uma ideia dolorosa lhe atravessava o cerebro, penalisando-a, lançando-lhe por terra os seus castellos ideaes. Lembrava-se então de Luiz, para quem ella sentia como que uma attracção, de quem se não podia desviar, por quem se sentia como que

presa. Que faria? Como teria coragem de dizer a Luiz que tanto a amava:

—Adeus; vou viver com outro que me dá muito dinheiro, uma creada e uma casa ricamente mobilada!—Oh! isso nunca. Sentia-se sem forças para confessar a esse homem, a quem ella todos os dias dizia estimar em extremo, a sua infamia, a baixeza do seu caracter, as monstruosidades viciosas que se albergavam no fundo da sua alma. Antes morrer do que defrontar-se com elle para lhe fazer uma confissão tão extraordinaria. Não iria, procuraria equilibrar novamente a sua vida desviando-se do lodo e trabalhando com afinco. Sentia-se sem coragem para ver desfazer n'um instante a obra de tantos mezes de trabalho, de lagrimas e de sacrificios.

A fatalidade da sua vida de miserias repugnava-lhe agora mais do que nunca. Se Luiz um dia soubesse toda a infamia

do seu viver, como poderia continuar a apparecer-lhe? E qual era o motivo porque ella gostando tanto d'elle, sendo elle tão bom para ella, ella o trahia a cada momento, umas vezes por vicio, por fraqueza, por impudor, outras vezes para alcançar meios de comprar o silencio d'aquellas que a podiam comprometter com elle, contando-lhe tudo.

N'este batalhar de pensamentos, n'este amalgamar de ideias passou a noite. Sobre a madrugada adormeceu extenuada, sonhando com pannos negros agaloados de amarello, cadaveres volitando no espaço, pombas pretas arrollando pelo ar. Quando ella sonhava que um dos cadaveres, com a mão hisurta, a abanava, pretendendo segural-a, acordou sobresaltada e, sentindo-se realmente segura, abriu os olhos e viu a Desterro que a acordava.

Era manhã. Pela janella entrava uma

nesga de sol deixando ver o desalinho do quarto.

— Que é isto?—interrogou a Bandeira.

— Acorda, filha, que temos que fallar.

A Bandeira suppondo que se tratava d'algum pedido de dinheiro, voltando-se para o outro lado:

— Ora deixa-me; nem para o almoço tenho hoje.

E a Desterro, rapida:

— Tambem que pelintra de homem que tu tens; nem para comer te dá; eu assim é que não estava resolvida.

— Oh! tu, não! Ainda sustentas o teu...

— Olha, deixemos-nos d'essas cousas, não se trata agora d'isso. Fica sabendo que a Dolores foi hontem a minha casa fazer um inferno por tua causa e do Alfredo e insultou-me dizendo que eu é que tinha a culpa. Ora, tu, filha, bem sa-

bes que eu não metti para ahi prego nem estopa. O que eu não sei foi quem lhe disse tudo; até as vezes que vocês foram... cear ao *Peixe Assado*. E acautela-te; olha que ella disse-me que vae hoje dizer tudo ao Luiz. Vê lá; bem sabes que eu não sou culpada; eu bem as avisei.

A Bandeira, ao ouvir dizer que a Dolores ia contar tudo a Luiz, encorporou-se rapida na cama.

— Então essa desavergonhada será capaz de ir dizer alguma cousa?

— Não sei; eu acho-a capaz de tudo.

A Bandeira, sentindo fugir-lhe a luz dos olhos, saltou fóra da cama, gritando:

— Vou quebrar a cara a essa infame, que me quer desgraçar.

A Desterro, sentada á cabeceira do leito, foi-lhe dizendo que tivesse prudencia, que esperasse os acontecimentos, e que diabo, se o Luiz a deixasse ella não

perdia grande cousa. Elle não lhe dava nada.

— Mas o que tens tu com isso? Vae para o diabo mais essa malvada.

E cheia de furia:

— Oh! mas se o Luiz me deixa por causa d'esse mostrengo, eu mato-a. Desgraço-me, mas hei de fazer o meu gosto.

A Desterro vendo-a tão agitada, com os olhos injectados de sangue, as faces lividas, calou-se durante algum tempo, esperando que ella socegasse. Depois com voz meiga:

— Olha lá, filha, tens ahi tres tostões que me emprestes? Não tenho hoje um real.

E a Bandeira desesperada:

— Tenho um raio que te parta e mais ao almoço que me vieste dar.

A Desterro offendeu-se com a resposta. Ainda em cima, de a vir avisar. Ti-

nha lá culpa da cabeça de cada um, dizia. E sahindo:

— Arranja-te; arranja-te como quizeres, já que tão mal fazes a quem te dá importancia.

E bateu com a porta do quarto.

A Bandeira ficou n'um estado de excitação inexplicavel. A cada momento lhe parecia ver entrar Luiz e lançar-lhe em rosto as suas torpezas. Sentia uma dôr no peito, do lado esquerdo, que a não deixava respirar. O padeiro que tocava á campainha, o homem do talho que chamava em baixo, á argola, o carvoeiro que subia a escada, a leiteira que batia com as medidas na bilha, os inquilinos que subiam e desciam para todos os andares, tudo, tudo, finalmente lhe parecia annunciar a chegada de Luiz a tomar-lhe contas do seu procedimento, a lançar-lhe em rosto a sua traição, a inutilisar-lhe o seu trabalho de mezes.

Não podia socegar; queria vestir-se, trabalhar, distrahir, esquecer; mas uma força superior á sua vontade obrigava-a a levantar-se, a andar, a pensar sobre o mesmo assumpto. Tinha momentos em que só sentia um desejo forte de morder-se nas faces, nos seios, de bater com os punhos pelas paredes, de se estrangular com as proprias mãos, de dar cabo de si de qualquer fórma.

Sahira do quarto, fôra ter com a D. Leonor, para distrahir, para escutar o que ella lhe dissesse; mas encontrou-a muito afflicta, com uma dôr no figado, gemendo. Tinham-se já passado tres dias sem que o *seu* apparecesse; sahira escamado no sabbado, com ciumes e não voltara e ella estava já no ar, estava damnada.

Perto das dez horas tocaram á campainha. A Bandeira estava em frente do espelho, alisando o cabello, sentiu-se

como que desmaiar, suppondo que era o Luiz. Conforme poude, correu a sentar-se á machina, puxando para o regaço a costura. O sangue batia-lhe nas veias com a violencia do embolo d'uma machina lançada a todo o vapor.

A D. Leonor foi abrir e parou a conversar com a pessoa recem-chegada, no patamar da escada. A Bandeira apurava o ouvido, procurando ouvir a conversa, inteirar-se das vozes. Fallavam, porém, tão baixo que ella não podia ouvir cousa alguma. Naturalmente era o Luiz, já informado pela Dolores, que inqueria em segredo o que se tinha passado.

No corredor soaram passos. A Bandeira sentiu como que uma punhalada que lhe roubava todas as forças. Era elle, necessariamente, que vinha tomar-lhe contas da sua infamia e de todas as suas traições. Estava completamente perdida

a sua obra e perdido aquelle homem que possuia o segredo de a saber commover.

A porta do quarto abriu-se mansamente, e uma voz pausada disse:

— Dás licença?

A Bandeira, estremecendo, voltou-se e dando de cara com a Irene, murmurou:

A recemchegada foi sentar-se junto d'ella, depois de se beijarem, dizendolhe que vinha tão cedo porque já tinha fallado com o hespanhol da fabrica de chocolate. Elle estava prompto. Tinhamlhe dado informações e ficára encantado, desejando apenas que ella fosse ainda n'aquelle dia. A Irene não queria responsabilidades. Que fizesse o que quizesse; mas que lhe parecia uma grande conveniencia.

Na vespera á noite estivera em casa do hespanhol e vira tudo quanto elle ti-

nha de bom. Bahus cheios de roupa; uma sala que nem a d'um fidalgo; muita louça; uma rica cama e terminando:

— E menina, olhe que elle põe-lhe creada e dá-lhe tudo quanto lhe fôr preciso.

Uma ideia rapida como um raio, irresistivel, atravessou o espirito da Bandeira. Se ella se fosse embora para o hespanhol; se deixasse o Luiz sem lhe dizer palavra? Estava salva a situação. Não tornaria mais a vel-o; não teria de defrontar-se com elle; fugia. Perdia, certamente, a sua obra, via desapparecer o seu trabalho de illusões, mas adquiria o socego e o bem estar que lhe parecia ambicionar, mas que se não coadunava com o seu modo de ser.

A vontade da Irene dominava-a já em absoluto; o seu espirito estava disposto a obedecer-lhe, a escravisar-se. Não podia resistir.

E voltando-se para a Irene:

— Então o homem quer-me em casa mesmo sem me ver?

— Quer sim, menina, que lh'o digo eu e olhe que o seu futuro está certo.

A Bandeira, sentindo atropellarem-se-lhe os pensamentos no cerebro, encostou a face á mão, procurando coordenar as ideias. E a Irene logo, como para distrahil-a:

— Olhe, menina, deixe-se de paixões; lembre-se da sua conveniencia. E o Luiz pode continuar a vel-o, se gosta d'elle, em o hespanhol indo para a fabrica... Ora muitas o fazem...

Sob o jugo da voz da Irene a Bandeira humilhava-se, vencida. Os seus argumentos eram de força especialmente perante a attribulada situação da Bandeira. No fundo da sua consciencia principiava a ver desmaiar o vulto de Luiz e apparecia-lhe insinuante a imagem

do hespanhol do chocolate, que ella não conhecia mas que phantasiava.

— E o homem é ainda novo? Interrogou a Bandeira supplicante.

— Meia edade, meia edade, menina, mas muito bem parecido.

— Pois bem. Vamos immediatamente. E pondo o chapeu, apressada, ao espelho:

— Pode chegar o Luiz d'um momento para o outro e eu morreria, se elle me encontrasse a sahir.

— Credo, menina, tambem é demais. Nem que o homem fosse algum lobishomem. A menina não fez escriptura de estar com elle toda a vida. E as suas cousas, isto que aqui tem não leva?

— Não; só a machina. Chame ahi depressa um gallego.

A Irene foi á janella chamar um moço, que estava defronte, á esquina na rua das Taipas.

. . . .

Quando a D. Leonor viu entrar e sahir o gallego carregado com a machina, acompanhado pela Bandeira e pela Irene, teve uma forte commoção de raiva que lhe fez tremer a voz. Comprehendeu tudo o que se passava e cheia de indignação, appoiada na porta que se abria para a escada, disse:

— Que é isto, menina? Então que hei de eu dizer ao sr. Luiz?

E a Bandeira, muito serena, como se não fora nada com ella:

— Diga-lhe o que quizer. Não lhe roubo nada. Só levo a minha machina. Não quero estar com elle; estou no meu direito.

A D. Leonor viu-as descer a escada e calculando a falta que lhe fazia no futuro o dinheiro com que a Bandeira comprava o seu silencio e até o seu conse-

lho para as aventuras, não se conteve que lhe não dissesse:

—Sempre me pareceu que a menina havia de dar couce.

A Bandeira, que ia já no meio da escada, voltou-se para traz e muito serena contestou:

—Couces dá você, sua azemola. Talvez você fosse a causa da minha desgraça.

A D. Leonor recolheu-se, batendo com a porta, gritando:

—E's da Figueira e basta, grande cabra.

IX

Pouco depois das onze horas, Luiz de Mello ignorando ainda o que se tinha passado chegou ao patamar da escada de D. Leonor, puxou o cordel que pren

dia o trinco da cancella e, encontrando a porta aberta, como de costume, avançou pelo corredor.

Todo aquelle dia Luiz trouxera uma sombra negra de tristeza, no espirito, que não sabia explicar. Sentia-se mal, apprehensivo, irrascivel, aborrecido, sem um motivo em que podesse encontrar determinante do seu estado.

Na escuridão, apalpando as paredes Mello seguiu pelo corredor, estranhando não vêr luz no quarto da Bandeira, que ficava ao fim.

A porta estava na aldrava e Luiz penetrou sem difficuldade. A janella encontrava-se aberta, entornando sobre o aposento a luz projectada pelos candieiros da illuminação publica. Luiz olhou a cama onde a Bandeira se costumava deitar e pareceu-lhe não descobrir o vulto habitual, o volume que ella fazia sob a roupa. Foi fechar a vidraça da janella.

Que se teria passado? pensou elle suspeitoso. Não recolheria ainda, áquella hora? Estaria lá para dentro com a D. Leonor? Mello não sabia o que devia pensar. Accendeu um phosphoro. O compartimento encontrava-se deserto. Que diabo, já tão tarde e ella por fóra. Accendeu o candieiro e principiou a passear pela casa, olhando o desalinho em que tudo se encontrava. A cama por fazer, as saias espalhadas por sobre as cadeiras, as cadeiras fóra do seu logar, agua suja na bacia do lavatorio, a escova dos dentes cahida no chão. Que se passára?

Na rua ouviu-se o som d'uma guitarra, tocando o fado, e uma voz de homem acompanhando:

Santo Antonio, diz a lenda,
às moças querbava as bilhas
e co'os cacos, co'as estilhas
novamente as refazia!...

Ai, santo, se me ensinasses
n'esse milagre a ser forte,
eu juro que até á morte
outra cousa não faria!

A voz e o som da guitarra foram-se extinguindo ao longe, para o lado da Avenida, completamente abafados pelo rodar d'um carro, na rua das Taipas.

A mulher devia ter sahido cedo, cogitava Mello. Repentinamente, olhando para junto da janella, deu por falta da machina no logar que costumava occupar. Certamente, tel-a-hia levado lá para dentro, para a sala, para estar trabalhando junto de D. Leonor, como outras occasiões tinha feito. Mas que série de coincidencias tão estranhas, e, pensando isto, estendeu-se sobre a cama, resolvido a esperar; alguem appareceria.

Pouco depois, a porta abriu-se e a D. Leonor, embrulhada n'um chale, entrou,

pedindo desculpa; mas tinha que dizer. A Mariquinhas sahira de manhã com um desproposito, acompanhada por outra mulher que tinha typo de alcoviteira e por um gallego com a machina...

— Eu, seguia ella, não tenho querido dizer nada: mas a menina Bandeira ha muito tempo que me não agradava. Se não fôra com receio de offender o sr. Luiz, já a tinha despedido do quarto. A minha casa é uma casa séria. Não gosto cá de bandalheiras, que deem nas vistas á visinhança. Cá o *meu* já me tinha dito que a despedisse mas eu tinha acanhamento de o fazer por causa do sr. Luiz. Não queria que ella a todo o tempo dissesse que da minha boca é que se tinha sabido.

E pormenorisava scenas, exaltando-as, que ella tinha presenceado e que não tinha revelado para o não desgostar.

De pormenor em pormenor, foi che-

gando até á vida devassa da Bandeira, nos ultimos tempos.

Luiz de Mello ouvia como que atordoado o que lhe dizia a D. Leonor. Parecia-lhe um sonho, uma phantasia, o que se estava passando. A cada momento suppunha ainda vêr abrir a porta do quarto e vêr entrar a amante, correndo, a lançar-se-lhe nos braços e a pedir-lhe, por entre beijos, que lhe perdoasse o mau bocado que lhe tinha feito passar.

Mas a porta continuava fechada e a D. Leonor, que se tinha sentado n'uma cadeira á beira do leito onde Luiz seguia deitado, avançava inflexivel na narração das proezas da Bandeira, narrando monstruosidades.

—De dividas, então, não se falla, —dizia ella.— Não ha por ahi ninguem a quem não deva. Na mercearia tem um cão d'alguns tres mil e seiscentos; o padeiro já lá tinha ido por umas poucas ve-

zes, descompol-a; os moços de esquina não queriam fazer-lhe um unico recado; uma pouca vergonha como nunca se tinha visto. Atè a ella, D. Leonor, devia dois mezes do aluguer do quarto, cinco mil reis, que tanta falta lhe faziam. Que ella tinha alli aquelles objetos e já não a deixava levar cousa alguma sem primeiro lhe pagar. Se o *seu* lá estivesse, de manhã, nem a machina lhe tinha deixado sair.

— Mas em que gastava essa mulher tanto dinheiro? — interrogava Luiz. — Só eu este mez lhe dei já mais de cincoenta mil réis!

— E quem sabe?! Ora, gastava-o em pandegas com uma tal Desterro, que ahi vinha e que eu não podia nem vêr, e outras. Comiam-lhe os olhos. E ella dizia sempre, a quem queria ouvil-a, que o senhor Luiz lhe não dava nada; que a deixava atè passar fome. Mulher mais ar-

teira nunca meus olhos viram. Aquillo não abria a bocca que não mentisse.

Tinha dado uma hora. Luiz levantou-se, querendo mostrar-se forte, insensivel, mas encontrando-se deveras afflicto. Via lançado por terra todo o seu dourado castello de phantasias. Aquella mulher não era mais do que uma viciosa incorrigivel. Tornava-se necessario votal-a de vez ao abandono, ao desprezo.

A D. Leonor consolava-o, dizendo-lhe que se não apoquentasse. Mulheres não faltavam, e bonitas, e se elle quizesse, ella conhecia uma rapariga, muito séria, que tomára ella deparar como um homem como o sr. Mello.

A offerta de D. Leonor repugnou a Mello, mas não a repudiou, deixando a resolução para o dia seguinte. Pensaria. Estava tão farto de mulheres. . .

E sahiu.

Em baixo, a rua encontrava-se deserta.

Luiz seguiu em direcção à Avenida, caminhando apressado, como se uma dôr forte o impellisse. Defronte, no Vigia, viam-se ainda as portas abertas, alvejando á luz do gaz as toalhas e o marmore das mezas. Recordou-se das noites em que ali ia cear com a Bandeira, fechados os dois n'um gabinete, fallando do seu amor e saboreando os piteus que o creado, que já os conhecia, lhes indicava no *menu* da casa. O *restaurant*, agora, parecia-lhe triste, produzindo-lhe desagradavel impressão. Sentado n'um banco, quasi em frente da calçada da Gloria, um typo de frak, com a gola do mesmo puxada para as orelhas, chapeu de côco enterrado na cabeça, fumava, silencioso. Mais em baixo, á esquina da rua do Principe, dois homens conversavam alto. No Rocio estava tudo deserto, vendo-se apenas atravessar, apressado, algum viandante tardonho. A columna alvejante da esta-

tua de D. Pedro inha o aspecto sinistro do poste d'um condemnado.

Luiz de Mello, como somnambulo, foi seguindo pela rua do Ouro, em direcção ao Terreiro do Paço, sem calcular o caminho que levava. Na esquina da travessa d'Assumpção, uma mulher que estava parada, vestida de branco, lenço de malha na cabeça, chamou-o, provocan do-o:

— Vamos lá a casa, filho; olha, escuta . . .

Mello, porém, seguiu sempre, sentindo necessidade de tomar ar, de se fechar comsigo mesmo para aliviar. A fuga da Bandeira parecia-lhe impossivel. Se ainda na vespera ella lhe pedira tão carinhosa, tão terna, tão cheia de meiguice que fosse mais cêdo, que não a deixasse estar sempre só, que desejava muito tel-o ao pé de si! Como era, pois, que já preparava aquella fuga escandalosa, aquella

infamia sem nome? E a sua vida ultima, a vida que lhe relatára a D. Leonor, aquelle montão de podridões occulto, sob a apparencia sentimental d'uma consciencia serena? O que significava aquillo? Onde tinha ella gasto tanto dinheiro? Teria algum amante de coração que sustentasse? algum homem a quem se entregasse com verdadeiro prazer?

A luz principiava a fazer-se no espirito de Mello e então apparecia-lhe bem nitida a phrase de Capella, na Figueira:

— Olha que ella é uma desavergonhada; o que quer é dinheiro.

Effectivamente o que ella queria era dinheiro, estava provado.

E porque não a acceitaria elle tal como ella era — objecto de prazer para um instante, ao serviço de todas as algibeiras? Para que fôra tão romantico, tão imbecil, que se deixára prender nas astucias d'uma femea repugnante? Não podia res-

ponder; mas sentia uma forte dôr a maceral-o, quando se recordava que a tinha perdido para sempre; que fôra miseravelmente illudido na sua dedicação verdadeira. Oh! aquella mulher era apenas uma embusteira sem consciencia, um producto doentio da sociedade, um typo verdadeiramente degenerado. Para lhe captar a sympathia, para o attrair, para o convencer, principiára mostrando abnegação, fazendo-o acreditar que só o amor a movia, recusando tudo quanto elle lhe quizesse dar. Depois, pouco a pouco, foi fazendo pedidos, pedidos que se repetiam e avolumavam e que no ultimo mez já tinham sido superiores a cincoenta mil réis. Mello recordava-se dos rodeios, das artimanhas, das especulações que na occasião lhe passaram desapercebidas, mas que n'aquelle momento lhe appareciam como evidentes. E todo aquelle dinheiro, o que lhe fizera ella para só ter dividas,

para ter tudo no prego, para nem ao menos pagar o quarto onde vivia, os alimentos de que necessitava?

A ideia d'outro homem que ella sustentasse e para quem, naturalmente, tinha fugido, apparecia-lhe clara, nitida, impreterivel, pondo-lhe na alma desesperos impetuosos, para logo se desfazerem com raciocinios diversos, por onde concluía a impossibilidade da existencia d'esse homem.

Luiz de Mello sentia a cabeça em fogo, sem saber o que pensar d'aquella rapariga que a má sorte lhe deparára apenas para incommodos, desgostos e inquietações de espirito. Queria desprezal-a, aventar para longe a sua memoria, esquecel-a completamente, mas não podia; sentia-se sem forças para o fazer; cada vez lhe parecia gostar mais d'ella. O seu espirito brioso, digno, austero, quedava-se como que algemado a meditar n'aquella

torpeza. Como era que elle, dizendo-lhe a razão que se desviasse do monturo, não podia encarar sem sentimentos affectivos a memoria d'aquella devassa? Não o sabia explicar, mas reconhecia que era uma evidencia. Sentia-se prezo d'aquella mulher, reconhecendo que no dia em que ella lhe apparecesse, em que o procurasse, elle estaria de novo a emporcalhar-se na podridão que d'ella derivava. Que força mysteriosa o absorvia, o arrastava, o obrigava a calcar a rasão, os preceitos sociaes, a propria consciencia, para se deixar dominar por um sentimento torpe, indigno, vergonhoso? Oh! era medonho o que sentia no fundo do seu espirito; medonho e sem remedio.

No meio d'este marulhar de pensamentos, d'estas ideias macerantes que lhe não largavam o cerebro, assaltava-o como que um desespero ao recordar-se que áquella hora estaria ella acariciando

outro homem com a paixão com que ainda na vespera o tinha acariciado a elle.

E principiava a passear a largas passadas, pela praça do Commercio. Só o clarear da manhã, quando as cotovias já iam cantando pelo espaço o chamaram á realidade e o obrigaram a tomar o caminho da rua dos Fanqueiros, onde morava.

X

Durante todo o tempo que se conservou deitado não poude conciliar o somno. Agora só uma ideia o dominava :—o defrontar-se com essa devassa, perguntarlhe para que o tinha enganado tão indignamente. De manhã levantou-se transfigurado, grandes olheiras, pallido, olhos avermelhados. Não podia socegar.

Ao almoço a comida embrulhava-se-lhe na bocca, não tinha apetite.

A mulher, a D. Maria, uma senhora cheia de dedicação pelo marido, vendo-o n'aquelle estado, andava nos bicos dos pés, dizendo em segredo aos filhos que não fizessem bulha, que o papásinho estava doente.

N'aquelle dia, na loja, tudo o aborrecia; não havia cousa alguma que o não enchesse de tedio. Por tres vezes sahira sem ter destino, ao acaso, ia até ao cimo da Avenida, sempre com uma esperança vaga de encontrar a Bandeira, olhando todas as mulheres que avistava no caminho. Regressava ao estabelecimento, andando rapido, sem ter socego, sem uma ideia que o distrahisse, um encontro que o fizesse demorar e lhe arrancasse o pensamento da amante que se lhe cravára no cerebro como um prego de fôgo.

Ao jantar, a filhita mais velha, a Belmira, que teria os seus doze annos, quando foi beijal-o, já sentado á mesa, abriu muito os seus grandes olhos negros como ferida de espanto por vêr o papásinho, sempre tão alegre, n'aquella occasião tão desfigurado e triste.

Chegou a noite, Mello correu todas as ruas da Baixa, entrou em todos os cafés, esteve no circo, na cervejaria da Trindade, em toda a parte onde lhe parecia encontrar distracção e onde apenas achava aborrecimento, tedío e desespero.

Lembrou-se de ir procurar algum amigo, de contar o que se passava a algum conhecido, de desabafar com alguma pessoa a amargura que lhe alagava toda a alma e lhe convertia a vida n'um inferno. Mas com quem iria ter que soubesse comprehender a sua confidencia e o tratasse com palavras de ca-

ridade? Qual seria o amigo, o conhecido, o confidente, que não receberia a sua dôr com escarneo e não aggravaria os seus soffrimentos com ironias? Onde encontraria uma alma feita de luz e de sentimento que o comprehendesse e lhe acudisse com o balsamo da consolação?

O que se passava com elle era uma infamia e se d'essa infamia fosse fazer estendal, todos se ririam, todos o apupariam, todos o cobririam de escarneo. Tinha de soffrer comsigo mesmo, calado, mostrando-se alegre e feliz. Que tortura.

Mello lembrava-se apenas d'uma pessoa que poderia comprehender a sua desdita e que poderia chorar com elle. A grandeza d'alma d'essa pessoa saberia acolher com carinho e destrinçar com criterio o sentimento affectivo do seu espirito da torpeza repugnante que o mo-

tivára. Mas essa pessoa era sua propria mulher! Não seria um crime repugnante ir lançar n'aquella alma pura e santa, não só a tortura do seu soffrimento, que ella receberia e comprehenderia com carinho, como tambem, e especialmente, o inferno do ciume, a desolação de se ver supplantada no espirito de seu marido por uma perdida sem nome, sem vergonha e sem brio? Não podia ser. Era preciso sentir e occultar a tortura infernal que o devorava, sem deixar transpirar uma só palavra que podésse denuncial-o. Era medonho, horrivel, o que se passava, mas era necessario guardar silencio!

A's onze da noite Mello foi ver fechar o estabelecimento, onde durante o dia não podéra demorar-se nem uma hora. Sentia-se alquebrado de espirito e de corpo. Queria ir para casa, deitar-se, descançar. O inferno da sua alma, po-

rem, não cessava de arder, de o impellir ao acaso pelas ruas, de procurar encontrar-se com a Bandeira. Levado por uma força irresistivel, contra vontade da razão que lhe dizia que se não emporcalhasse mais, approximando-se d'esse monturo, lá foi até casa da D. Leonor, esperando saber algumas noticias que lhe podessem dar socego.

A D. Leonor aguardava-o. Já sabia que elle não deixaria de apparecer. Tinha noticias a dar-lhe. Estivera até para o ir procurar á loja. A Mariquinhas mandara de tarde buscar uma camisa e um vestido. Ella esteve quasi para lhe não entregar cousa alguma, mas para evitar questões enviou o que ella mandava pedir. Contara a mulher que fora buscar os objectos que ella estava muito bem com um hespanhol muito rico, lá para o Bairro Alto! Oxalá que seja feliz, rematava a D. Leonor.

Mello procurava apparentar serenidade mostrando-se indifferente, mas no intimo do seu ser sentia um esbrazear que só lhe inspirava desejos ferozes de vingança, vontade de matar lentamente, a punhal, aquella devassa que tão infamemente o illudira. Tinha impetos de se deitar a procurar a Bandeira, de ir encontral-a nos braços do hespanhol para a estrangular, para lhe dar uma morte horrivel.

Com que então aquella consciencia de lôdo, aquelle monturo sem cassificação, abandonava-o desprezivelmente, sem ao menos lhe dizer *adeus*, para se ir lançar nos braços de qualquer hespanhol cupido que tivesse a gaveta cheia de ouro?

Oh! Bem lhe dissera Capella na Figueira, que ella era uma devassa, que só queria dinheiro.

E repetia mentalmente os dizeres do amigo:

— Olha que ella é uma desavergonhada, que só o que quer é dinheiro.

Era verdade, n'aquella alma de lama, n'aquelle espirito de torpeza, n'aquella consciencia sem dignidade só se erguia o tabernaculo do ouro vil e baixo a que ella tudo sacrificava. Fora sufficiente um punhado de libras, calculava Mello, algumas miseraveis notas, para que ella esquecesse, para que lançasse para longe de si a dedicação e o amor que elle lhe tinha. Repugnante.

A D. Leonor convidou-o a ir lá para dentro, para a casa de jantar, e muito baixo, quando entraram no corredor:

— Olhe que está cá aquella pessoa em quem lhe fallei hontem...

— Veja se gosta...

Mello entrou, comprimentando uma rapariga baixa, magrinha, muito clara, olhos negros, que estava sentada junto da mesa, fazendo *crochet*.

A D. Leonor principiou fallando de varios assumptos, chamando a attenção para a rapariga que sorria a todas as palavras, procurando agradar, distinguir-se, insinuar-se no espirito de Luiz de Mello, que ella via como um bom partido. Chamava-se Helena e havia annos que viera da Vidigueira, de onde era natural. Era costureira e tinha estado com diversos homens, mas todos a abandonavam, por diversos motivos.

Luiz de Mello entrou na conversação, olhando de perto a Helena; a ideia da Bandeira, porem, não o abandonava. Queria distrahir-se, pensar em outras cousas, socegar, mas o aspecto da amante nos braços do hespanhol não se lhe apagava da mente. Sentia que alguma cousa o obrigava a andar, a fugir da convivencia, a entregar-se todo á sua dôr. Pretextando affazeres ergueu-se, despedindo-se.

— Muito boa noite; até ámanhã.

A D. Leonor acompanhou-o, allumian-lhe. E já no corredor:

— Então? Agrada-lhe?

Luiz de Mello encarou-a de frente, anojado d'aquelle procedimento e respondeu seccamente:

— E' bonita.

E sahiu apressado, tomando o caminho da Avenida.

XI

Ao chegar a casa do hespanhol, do Paco, a Bandeira sentiu como que o alivio de um peso extraordinario que tinha sobre a consciencia. Elle não estava em casa, tinha sahido para a fabrica, mas a Irene, que prevenira as cousas, fora buscar a chave a uma cocheira que

ficava por baixo, onde o Paco a tinha deixado a guardar, no caso que a rapapariga se resolvesse a acceitar a proposta.

O Paco, mestre de uma fabrica de chocolate ao Calhariz, morava n'um primeiro andar da rua da Rosa, quasi á esquina da travessa dos Fieis de Deus. A escada era ingreme, estreita, e no patamar apertado, por onde se subia aos outros andares, uma porta lateral dava entrada para a sala e para um corredor que conduzia á cozinha. Na sala de uma limpeza cuidada, viu a Bandeira uma commoda de mogno, com tampo de pedra, sobre a qual um relogio pequeno, de porta de vidro, deixava ver o oscillar dourado da pendula. Em volta do relogio pequenos *bibelots* de bazar barato e duas photographias de mulher, um pouco desbotadas. Das paredes, forradas de papel azulado, pendiam molduras com

oleographias reprezentando assumptos tauromachicos. Na parede fronteira á commoda, um pequeno canapé, de madeira esbranquiçada, sustentava dois almofadões bordados a lãs em caprichosos desenhos de flôres. Entre a janella que deitava para a rua da Roza, via-se uma gaiola pintada de branco onde um canario piava, ternamente. O resto da mobilia compunha-se de algumas cadeiras de assento de palha e de uma pequena malla, pintada de azul.

Ao entrar, a Bandeira deitou os olhos por toda a casa, sentindo-se alegre, considerando-se já a dona de tudo aquillo. Com o desembaraço que não lhe faltava em nenhuma occasião, mandou arrumar a machina a um canto, despediu o gallego e seguindo pelo corredor disse para a Irene:

— Vamos ver o resto.

— Vamos, menina, vamos; então eu

não lhe dizia; tudo bom; tudo muito aceado?

A Bandeira ia olhando a folha da cosinha alinhada na parede, a louça muito limpa, no armario; a dispensa guarnecida; tudo em muita ordem e muito cuidado.

Na alcova contigua á sala, a cama de madeira, larga, com uma colcha branca, tinha um aspecto de conforto que attrahia. A' cabeceira, uma imagem da virgem, em ponto grande, espalhava flôres sobre o mundo que lhe ficava aos pés. O lavatorio ao lado, com uma toalha alvejando, pendente; um bahu coberto com uma cortina vermelha; o calçado engraixado a um canto; tudo, tudo dava á alcova um aspecto de limpeza consoladora.

Então a Irene voltando á sala e encostando-se á commoda disse:

— Oh menina, eu vou dizer ao Paco

que já cá está. Quero ver o que elle diz e o que manda.

— Pois vá, vá — contestou a Bandeira, sentando-se no canapé.

A Irene sahiu fechando a porta sobre si.

Quando lhe ouviu os passos na escada, descendo, a Bandeira ergueu-se de subito e correu á commoda, para ver o que as gavetas continham. Estavam fechadas. Sentiu-se contrariada, sem saber o motivo. Na alcova, o bahu, tinha a chave na fechadura. Abriu-o, erguendo levemente a roupa. Lençoes, um fato preto de homem e um cobertor de lã. Tornou a fechar e seguiu como que inspeccionando minuciosamente tudo quanto a casa continha.

Muito pouco se demorou a Irene. O Paco estava na fabrica, tinha o chocola-

te estendido, não podia voltar antes da noite; mas déra-lhe dinheiro, dez tostões, para as compras, para o jantar.

— Ficou muito contente, dizia a Irene. — Perguntou logo se a menina tinha gostado da casa, se vinha de vontade, se achava a rua bonita, se faltaria por cá alguma cousa que lhe fosse precisa.

— E então elle só vem á noite? — interrogava a Bandeira, desejosa de conhecer o hespanhol.

— Foi o que elle me disse, menina; mas que fizesse o jantar — e mostrava o dinheiro.

Lembrou-se então e Bandeira que ainda não tinha comido n'aquelle dia e sentindo-se muito fraca pediu á Irene que lhe fosse buscar a qualquer parte meio bife e uma garrafa de vinho, para as duas beberem. No jantar depois se pensava. Havia ainda muito tempo.

....

O Paco era natural de Aranjuez, onde aprendera o officio de chocolateiro, em uma fabrica da localidade. Casado aos dezesete annos, com uma hespanhola de pouco mais edade, viveu sempre uma vida de socego, tranquilla, até que aos trinta e quatro annos foi convidado para vir dirigir uma fabrica de chocolate em Lisboa. Agradando-lhe a proposta, que era vantajosa, o Paco veio para Lisboa com a mulher, que elle adorava. Esta, porém com a mudança de ares mudou de juizo e tres mezes depois de se encontrar na cidade de marmore, n'esta pequena Babylonia de vicio, bateu as azas com um cocheiro, indo fazer idylio um pouco tardonho, para a Perna de Pau.

Desorientado o Paco com a fuga da mulher, deu de frequentar casas de má nota, prostibulos, suppondo abafar a paixão com a torpeza. N'uma d'essas

casas encontrou a Irene, a quem propoz juntarem-se os dois. A Irene, porém, estava prompta para tudo, mas não podia juntar-se com o Paco porque tinha um rapaz com quem vivia, mas se o hespanhol lhe desse quatro libras ella sabia de uma rapariga toda bella que desejava viver com um homem. Ajustaram o negocio e a Irene poz-se em campo, encontrando pouco depois a Bandeira.

N'esta occasião o hespanhol da fabrica de chocolate era homem dos seus quarenta e seis annos, mas ainda fresco. Bastante gordo, obeso e calvo, tinha a cara toda rapada e uns olhitos pequenos e brilhantes. Homem chão, gracejador e franco, o seu fraco era ter uma mulher que o estimasse e lhe cuidasse da casa e da roupa. Depois que a mulher lhe fugira tivera diversas em casa, mas todas recrutadas na baixa escoria do vicio tinham-n'o roubado, deixando-o em se-

guida. No entretanto elle não desistia e sempre que uma se lhe safava cuidava logo de procurar outra, para a substituir.

N'aquelle dia em que a Bandeira entrou em casa do Paco houve lauto jantar, na pequena cosinha. Foi convidada a Irene e o seu rapaz e um outro hespanhol, amigo do dono da casa. Da taberna fronteira vieram tres bilhas de vinho, que foram desapparecendo, distribuidas pelos copos. Ao *Peixe Assado*, da rua Larga de S. Roque, mandaram buscar dois pratos de resistencia e as sobremezas. Da tenda vieram duas garrafas de vinho do Porto e um kilo de bolachas *Marias*. Tudo fino e bom e uma pandega de estalo, que a Bandeira matisava de ironias, de piadas de uma canna, dizia a Irene carregando sempre no copo

e enchendo o do *seu* rapaz. O Paco babava-se vendo a desenvoltura da rapariga.

Depois de jantar, quando já se gargalhava forte e as faces tinham a côr da romã o rapaz da Irene foi buscar uma guitarra e deitou a sua piada, relativa ao casamento do Paco com a Bandeira. Houve risota, muita chalaça e constantes libações.

A Bandeira tinha-se apresentado ao hespanhol como sendo uma rapariga abandonada pelo homem com quem estava para casar.

Succedera o facto na Figueira, segundo ella dizia e a Irene confirmava, e ella não querendo sujeitar-se aos motejos das suas amigas, nem desejando mais ver o ingrato, viera para Lisboa e aqui estava com vontade de conservar-se toda a vida. O hespanhol, victima constante dos abandonos, sorrindo-se, calculava o des-

gosto que a Bandeira devia ter soffrido e applaudia a sua deliberação.

Depois das onze os convidados retiraram-se, dando-se *rendez-vous* no proximo domingo, em Almada, na quinta do Perdigão, logo á entrada da villa, onde deviam ir jantar.

— E se calhar — gritava a Irene, já na escada — deitamos até á Cova da Piedade. Um dia não são dias.

E guardava as quatro libras do ajuste, que o hespanhol lhe passára a occultas, para que o *seu* lhe não désse com ellas.

. . . .

Quando a Bandeira ficou só com o Paco marcava o relogio da sala onze horas e quarenta minutos. Era pouco mais ou menos a hora a que Luiz de Mello costumava ir buscal-a para irem os dois cear alegremente pelos *restaurants* caros, inundados de luz, no conforto dos gabi-

netes onde as flores punham notas de alegria e o brilho das louças finas dava ao estomago um desejo forte de comidas apetitosas. Esta hora, marcada inconscientemente pelo relogio, foi como um ponto negro que o dedo da consciencia traçou na alma da Bandeira. Meia noite menos vinte minutos! Áquella hora estaria Luiz de Mello tomando conhecimento da sua traição! Que diria elle? Que faria? Necessariamente ella era uma indigna, uma perdida, uma verdadeira doida que não calculava o que fazia mas que soffria todas as consequencias do seu criminoso procedimento. Olhando os ponteiros do relogio é que principiou a calcular o que tinha praticado n'aquella manhã. Mas, tambem, que infelicidade a sua. Logo se déra a coincidencia da Desterro a ir ameaçar e da Irene a ir seduzir com promessas que ella não devia aproveitar. Quizera occultar os seus

vicios a Luiz, para o não desgostar, fugindo-lhe, e perdera-o para sempre, com a sua fuga vergonhosa. O seu trabalho de tantos mezes estava completamente perdido. Nem *adeus* lhe disséra! O que diria elle? o que pensaria a seu respeito? Sentia-se suffocar. Um desejo forte principiou a commover todo o seu ser, arrebatando-a. Só ambicionava poder sahir d'aquella casa, ir por ahi fóra, correndo por essas ruas e ir deitar-se nos braços de Luiz, ir passar com elle mais uma d'essas noites de amor em que sentia o sangue ferver-lhe nas veias e o corpo cahir extenuado, como moribundo ao assomar da madrugada! Impossivel se lhe tornava, porem, satisfazer o desejo que lhe apparecia impetuoso. Impossivel! Tinha que passar ali a noite, ao lado d'aquelle velho insensivel, pacifico, commodista, que principiava a repugnar-lhe. Seguindo na corrente de

idéas que se lhe succediam frias e energicas no cerebro, a Bandeira começava a comparar a phisionomia placida, espapaçada, bonacheirona do Paco, com as linhas finas, o bigode elegante e os olhos vivos de Luiz de Mello. A presença d'este, sempre agradavel, terna, insinuante, impunha-se-lhe ao espirito, dominava-a. Não tinha homem de quem mais gostasse — pensava — e no entretanto não podia ser-lhe fiel, não podia deixar de o atraiçoar, de o trocar por qualquer homem que de momento lhe apparecesse! Que infelicidade a sua! Querer seguir uma linha de conducta digna, pacifica, toda cheia de amor para o homem que amava, para o unico para quem a sua alma se abria em enthusiasmos de loucura, e ser constantemente forçada a abandonar essa linha, a divagar pelos braços de todos os adventicios que a sorte lhe deparava no caminho ou que a

sua má estrella conduzia á sua beira. Que força mysteriosa, imprevista, fatal lhe escurecia a razão por momentos, lhe desvirtuava todos os factos, lhe transformava o modo de ser e a arrastava a cada instante, contra os dictames da sua razão clara, para o abysmo de podridão que lhe repugnava, mas que a attrahia? Não o sabia dizer. N'estes momentos em que pensava serenamente; n'estas occasiões em que se encontrava despenhada no lodaçal immundo que era a fatalidade da sua vida, sentia-se infeliz, acabrunhada, miseravel; reconhecia todas as suas torpezas, promettia a si propria emendar-se; mas... a impressão momentanea deitava por terra todos os seus planos de regeneração. Resistir... queria resistir contra a fatalidade que a perseguia, mas era impossivel. N'um só momento, por uma leviandade inconcebivel, perdera tudo quanto mais estimava no

fundo da sua alma — destruira a obra, que era o seu orgulho, creada com lagrimas e sacrificios!

O relogio, na sua voz fanhosa, cantou meia noite. A Bandeira continuava na sala, sentada, só, pensando no que faria Luiz de Mello áquella hora, verdadeiramente contricta de todo o seu passado, que a envergonhava.

O Paco, já deitado, chamou de dentro, da alcôva:

— Mariquitas, chica, no tengas bergonça. Ven acostar-te.

. . . .

Em toda aquella noite a Bandeira não poude socegar. As caricias do hespanhol caiam-lhe na consciencia como chumbo derretido. Repugnava-lhe o homem; a sua gordura inspirava-lhe nojo. Sentia um desejo enorme de levantar-se, de fugir, de se estrangular, de ir lançar-se ao Tejo. Sobre a madrugada, quando o Pa-

co dormia serenamente, resonando alto, a Bandeira sentiu como que opprimir-se-lhe o peito e um grande ataque de choro veiu produzir-lhe uma crise nervosa que a fez soluçar. Teve de metter uma ponta do lençol na bocca para não accordar o hespanhol. Queria dar uma solução á sua vida, voltar á antiga, ver Luiz; mas reconhecia que isso lhe era impossivel; com o Paco não queria, não podia viver; iria ser uma desgraçada; sujeitar-se-hia a viver entre as mulheres da mais infima classe da crapula, do vicio, da vergonha, mas logo que fosse manhã sahiria d'aquella casa.

Tendo resolvido ir-se embora, um pouco mais socegada, sendo ante-manhã, adormeceu. Quando despertou já o Paco estava na cosinha, fazendo o almoço para sahir para a fabrica. A Bandeira levantou-se, sentindo-se indecisa, sem ter forças para dizer ao hespanhol: «adeus,

vou-me embora; não me convem estar aqui.»

O Paco almoçou, deu-lhe dinheiro para as compras, indicou-lhe os locaes onde costumavam estar as cousas e sahiu, despedindo-se até á tarde.

Logo que se viu só, a Bandeira, principiou a remecher todas as gavetas, a ver o que continham os bahus, a analysar tudo. A Irene tinha-lhe dito que o Paco era muito rico. Onde teria elle o dinheiro? Em casa, certamente, não o teria, mas procurava sempre, no fundo das gavetas, nos armarios, entre a roupa, em toda a parte onde imaginava que elle podia existir. Encontrava apenas roupas e os arranjos da casa.

Cançada de procurar, de remecher, de analysar, foi sentar-se na sala, pensando no que devia fazer. Sobretudo o que mais a preoccupava era a ignorancia em que se encontrava do que se teria passado

com Luiz, do que elle teria dito ao saber da sua fuga.

Perto das onze horas chegou a Irene. Ia visital-a, saber como tinha passado a noite, se estava contente, se gostava do hespanhol.

A Bandeira recebeu com alegria a visita e sem entrar em detalhes pediu logo á Irene para ir a casa de D. Leonor buscar-lhe uma camisa e indagar o que se teria passado, se Luiz lá teria ido, o que tinha dito, finalmente, indagar tudo quanto podesse.

A Irene sahiu e a Bandeira nervosa, cheia de receio pela resposta, ficou aguardando a sua volta com impaciencia. Passeou a largos passos as casas todas, olhando sempre os ponteiros do relogio, que lhe parecia não se moverem. Foi arrumando a cosinha, lavou os copos, deitou agua ao canario e a Irene sem apparecer. Era quasi uma hora quando ella

voltou com a camisa. A D. Leonor mandava muitas saudades. O sr. Luiz estivera lá á noite e ficara muito admirado de não a encontrar, mas não dissera nada.

A Bandeira quedou-se perplexa, sem saber em que pensar. Se Luiz ficára admirado de a não encontrar, se não dissera nada á D. Leonor, era porque a Dolores lhe não fôra dizer cousa alguma; era porque elle ignorava tudo. A Desterro, pois, enganára-a, fizera-a precipitar-se n'uma fuga vergonhosa, sem necessidade.

A Irene sahiu; foi á vida, tratar do jantar para o seu rapaz, que a estava esperando na praça da Figueira.

Todo aquelle dia e a noite que se lhe seguiu a Bandeira não deixou nem um instante de pensar em Luiz, no que elle faria, no que estaria pensando, na monstruosa asneira que fizera em o deixar,

em mil planos que formulava para ir ter com elle e pedir-lhe perdão.

Quando o Paco, á noite, veio para jantar a Bandeira pareceu-lhe que elle era ainda mais ridiculo, mais repugnante, mais ordinario e resolveu, definitivamente, no dia immediato, deixal-o para sempre, ir-se embora fosse para onde fosse, comtanto que estivesse longe d'elle. A ideia de Luiz não a desamparava, não a abandonava um momento e ia-se avolumando de hora para hora. Ella conhecia-o; sabia que elle era bom, que gostava muito d'ella, que lhe tinha muita amisade:—havia de perdoar-lhe aquelle desvario. E quem sabia, talvez que ella até o podesse illudir contando-lhe qualquer phantasia pela qual elle ainda lhe ficasse obrigado. Talvez que a sua phantasia ainda lhe fornecesse elementos para o poder illudir, para o convencer de que não fôra trahido. Este pensamento orgu-

lhava-a; via resuscitada a sua obra; mais bella ainda, muito mais grandiosa. Oh! se o conseguisse, se tivesse recursos para levar ao espirito de Luiz o convencimento de que tudo fôra falso, para o apertar em seus braços, mais apaixonado e mais crente no seu amor, então seria grande. Um desejo forte de combater, de medir-se em lucta titanica com a evidencia dos factos, procurando desvirtual-os, revestil-os com as côres falsas, creadas pelo seu genio embusteiro, dominava-a completamente.

....

No dia seguinte, logo que o Paco foi para o trabalho, a Bandeira vestiu-se apressada e sahiu, quasi correndo, para casa de D. Leonor. Aquelles dois dias que tinha passado em casa do hespanhol, o soffrimento constante em que estivera por se ver longe do unico homem que lhe enchia o coração e que apesar

de todas as infidelidades estimava, o martyrio que tinha soffrido ao pensar em todo o seu passado de vergonha e de miseria, tinham-lhe transformado o parecer e enrugado as faces. Perdera em dois dias a côr rosada, a apparencia sadia, o assetinado das faces. Podia dizer-se que tinha emagrecido e que acabava de levantar-se do leito onde tivesse soffrido um longo e doloroso padecimento. Que tempestades se teriam desencadeado no fundo da sua consciencia, no intimo da sua alma? Nem ella mesmo saberia dizer. Nem ella poderia explicar o motivo porque ia procurar por suas proprias mãos o feixe de martyrios que lhe faziam passar longas horas de tormentos e de agonia.

Quando tocou á campainha, em casa da D. Leonor, sentiu um grande alvoroço de alegria, por se encontrar novamente n'aquella casa onde passára alguns me-

zes tão satisfeita. E ainda alli poderia continuar, socegada, feliz, pacifica, se não fora a sua cabeça cheia de fraquezas e de impressões de momento...

A D. Leonor, ao vêl-a, ficou surprehendida.

—Quasi que a não conheço, menina, tão desfigurada está,—disse.

A Bandeira cahiu-lhe nos braços, soluçando. A sua desgraça, a sua má sorte, a sua infelicidade, faziam-n'a soffrer muito, arrastavam-n'a constantemente para o vicio. Não havia que admirar; tinha que acabar sendo uma perdida. E, repentinamente, como animada por uma força estranha:

—E o Luiz tem cá estado? O que tem dito? Estará muito zangado comigo?

A D. Leonor convidou-a a entrar.

—Vamos para o seu quarto,—disse. Olhe que eu não o alugava a ninguem

sem fallar com a menina. E mais estou sem cinco reis. Todo o dinheiro que tinha levou-m'o o *meu*, hoje. O maldito jogo...

Entraram no quarto. Estava tudo na mesma, como ella tinha deixado; apenas a cama estava feita e a roupa arrumada.

— E o Luiz tem cá estado?—interrogou novamente a Bandeira.

— Tem, menina, tem, contestou a D. Leonor. Ainda hontem á noite ahi esteve a conversar.

— E o que disse? fallou a meu respeito?

A D. Leonor dizia que sim, que tinha fallado, mas com pouco interesse. Ella, para elle não andar enganado, dissera-lhe que a Mariquinhas estava com um hespanhol muito rico...

A Bandeira teve um movimento de repulsão, e erguendo a voz:

—Oh! para que lhe foi dizer isso? E' tudo contra mim, não tenho que vêr.

E principiou a soluçar.

A D. Leonor allegava que só o tinha dito no interesse dos dois. E, de resto, era uma cousa que elle facilmente teria de saber. E, de mais, que se importava ella com o homem, se o tinha deixado...

A Bandeira passeava agitada pela casa, batendo forte com os saltos das botinas no chão.

—Olhe menina,—continuou a D. Leonor,—não tenha pena; isto são homens, não vale a pena a gente apoquentar-se por causa d'elles. Elle hontem, quando ahi esteve, viu a Helena e ficou logo pelo beiço. Parece-me que elles arranjam alguma cousa.

A Bandeira parou, repentinamente, no meio da casa. Estava livida e tinha os

labios rôxos. Os olhos pareciam despedir chammas.

— Onde está essa desavergonhada? — regougou ella, avançando para a D. Leonor com os punhos fechados. — Se a encontrar, rasgo-a, como se rasga um trapo pôdre. Deus a livre que eu saiba que ella teve alguma cousa com o Luiz. Bem póde fugir para o inferno.

E gritando, como possessa:

— Se a apanho mato-a; é a minha desgraça; mas hei de ter a consolação de a pisar com os pés, de a desfazer lentamente com estas unhas, de a morder com os dentes...

— Credo, menina, que disparate. Então a menina quer ter o direito de andar com os homens que lhe apparecem e não quer que elle goste das mulheres que encontra? Isso não tem explicação.

— Não quero, já disse, — continuou a Bandeira, erguendo a voz. — Se a en-

contro, faço um escandalo, que vae tudo raso. Se fôr presa, não me importo. A minha sorte ha de ser acabar como qualquer d'essas desgraçadas que vivem ahi por essas ruas.

N'um instante, como ferida por uma scentelha electrica, o *eu* da Bandeira, tinha-se transformado. De humilde, supplicante, acabrunhada, pedindo noticias do Luiz, pezarosa do que tinha praticado, transformára-se, como por encanto, em aggressiva, furiosa, provocadora. A côr tinha-lhe assomado ao rosto e os olhos brilhavam-lhe com maior viveza. Parecia outra. Que phenomeno se teria operado no seu ser? Que mysteriosa força imperava no seu organismo, que a obrigava constantemente a oscillar entre o typo candido e pudibundo da mulher normal e a forma degenerada e repugnante da femea viciosa e desequilibrada?

Quando gemia saudades do homem por quem se sentia dominada, quando lamentava, com sentimento, o seu passado de vergonha e os erros de toda a sua vida d'infamia, quando procurava remediar, por qualquer forma, o mal que tinha feito e entrar no caminho pacifico d'uma vida serena, eis que o demonio do ciume lhe crava o gladio tormentoso e a converte com impetuosidade n'um monstro sem respeito pelos principios estabelecidos, nem pelas regalias individuaes.

Tinha sido uma perdida, uma infame, um monturo; mas que lhe importava tudo isso? Luiz era seu; havia de continuar a sel-o. Não admittia, não admittiria nunca que outra mulher, fosse ella quem fosse, o possuisse, o gosasse como amante. Nunca. Antes que lhe fosse preciso vender-se dez vezes n'uma hora, e ainda que tivesse de ser a mulher mais

baixa e mais infame de todo o mundo. E, depois, que lhe importava o mundo? Ella tinha a desfaçatez sufficiente para encarar todas as situações, fossem ellas quaes fossem, partissem d'onde partissem. A vergonha, o carcere, a condemnação, a infamia, a miseria, a fome, todos os flagellos e todas as baixezas, tinha-os já experimentado, conhecia-lhes o segredo, não a assustavam, nem a detinham. A Helena é que não havia de ser amante de Luiz, porque isso, então, é que seria um inferno para a sua existencia, um tormento constante de todos os dias, um martyrio sem treguas. A ideia de vel-a ao lado de Luiz, de saber que elle lhe comprava vestidos, chapeus, adornos; o pensamento de que elle ainda viesse a gostar d'ella, a acarinhal-a, a ter-lhe amôr, revoltava-a, punha-a n'um martyrio atroz.

Longe de socegar, de procurar acal-

mar-se, de olhar friamente a sua situação, continuava a passear agitada pelo quarto, gesticulando, gritando, batendo furiosa com os pés no sobrado, como doida. A D. Leonor, assustada, sem saber que fazer, embrulhada n'um chaile, encostara-se á parede, soccumbida. O diabo da mulher, pensava ella, parece que tem coisa má. Para que quer ella saber do homem, se o deixou, se lhe fugiu e todos os dias andava mettida com outros?

Repentinamente, a Bandeira, como movida por uma mola electrica, correu para a D. Leonor e, levando-lhe á altura das faces os punhos fechados, regougou, ameaçadora.

—E você, sua alcoviteira, tenha-me muito juizo. Olhe que se eu sei que essa bandalha vem aqui ter com elle, desfaço-a a você e a ella e vou dizer ao *seu* tudo quanto você faz. Vou-lhe dizer até

a hora a que o tendeiro cá costuma vir, *receber a conta*...

A D. Leonor sentiu-se desmaiar. A attitude da Bandeira assustava-a. O seu temperamento fragil, receioso, de lisboeta esfomeada, não lhe permittia resistir contra aquella mulher que era capaz de a aggredir em sua propria casa. E de mais, ella até era capaz de ir contar tudo ao *seu*, e depois, o que succederia? Tremula, sem saber o que fazia, foi sentar-se n'uma cadeira, exclamando:

— Crédo, menina! Pois eu havia de consentir uma cousa d'essas em minha casa? Tudo menos isso...

— Você é capaz de tudo — continuou a Bandeira, exaltada — o que você quer é que lhe escorram *massa*. Eu bem a conheço.

A D. Leonor sentia-se sem força para protestar contra os insultos. Estava tre-

mula. Receiava que d'um momento para o outro os insultos se convertessem em aggressões.

— Vamos a saber — disse a Bandeira. — Eu já d'aqui não saio. O quarto paguei-lh'o não sei quantas vezes até ao fim do mez. E' meu, posso cá estar.

E moderando-se um pouco:

— A D. Leonor vae fazer-me um favor: — escreve ao Luiz pedindo-lhe para cá vir hoje. Eu quero fazer as pazes com elle.

A D. Leonor sentiu-se alliviada. A Bandeira voltava novamente para o quarto. Ia ter dinheiro. E com meiguice:

— Pois sim, menina, não me custa escrever-lhe. Mas a Mariquinhas, para voltar para cá não escapa do padeiro e da tenda, que me não largam a porta e eu estou mesmo sem cinco réis...

A Bandeira começou a meditar e depois, resoluta:

— Não tem duvida. Eu vou sahir e já volto com dinheiro. Escreva-lhe sem demora, mas não lhe diga que eu estou aqui. Não quero que elle o saiba. Eu não me demoro.

E sahiu apressada.

Quasi a correr, dominada por um pensemento que a não deixava raciocinar, foi a rua da Rosa, entrou em casa do Paco e reuniu toda a roupa que poude encontrar. Tres cobertores de lã, quatro lençoes de linho, muitas toalhas, um fato preto, e diversos lenços. Fez uma trouxa de quanto valioso encontrou e chamando um gallego mandou-o pôr aquella roupa no prego. O môço voltou pouco depois com a cautella e dezesete mil réis. Quando a Bandeira viu o dinheiro teve medo de lhe agarrar. As notas sobrepostas na mão do gallego, com as suas côres diversas, fizeram-n'a retroceder, receiosa. Foi á vista das cedulas, empilha-

das, que ella calculou o que tinha feito e o que lhe resultaria quando o Paco tivesse conhecimento do que se passava. O seu primeiro impeto foi mandar buscar outra vez a roupa e collocal-a nos seus logares. A imagem de Helena, porém, que repentinamente lhe atravessou o cerebro, fel-a deitar mão do dinheiro e, mandando o moço carregar a machina ás costas, desceu com elle, deixando a chave em baixo, na cocheira. Pela mente escandecida por tantas e tão varias sensações, passava-lhe a recordação do primeiro roubo que fizera na Figueira, sendo ainda muito creança, quando o brilho fulvo do ouro a seduzira, a empolgára, obrigando-a a roubar, por meio astucioso, n'uma ourivesaria, um cordão. Já ia longe esse facto, mas na sua memoria desenhavam-se ainda, como se fossem passadas na vespera, as scenas principaes do seu crime. Primeiro

fôra o brilho do ouro, estendido por sobre o velludo cardinal da montra, que a impressionára. Ia olhal-o todos os dias, a toda a hora, sempre que podia passar á porta da ourivesaria. Um cordão pendente ao fundo da vitrine, entre centenas de objectos, chamára em especial a sua attenção, commovera-a, seduzira-a. A sua existencia fôra, durante muitos dias, subordinada áquelle objecto, que só ella sabia distinguir entre muitos outros, que o cercavam. Fez mil projectos para possuil-o, para poder deital-o ao pescoço, para ser sua unica dona. Tudo, porém, eram phantasias, projectos impraticaveis, loucuras. Luctou durante longos dias, fez esforços para esquecer a tentação, mas o brilho do ouro não se lhe despegava do cerebro. Era ella, então, creada n'uma casa, trabalhando em costura; um pensamento mau a assaltou: — ir á ourivesaria, onde a conheciam,

pedir o cordão em nome da familia que servia. O ourives não teve repugnancia em confiar o objecto pedido; nem sequer desconfiou da audacia da rapariga. Esta, vendo-se possuidora do objecto ambicionado durante tanto tempo, com tanto amôr acarinhado no seu coração, foi occultar-se n'um recanto da casa, olhando-o, beijando-o, adorando-o como a uma reliquia. Breve, porém, conheceu que não poderia possuil-o, usal-o, envaidecer-se com elle. Aconselhada por uma confidente foi empenhal-o e com o producto comprou guloseimas, presentes para as amigas, ninharias. Depois, descoberto o roubo, veiu o quadrilheiro prendel-a, entrou na cadeia, teve de responder no tribunal, onde o juiz a admoestara com bondade e todos a olharam com espanto, admirando a precocidade do vicio. Todas estas scenas se lhe desenhavam agora rapidas no cerebro, emquanto subia a

rua da Rosa. Que mais lhe estaria reservado; o que faria o Paco quando desse pelo roubo. Houvesse o que houvesse. Só o que ella não queria era ver Luiz de Mello nos braços de Helena. Oh! preferia o carcere, a infamia, a morte, a ter de ver-se subjugada pela lambisgoia que a enchia de raiva.

....

Quando o Paco voltou á tarde da fabrica, pensando no jantar que a Bandeira lhe teria feito e na alegria que ia experimentar vendo a sua casa animada com a presença de uma mulher nova, sentiu-se surprehendido por não obter resposta do toque que tinha feito, á campainha.

Talvez que ella, coitada, pensou elle, tivesse somno e se deitasse um bocado. E tocou outra vez com mais força, sem resultado. A casa estava em silencio, ouvindo-se apenas o piar do canario que

se despedia de uma nesga de sol que ainda lhe dourava a gaiola.

Tendo tocado muitas e muitas vezes sem resultado, não sabendo que pensar, desceu á cocheira, para indagar o que se passava; era natural que lá lhe soubessem dizer alguma cousa.

O moço da cavallariça, o João, que varria o pavimento, disse que uma senhora, seria uma hora, lá fôra entregar a chave. E tirando-a de um prego, onde estava pendurada, na parede:

— Ella ia com um gallego, com uma machina. Foram ali p'ra riba.

O hespanhol teve um presentimento terrivel. Era mais uma que lhe fugia, não tinha que ver. A sua sorte com mulheres estava vista. Todas lhe fugiam sem elle saber o motivo. Quantos homens mais velhos, mais feios e mais pobres tinham mulheres amantes que os estimavam; só elle era ludibrio de todas.

Uma tristeza macerante lhe invadiu todo o espirito, inundando-lhe os olhos de lagrimas. E com a sua falla aportuguezada:

— Enton elha nó disse nadia?

— Nada; não disse nada. Entregou a chave e raspou-se.

O hespanhol ficou pensando no que motivaria a fuga. E o João, continuando a varrer a cocheira:

— Você não tem juizo; mette todo o bicho careta em casa; mas um dia amola-se.

O Paco então, sem retorquir subiu apressado a escada e abrindo a porta deu logo com a vista em tres pares de meias espalhados, na salla.

— Que ès esto hombre?

Foi ao bahu. Não tinha que ver. Estava roubado. Faltavam-lhe todos os cobertores, lençoes, os lenços de linho que tinha na gaveta da commoda, dois fatos novos. O melhor que guardava em casa.

Sem fechar a porta desceu rapido á cocheira.

— Diz-me Juan, lo mozo, aquelhe de la machina no lhevava tanbem uno paquete, uno lio mui ancho de ropa?

— Eu não lhe vi pacote nenhum. Só o que vi foi a machina ás costas e irem os dois ahi pela rua arriba. Falta-lhe alguma cousa?

— La picara me ha robado todo. A'té una manta que me ha costado en Madrid tres pesos. Vá hombre, que és de más. En menos d'un anho tres bêces soy estafado. Que barbaridá! E aóra tube que dar a la picara que ma arregló quatro libras, hombre!

— Eu não lhe dizia? — continuava o o João — Você não queria acreditar, agora ahi tem... E você sabe onde ella mora?

— Que sê yo, hombre. Maldita la hora en que hei venido a Portugal.. Que mu-

jeres tan picaras. Pero te juro que me voy a dar parte a la prevencion... a lo raio...

E subiu novamente a escada. João philosophando e varrendo:

— Fazes bem. A esta hora onde irá ella. Já deu cêbo nos butes. E' tôlo; não póde estar sem mulher. Agora aguente-se. E de mais a mais dar quatro libras para lhe arranjarem a mulher! Esta só pelo diabo. E' tolo confirmado.

E principiou a cantar:

Carrinho americano,
só pelas calhas caminha

. . . .

XII

Quando Luiz de Mello entrou no estabelecimento depois das tres horas da tarde, foi-lhe entregue pelo caixeiro uma

carta pouco antes recebida. A missiva era concebida nos seguintes termos:

Snre. luis.

Pessole que vanha cá a noite a menina já esta muito arependida do que fes, só. Está a chorar e dis quer velo. A noite o espero.

Sua.

Leonor.

A primeira idéa de Luiz, amarrotando o papel entre as mãos, foi lançar ao desprezo a infame que o tinha escarnecido. Não voltaria a casa da D. Leonor, nem queria mais ver a perdida, que infamemente o havia escarnecido. Que podia ella querer-lhe? Continuar a mergulhal-o em desgostos?

O olvido seria a unica fórma de se vingar d'aquella alma de lama, para

quem um punhado de ouro tinha valor superior ao da amizade verdadeira e carinhosa. Mas á medida que assim ia pensando, que resolvia não tornar a ver a Bandeira, Mello sentia-se ferido pelo desejo de a encarar uma só vez, de ouvir da sua boca os motivos que a podiam ter levado a praticar tanta baixeza, de lhe tomar contas de toda a sua infamia e de tão variadas nigromancias. Seria por acaso fraqueza o defrontar-se com ella, o escutar-lhe a narrativa dos seus crimes, o presencear a impressão que a sua presença lhe produzia? A consciencia dizia-lhe que não.

Porque não iria, pensava. Porque não havia de fulminal-a com um olhar, de confundil-a com uma ironia, de vexal-a com qualquer referencia? Não havia duvida. Não faltaria á noite. Era necessario que a indigna soubesse que o tinha ferido rudemente; que se convencesse de que só a sua

situação especial tinha obstado a que elle tirasse a desforra que em egualdade de circumstancias tira todo o homem que se preza. Planeava insultal-a, lançar-lhe em rosto o rosario de torpezas que ella tinha enfileirado na sua vida; escarnecel-a, emfim, pelo seu passado, pelos seus vicios, pela falta de sentimentos. A' medida, porém que assim planeava vingar-se, humilhar a Bandeira, outra idéa começava a germinar-lhe no cerebro, tomando corpo. Era o temperamento do macho, que sonha a femea querida, que a adivinha, que ante-gosa com a sua approximação. Ia tornar a vel-a; tel-a junto de si; ouvir-lhe a voz. A infamia principiava a perder a côr vigorosa para deixar vibrar a animalidade. O que se passava? Alguma cousa que os principios sociaes, os bons costumes, a moral e todas as praxes condemnam, mas que o temperamento e a fatalidade absolvem. Perante

a approximação da mulher querida, da femea que lhe punha em todo o ser sensações mysteriosas de gozo, a razão serena, os sentimentos de dignidade tinham de naufragar. O vicio da Bandeira era para Luiz de Mello como que a attração de um abysmo. A' beira d'um abysmo os fracos fogem, sem poder encaral-o; os fortes contemplam-n'o, seduzidos, nutrindo desejos de se precipitarem. N'estes abysmos sociaes feitos de lôdo, de torpeza, de vergonha, são talvez os fortes aquelles que fogem enjoados e fracos os que se quedam a contemplar a podridão e por ella se deixam macular. E n'este revoltear de podridões, que podem emporcalhar uma sociedade e que muitas vezes cabem dentro de um coração de mulher, quem são os justos, os felizes, os fortes, que teem direito a arremessar a pedra da condemnação e seguir tranquillos pelo caminho da virtude? Certa-

mente aquelles que não encontraram no seu caminho uma impura que os commovesse.

. . . .

Como de costume Luiz de Mello puchou o cordel do trinco e entrou no corredor da casa da D. Leonor. Ao fundo, o quarto da Bandeira, silencioso, estava illuminado. Eram dez horas da noite.

Mello sentiu palpitar violentamente o coração. Tornava a vel-a; mas em que tristes condições. Entre elles seria uma infamia que existisse mais alguma cousa do que o desprezo e a commiseração da sua parte. Succedesse o que succedesse a Bandeira para elle não podia ser mais do que uma mulher infame, que se desvia para longe com tédio, como um animal repelente. Sentia uma vergonha que o faria ruborisar se voltasse a ligar-se ao monturo que tanto o tinha emporcalhado.

Abriu a porta. A Bandeira estava sentada sobre a cama, soluçando, com um lenço nos olhos.

Luiz fechou a porta sobre si e avançou silencioso até ao centro do quarto. Depois de alguns momentos de pausa, disse:

— Porque chora, minha senhora? Quando devia estar alegre por se encontrar de novo na sua casa, n'este ninho de tantas e tão variadas aventuras, assomam-lhe as lagrimas ás faces? E' exquesito. Que nova torpeza prepara para me ludibriar e me escarnecer?

— Luiz, pelo amor de Deus te peço — soluçou a Bandeira — bate-me, mata-me, faz de mim o que quizeres, que eu perdoo-te porque sei que tens muita rasão; mas não me desprezes, tem dó de mim porque sou muito infeliz.

Em todo aquelle dia, a Bandeira pensara em illudir novamente Luiz; em con-

vencel-o de que a sua fuga não fora mais do que uma loucura sem intenções malevolas sem consequencias vergonhosas. Desejava vel-o de novo rendido entre seus braços, crente na innocencia e confiado na sua virtude. Tinha pensado em mil fórmas de illudil-o, em mentiras audaciosas que o convencessem; tinha preparado uma scena de lagrimas que o commovesse e o disposésse para mais facilmente acceitar os embustes que ella declamasse com calôr. Esperava triumphar com os seus recursos de perdida sem escrupulos e já se sentia orgulhosa com a sua victoria, quando um sentimento nôvo, que ella não conhecia, lhe veio dominar o espirito. Sentiu um desejo forte, opposto a todos quantos tivera até áquelle momento, de dizer a verdade, de se humilhar, de se rojar aos pés d'aquelle homem, de ser espancada por elle.

Luiz de Mello, sempre em pé no meio do quarto, sentindo o sangue arder-lhe nas veias, cruzou os braços e em silencio começou a olhar a Bandeira. Esta, limpando as lagrimas que lhe banhavam as faces ergueu o rosto que tinha curvado sobre o colo e disse:

— Luiz, por alma de tua mãe te peço que tenhas dó de mim. Se tu soubesses o que eu tenho soffrido n'estes dias em que te não vi; se podesses calcular os tormentos que tenho passado pensando na minha vida de infamia, que eu não posso evitar porque sou fraca, porque uma má estrella me persegue, porque não sei, como as outras mulheres, evitar o perigo, fugir á seducção que a sociedade todos os dias me desenrola na frente, para me perder, não serias tão rigoroso para commigo. Olha, anda cá, senta-te aqui ao meu lado. Não queiras saber de mim, mas escuta-me por compaixão.

Consente unicamente, oh meu bom amigo, que eu possa apenas ver-te uma vez cada dia e estou satisfeita, já não peço mais, porque o não mereço.

— E' então verdade, prostituta, que tu me atraiçoaste, uma vez, muitas vezes? — interrogou Luiz de Mello, louco de colera e avançando para a Bandeira.

— E' verdade, murmurou ella, humilhando-se, sentindo-se, n'este momento, sem forças para architectar qualquer das suas audaciosas mentiras.

Luiz de Mello, sem saber o que fazia, agarrou-lhe com a mão esquerda nos cabellos e com a direita descarregou-lhe, furioso, repetidas bofetadas, arremessando-a em seguida ao chão. A Bandeira apenas gemia:

— Mata-me, Luiz, mata-me!

Vendo-a no chão, Mello, ficou estupefacto, olhando-a; só então calculou a baixeza que tinha praticado, batendo n'uma

mulher, aggredindo-a, furioso, como um animal que se vê ferido. A Bandeira experimentára uma nova sensação que a commovera em todo o seu ser. Sentia-se como que satisfeita por se ver batida por aquelle homem por quem ella desejava ser absorvida.

E depois de curto silencio, erguendo-se a medo, sentindo-se dominada, como forçada a dizer toda a verdade:

— Oh! Luiz, Luiz! Se tu calculasses que tempestades de tormentos, que chammas infernaes revolteam dentro em mim quando penso que não posso evitar a infamia, que me repugna mas que me arrasta? Se calculasses com que dôr d'alma eu desperto muitas vezes no monturo onde fui parar sem saber como?! Se imaginasses quanto soffro por não poder ser pura e boa unicamente para me entregar ao teu amor e para merecer a tua estima?! Mas não sei, Luiz, não sei que cri-

me pratiquei para que Deus me puna com tanta severidade. Agora digo-te a verdade, toda a verdade. Amanhã jà t'a não poderei dizer porque o espirito mau que se alojou em mim e que eu apenas á custa de lagrimas e de tormentos consigo afugentar por instantes, só me abrirá os labios para a mentira e para a torpeza. Pois bem, emquanto posso dizer-te toda a verdade, deixa-me dizer-t'a, para que o possas vir a saber para sempre, que tu és o unico homem que eu tenho amado, o unico homem que me sabe commover e dominar. Todos aquelles para os braços de quem a desventura me faz derivar, me enfastiam e me repugnam. Só tu imperas na minh'alma e tens albergue no fundo do meu coração.

—Acceita-me tal como sou,—continuou a Bandeira demudada, levantando-se sobre os joelhos em frente de Luiz e erguendo as mãos, supplicante.—De joelhos t'o

peço, Luiz! Deixa-me apodrecer livremente na crapula porque se alguma coisa póde existir de bom na minha alma é unicamente para ti, exclusivamente para a tua affeição.

E fechando as mãos com desespero, cahiu para deante batendo com a face no chão, aos pés de Luiz.

Déra-se a reacção. Luiz de Mello estava commovido. Aquella mulher não era a Bandeira de todos os dias; a infame que primava na mentira e punha satisfação em todas as illusões. Aquella mulher era uma desgraçada que merecia o respeito que merecem todos aquelles que teem a coragem de confessar e reconhecer os seus crimes.

Era fraca, o vicio atrahia-a, sentia o abysmo absorvel-a e não tinha força para resistir-lhe. Tambem elle, espirito delicado, intelligente, honesto, respeitador dos bons principios, se deixava arrastar

contra sua vontade, contra o que lhe dizia a razão serena, e se encontrava n'aquelle abysmo de podridão, á beira de uma mulher perdida, sem poder voltar-lhe as costas e seguir pelo caminho luminoso da virtude, d'onde nunca desejava ter-se afastado.

Luiz de Mello baixou-se para erguer a Bandeira. O corpo d'esta, porém, estava rigido e frio como um cadaver. Conforme poude, Luiz arrastou-a para cima da cama e principiou a chamal-a á razão, banhando-lhe as faces com agua fria. A circulação que parecia ter parado nas arterias da Bandeira, foi-se pouco a pouco restabelecendo e o corpo perdendo a rigidez que momentaneamente o tinha invadido. Quando voltou a si, abriu os olhos e viu Luiz curvado sobre o seu busto, banhando-lhe ainda as faces; lançou-lhe os braços ao pescoço e puchando-o para si principiou a beijal-o.

Luiz de Mello sentiu então como que um prazer amargo em refocilar n'aquella podridão, em entrar nos abysmos d'aquella consciencia sem orientação nem vontade. Quiz saber tudo, entrar em minudencias, conhecer toda a vida de oprobio d'aquella mulher. E quanto mais ella punha a descoberto a chaga do seu passado, a podridão do seu viver, o desequilibrio do seu espirito, mais elle se sentia arrastado para o abysmo, preso á vergonha que o apertava loucamente nos braços, cobrindo-o de beijos e de caricias.

. . . .

Ao clarear da manhã, quando a animalidade que predomina em todos os organismos tinha adormecido, extenuada, foi que a rasão clara assomou ao cerebro de Luiz de Mello e que elle poude vêr nitidamente toda a vergonha da sua fraqueza. O que era aquillo? Como se

encontrava ali junto d'aquella mulher perdida? As scenas da vespera desenhavam-se-lhe no cerebro, attenuando-lhe as más impressões; mas a contemplação d'aquella mulher adormecida ao seu lado, punha-lhe na consciencia uma grande repugnancia por si proprio. No final de tudo ella era uma devassa sem consciencia; era preciso acceital-a tal como era; fôra o que ella lhe pedira na vespera. Pois bem, já que não podia resistir ao imperio da mulher, á femea que o dominava, afastaria para longe de si toda a questão espiritual, toda a divinisação com que a phantasia reveste a mulher amada. Era uma perdida, como qualquer outra que se paga á hora? Pagal-a-ia, visto que não tinha força para arremessal-a para longe de si.

Luiz vestiu-se apressadamente. A Bandeira, que dormia serena, despertou, e descerrando os seus olhos negros, disse:

— Já te vaes? E' tão cêdo! Deixa-te estar mais um bocado...

— E' tarde, não posso, — respondeu Luiz.

E rudemente, com a voz embaraçada na garganta:

— Olha, tu de hoje para o futuro és para mim uma mulher como qualquer outra que se paga. Não posso fugir-te, como desejava; não posso odiar-te, como devia; não posso affastar-te para longe de mim, como a rasão me indica. Pois bem; para o futuro acceitar-te-ei tal como és. Foi o que hontem me pediste. Defiro o teu requerimento. Ahi tens...

E atirando-lhe á cara umas notas, sahiu rapidamente do quarto.

IX

O candieiro de petroleo, acceso sobre a mesa de cabeceira entornava uma luz

amarellada, dando aos moveis um aspecto phantastico. A Bandeira, ainda entorpecida pelo somno olhou as notas espalhadas por sobre a cama, e duas lagrimas cristalinas, ardentes, cahiram-lhe vagarosamente. O que era aquillo? Aquelle dinheiro era a prova da sua infamia. Estava pois escripto que não poderia jámais ter uma hora de felicidade, de socego, de amor livre, expontaneo! Até Luiz a cuspia, arremessando-lhe ás faces a importancia dos seus carinhos. Que infelicidade a sua! Que fazia ella para soffrer tanto, para viver n'um inferno constante, n'um cyclo de martyrio de que não via sahida? Que crimes tinha praticado para que a Providencia lhe applicasse castigo tão rigoroso? Como poderia continuar a viver, sempre agitada por fortes sensações que a maceravam?

Durante muito tempo esteve como que sonhando, com os olhos fitos nas notas

espalhadas por sobre o leito, recordando toda a sua vida, desde aquelles bellos dias da infancia, passados na praia, brincando na fresquidão da areia, á beira do mar que se erguia em ondas bordadas de espuma alva, até aos dias sombrios que passara na prisão enfumada, quasi ao alvorecer da existencia, quando praticou o primeiro roubo, sem saber o que fazia. Pensava em que havia mulheres tão felizes, vivendo na tranquillidade das suas casas, dedicadas unicamente á educação de seus filhos, ao bem estar de seus maridos, ao conforto domestico, e ella então, monturo ambulante, só lhe estava reservada a affronta, a miseria e o soffrimento. O que fizera ella para ser tão infeliz? Seria por acaso a culpada de fraquejar perante o vicio, de soccumbir em frente da tentação, de não poder resistir ao crime? Não era, certamente, dizia-lh'o a sua consciencia; o seu desejo

intimo era ser boa, honesta, virtuosa, mas uma força rude mas fatal, a desviava constantemente do caminho que desejava seguir e a impellia para o lodaçal. Tinha de soffrer, de soffrer muito e sentia-se já tão cançada, tão falta de paciencia, sem uma unica esperança no futuro, que a morte seria para ella uma solução risonha ao problema da sua vida. Para que lhe servia viver, levar aquella vida de tormento que a martyrisava e incommodava quantas pessoas d'ella se approximavam!

Era dia. Na rua ouviam-se os pregões matinaes da leiteira, da mulher da fava rica, dos vendedores de jornaes e dos aguadeiros. A Bandeira, ainda rudemente impressionada pela desforra de Luiz, pensando na triste vida que tinha de levar, no escuro porvir que a aguardava, olhava a luz da manhã que vinha jorrando impetuosa pela janella do seu quarto

Lá fóra o sol dourava já os arvoredos copados da praça da Alegria. Nas ramarias ouviam-se os passaritos cantando alegremente como que a saudar o sol nascente da primavera que chegava. Na esquina fronteira os gallegos escarneciam uma leiteira que passava. N'uma forja para os lados da rua das Taipas, os assobios alegres dos operarios confundiam-se com o martelar estridulo no ferro, e por cima, no terceiro andar, um papagaio gritava: *anda cá*, *anda cá*, *oh! mulher!* Tudo lá por fóra era alegria e satisfação, vida, só ella para ali estava vexada, foragida, coberta de vergonha. Mereceria ella tão rigoroso castigo?

Repentinamente a campainha da escada retiniu com força. A Bandeira teve um sobresalto terrivel. Veiu-lhe á memoria o que fizera na vespera, mandando empenhar a roupa do Paco. Quem sabia? talvez que fosse elle que viesse com

a policia para a prender... Que vergonha a sua, quando Luiz soubesse... E metteu-se pela cama abaixo, cobrindo-se com a roupa.

Segunda campainhada se fez ouvir, mais forte, mais apressada, e, logo a seguir, com poucos instantes de intervallo, terceira.

Então, no corredor, da porta do seu quarto, ouviu-se a voz da D. Leonor, que gritava:

— Quem é? Quem está ahi? Não está má a pouca vergonha. Ainda não são seis horas e parece que deitam a casa abaixo! Deve ser grande negocio! Ora não está má a pouca vergonha.

E, chinellando pelo corredor fóra em direcção á porta:

— Quem será o estafermo. Então não querem lá vêr, nem uma pessoa póde dormir na sua cama. Quem é?

— Faz favor.

E a D. Leonor, abrindo a porta:

— O que é que quer?

Era a Irene.

— Está cá a menina Bandeira?

— Está, sim, senhora; com cedo a procura; grandes negocios. Olhe, para a outra vez toque com menos força, que aqui não é porta de quinta, ouviu? E demais, isto não são horas de procurar ninguem, ouviu?

— Desculpe, minha senhora, mas é que eu precisava muito fallar á Mariquinhas — disse a Irene.

— Eu faço ideia que ha de ser negocio importante. Nem uma pessoa póde estar deitada na sua cama.

Emquanto a D. Leonor resmungava, fechando a porta, a Irene precipitou-se pelo corredor, entrando no quarto da Bandeira. Esta, tendo apenas os olhos fóra da roupa, não disse palavra.

— Então que fizeste tu, mulher? — in-

terrogou a Irene.—O Paco foi lá a minha casa, era uma hora e queria por força que eu lhe dissesse onde tu estavas, para te mandar prender. Diz que tu lhe roubaste tudo. O que fizeste tu, mulher? Ai! que cabeça a tua. E então eu mettida n'estas cousas; até o *meu* já me quiz bater. Onde tens tu essa roupa, mulher? Nunca pensei que fosses capaz de me envergonhar a cara. E eu que te tinha affiançado tanto. Onde tens essa roupa, mulher?

A Bandeira não dizia palavra, olhando insensivelmente a Irene.

—Não respondes? Olha que eu não quero cá saber. Não estou para pagar por ninguem. O Paco diz que se tu lhe não mandares o que lhe roubaste, até ás dez horas, que vae dar parte á policia. Vê lá o que fazes. Envergonhada já eu estou; vê se me queres envergonhar ainda mais. Nunca pensei que fosses capaz

de me comprometter. Não fosse eu tola que já estava livre d'estes incommodos...

Depois d'um curto intervallo, a Bandeira, com vaz fraca:

— Dize-lhe que sim, que vou mandar-lhe tudo. Em sendo dez horas, lá tem o que é seu.

— Grande tola; estavas tão bem; estavas como o peixe na agua!

E saindo:

— Ainda has de torcer a orelha, mas já não deita sangue. Tudo por causa d'aquella estampa, d'aquella belleza do tal sr. Luiz. E vê lá agora o que fazes. Olha que o Paco está damnado; se lhe não mandas o que lhe roubaste conta que és preza. Tua alma, tua palma.

No corredor encontrou Irene a D. Leonor, que tinha estado a escutar a conversa.

A Bandeira ficou estendida na cama,

sem se mover, até depois das oito horas. Como poderia arranjar perto de dezoito mil réis para mandar buscar ao prego a roupa do hespanhol? Do dinheiro da vespera, apenas lhe restavam uns vinte e seis tostões. No dinheiro que o Luiz lhe tinha atirado á cara não queria mecher. Não tinha recursos de que deitar mão, uma unica pessoa que se compadecesse dos seus infortunios e procurasse evitar-lhe mais aquella vergonha. Era fatal que o Paco a mandava prender, que seria arrastada á cadeia, ao tribunal, á infamia. E como appareceria depois a Luiz, tendo nas faces estampado o stygma de... ladra?! Não podia ser. Era melhor acabar com aquella vida, cheia de torturas, mil vezes peior do que o inferno.

A's nove horas levantou-se, serena; tinha tomado uma resolução fatal; foi á tenda e comprou quatro caixas de phosphoros de cera e meio litro de leite. Com

uma das notas de Luiz, comprou, na contrabandista, seis metros de panno patente. Voltou para o quarto. Deitou os phosphoros de molho no leite e sentou-se á machina, fazendo rapidamente uma mortalha com o panno. Estava socegada, praticando todas as acções como se se tratasse do facto mais natural d'esta vida. No seu olhar havia a serenidade das consciencias tranquillas.

Terminados os preparativos, sentou-se á mesa e traçou com mão firme a seguinte carta, que mandou por um gallego a Luiz de Mello:

Luiz:

O dinheiro com que me pagaste serviu para comprar a mortalha com que hei de descer á cova. Adeus! Adeus!

Perdoa-me tudo.

Maria.

Em seguida foi pacientemente tirar os phosphoros do leite, observando se as cabeças estavam perfeitamente diluidas, mechendo a berberagem com o escrupulo d'um alchimista: vestiu a mortalha branca, depois de ter feito uma toilette de roupas lavadas, e sentando-se sobre a cama bebeu o veneno até á ultima gota.

A D. Leonor, porém, que ouvira toda a conversa da Irene, e que, desconfiada, a observára, acudiu-lhe logo ás primeiras agonias, fazendo grande alarido, pondo a casa em sobresalto.

. . . .

Só perto da uma hora da tarde é que Luiz de Mello recebeu a carta da Bandeira. Ficou assustado; a mulher seria capaz de suicidar-se, de envolver o seu nome n'alguma tragedia, em que os *reporters* esmiuçassem o seu contacto com aquella perdida, e que, para coroação de

todos os tormentos, ainda visse o nome assoalhado, talvez, como promotor d'um suicidio?! Quasi a correr, foi ao Rocio, metteu-se no primeiro trem que lhe appareceu, e mandou bater para a rua da Mãe d'Agua.

Ao entrar em casa da D. Leonor viu a porta do quarto da Bandeira aberta, tendo a janella meio fechada. Alguma coisa de anormal se passava. O que seria? Ter-se-ia a mulher suicidado?

Luiz de Mello parou, entre a porta, como suffocado. A Bandeira, sentada na cama, era amparada por duas mulheres, que lhe seguravam o tronco, todo pendido para diante, como se estivera embriagada. Na frente, sobre uma cadeira, havia uma bacia, na qual ella lançava a espaços um liquido branco, repugnante. A D. Leonor, com um copo cheio de azeite, chegava-lh'o aos labios, dizendo:

— Beba, menina, beba, para alliviar.

— Que succedeu? — interrogou Luiz.

— Foi esta doida que tomou phosphoros em leite. O que valeu foi eu acudir-lhe a tempo com azeite, e não queria beber. E, de mais a mais, não apparece um medico... O *meu* tem corrido tudo sem encontrar um. Sempre tenho soffrido cousas por causa d'esta menina, que só a minha paciencia as podia tolerar.

— Oh! D. Leonor, disse Luiz, eu tenho um trem ali em baixo. Tenha paciencia, metta-se n'elle e vá com essa desgraçada ao hospital para lhe lavarem o estomago. O azeite foi conveniente nos primeiros momentos, mas agora é preciso mais alguma cousa. Tenha paciencia; pratique mais esta obra de caridade.

A D. Leonor disse que sim, que ia, e correu a vestir uma saia e a pôr o chapeu.

Luiz de Mello chegou-se á Bandeira,

que o olhava com vista desvairada, sem poder ter a cabeça socegada um instante. Da bocca, que ella mantinha aberta, como se os labios lhe escaldassem, sahia-lhe um vapor forte de massa phosphorica. O corpo tinha a frialdade humida dos cadaveres.

As vizinhas que a amparavam obrigaram-na a levantar-se, a vestir-se, a descer para o trem, ouvindo-a murmurar a espaços:

—Deixem-me morrer, deixem-me morrer!

Quando ella já de pé, vestida, se encaminhava para o corredor, sentindo a cada passo fugir-lhe o chão debaixo dos pés, os botões brancos de duas fardas de policias brilharam entre a porta do quarto.

Eram dois guardas.

— Quem é aqui a sr.ª Maria Bandeira? interrogou um d'elles.

E a D. Leonor, que regressava, já vestida, indicou:

— E' esta menina, que está muito doente, vae agora para o hospital.

— Pois tem que nos acompanhar, ou que nos dar o que roubou na rua da Rosa. São ordens que temos. Se está muito doente o medico lá na esquadra o dirá. Aqui ou acompanha-n'os ou entrega o roubo que fez em casa d'um hespanhol, na rua da Rosa.

Luiz de Mello, soccumbido, encostou-se á parede, sem entender o que se passava, interrogando a D. Leonor com o olhar. Esta, que de manhã ouvira a conversa da Irene abeirou-se de Luiz para o elucidar. Entretanto a Bandeira, em convulsões, mettia a mão na algibeira e tirava um papel. Era a cautella do prego.

Luiz olhou para a cautella e deu-a aos policias com uma nota de vinte mil réis, dizendo:

— Parece que esses objectos os foi esta infeliz empenhar. Aqui está dinheiro para o roubado os mandar buscar e se faltar mais alguma coisa que o mande dizer.

Os policias olharam o papel, mostrando-se satisfeitos. Entretanto a Bandeira seguia para o hospital, acompanhada pela D. Leonor. E Luiz, descendo a praça d'Alegria, com a alma envolta em tristeza, murmurava:

— Para completo castigo, até ladra. Que infelicidade a minha.

XIV

Mezes se passaram depois das scenas que acabamos de descrever. A ligação de Luiz de Mello com a Bandeira seguia accidentada e cheia de tormentos,

como principiára. A Bandeira, sentindo que Luiz de Mello longe de a aborrecer se deixava levar cada dia mais encantado nas suas caricias, dava agora largo á sua vida aventurosa e cheia de escandalos. Tinham acabado as contemplações, os sustos, os receios. Sahia a toda a hora, recolhia de madrugada, fazia tudo quanto o seu temperamento impressionista e desequilibrado lhe indicava, sem se preoccupar com Luiz. Sabia que o tinha seguro, fortemente preso pelo instincto, que poderia fazer d'elle o que quizesse. Se alguma vez succedia Luiz de Mello recriminal-a pelas suas faltas, avisal-a dos seus desvarios, a Bandeira voltando-se para elle, contestava-lhe:

— Olha, sabes que mais, se não te convénho, rua; tenho muito quem me queira.

E Luiz de Mello, humilde como uma creança, ia acceitando os carinhos da

devassa, sempre receioso de que ella o deixasse e fosse viver com outro homem.

As exigencias de dinheiro eram constantes e sem admissão de desculpas. Muitas vezes a Bandeira dizia, imperiosa:

— Dá cá cinco mil réis, preciso d'elles.

E Luiz de Mello:

— Oh! filha! tem paciencia. Ainda hontem te dei dez. Agora, aqui, não tenho. Não me é possivel tanta despeza.

E a Bandeira, toda formalisada:

— Ah! não tens? Pois eu logo arranjo quem m'os dê. Descança, que não fico sem elles. Pelintra; não me dá nada. Se fosse para a Helena não faltaria dinheiro.

A Helena era agora pedra de escandalo da Bandeira. A proposito de tudo, por mais insignificante que fosse a questão, vinha a Helena. Não lhe podia sa-

hir da mente a imagem d'aquella mulher, que ella suppunha uma rival e por quem não queria ser supplantada.

Luiz de Mello, para evitar que ella encontrasse quem lhe *desse* a quantia de que necessitava, lá ia a casa e trazia-lhe ás vezes ainda mais do que o que lhe tinha sido exigido.

Nos ultimos tempos tornára-se-lhe pesadissima a ligação com a Bandeira, que, conhecendo-lhe a fraqueza se não poupava a sacrifical-o, andando sempre no alto luxo. Os vestidos succediam-se e inutilisavam-se, mais pelo abandono, pelo desleixo, pela porcaria, do que pelo uso. Os chapeus, atirados com frequencia para cima das cadeiras, da cama, das mezas, para toda a parte, não lhe duravam mais do que os vestidos. Era um gastar louco de dinheiro, que Luiz ia sempre abonando, muito embora a consciencia lhe doesse e reconhecesse que aquellas des-

pesas eram superiores ás suas forças e representavam para elle não só uma vergonha, como tambem um roubo a seus filhos.

Por traz da Bandeira existia faminta uma legião de perdidas, de raparigas da vida airada, que a disfructavam e lhe sugavam quanto a sua generosidade permittia. Ella, para se envaidecer, para mostrar que vivia farta, que Luiz lhe não recusava cousa alguma, satisfazia sempre os pedidos das amigas, as exigencias das conhecidas.

Emquanto se davam estes factos, que obrigavam Luiz de Mello a despesas excessivas, os negocios iam-lhe correndo pessimamente. A sua falta de pratica na administração do estabelecimento de artigos de que elle nada percebia, tinha-lhe

occasionado uma serie de prejuizos que o traziam verdadeiramante embaraçado e apprehensivo. Um viajante impingira-lhe seiscentos mil réis d'uma fazenda de lã, completamente avariada, em que perdeu mais de trezentos mil réis; ainda outro arrancou-lhe uma encommenda de flanellas facturadas por um preço que não podiam encontrar comprador no mercado; um terceiro metteu-lhe em casa uma porção enorme de camisolas traçadas e de difficil venda. Ruina por todos os lados.

Os caixeiros, com a ignorancia do patrão e com as suas constantes ausencias da loja, ausencias a que o forçava a Bandeira, *mettiam a mão na gaveta* e deixavam andar o estabelecimento á matroca. Não havia preços nem ordem nas fazendas; os freguezes eram maltratados; principiavam a faltar os artigos mais vendaveis por não haver dinheiro

para se comprarem. O credito retrahia-se por causa da difficuldade de pagamento das ultimas letras. Já se dizia na visinhança que aquillo estava a cahir e que mais dia menos dia os credores tinham de fechar a porta. Os collegas citavam factos, pondo em evidencia a imcompetencia de Mello para gerir o estabelecimento.

No principio de junho andava Luiz de Mello afflictissimo: vencia-se no dia dezoito uma letra á firma Baracho & Alves, da rua dos Retrozeiros, na importancia de um conto e duzentos mil réis, alem de outras contas a pagar n'aquelle mez; em caixa não tinha real com que podesse fazer face a estas despesas. Por duas vezes já fôra ter com Baracho & Alves pedindo-lhes para lhe reformarem a letra, mas o representante da firma, que o tinha enganado por diversas occasiões, impingindo-lhe gato

por lebre e forçando-o a comprar o que elle não carecia, dissera-lhe que era impossivel qualquer reforma, que precisasavam de dinheiro e não podiam deixar de receber a importancia da letra no dia do vencimento. Eram estas as ordens que tinham do fabricante; não podiam alteral-as, muito embora desejassem ser-lhe agradaveis.

No dia 17 de junho Luiz de Mello viu-se completamente perdido. Procurára em todos os locaes soccorro á sua situação; fôra ter com os amigos que lhe parecia poderem valer-lhe; fizera esforços para collocar um saldo grande de fazendas em diversas casas e não conseguiu coisa alguma. N'aquelle dia, ao fechar da loja, todo o seu dinheiro eram sete mil duzentos e cincoenta réis. Estava completamente perdido. O que tinha a fazer? Não o sabia. Sentia a cabeça em fogo e considerava-se culpado

do grande cataclismo que via pendente sobre a sua cabeça. Se não foram as enormes despezas que fizera com a Bandeira poderia ter agora em caixa o sufficiente para satisfazer seus compromissos. Ao fechar do estabelecimento, procurando distrahir-se, foi até casa da Bandeira. Não podia, porém, dominar a triste impressão que o entristecia; estava aborrecido, afflicto, apprehensivo, sobre o que lhe succederia no dia seguinte. A Bandeira, ao encaral-o, perguntou-lhe logo:

— O que tens? Estàs tão triste!

E Mello:

— São cousas que tu não entendes.

— Olha, então escusas de vir para cá com essa cara. Aborrecida estou eu, não preciso de quem me aborreça mais. Sabes? Eu preciso de cinco mil réis.

— Pois tambem eu,—contestou Mello,—e mais não os tenho.

—Não os tens para mim. Para mim nunca tens nada; mas isto ha de acabar, deixa estar.

—Acaba quando tu quizeres. Só o que te peço é que me não mortifiques.

A Bandeira começou a cantar, desesperada. Mello estendeu-se sobre a cama, sem dizer palavra. Depois de algum tempo, a Bandeira:

—Não me dás os cinco mil réis, não?

—Já te disse que não, porque os não tenho. A minha situação é mais grave do que tu suppões; quando tenho dinheiro não t'o recuso.

—Pois então fica sabendo,—disse ella, furiosa—que os vou arranjar; vou ter com quem m'os dê. Eu sem dinheiro é que não posso viver; não é com a ridicularia que tu me dás que hei de passar.

E principiou a vestir-se, na intenção de sahir.

Luiz levantou-se vagarosamente e caminhou direito á Bandeira com um olhar terrivel, interrogando-a:

— Onde vaes?

— Já te disse; preciso de cinco mil réis, vou ter com quem m'os *empreste*...

Luiz, como fulminado pelo desespero, levantou rapido a mão direita e descarregando-a com violencia sobre as faces da Bandeira fel-a ir bater desamparadamente d'encontro á parede. Ella soltou um grito afflictissimo e cobrindo a cabeça com os braços, como que a proteger-se de nova descarga, soluçou:

— Não me batas, Luiz, perdoa-me. Tu bem sabes que eu sem dinheiro não posso viver.

Luiz recuou um pouco, como que assombrado do que tinha feito. Era a segunda vez que aquella infame o fizera descer ao nivel dos rufiões e homens de baixos sentimentos.

— E' verdade, bato-te. Era só a infamia que me faltava praticar para ser digno da tua pessoa. Tenho vindo a descer na escala dos sentimentos, attrahido pela tua podridão, até á asquerosidade de levantar a mão para uma mulher. Aqui tens a tua obra. Revê-te n'ella que é digna da creadora, e do artifice tambem. Quem chega até aqui deve já agora coroar o trabalho. Venha a gazua e o punhal, que a occasião é propicia. Não ha dinheiro para te saciar os instinctos e toda a ferocidade me férve em cachão no intimo do meu ser. Vamos á rua roubar o primeiro viandante que traga dinheiro. Estás satisfeita comigo? E áma nhã ao carcere, ao tribunal, ao degredo...

N'este momento uma sombra negra passou pelos olhos de Luiz de Mello, deixando-o como que em trevas. A sua commoção tinha sido de tal natureza que

lhe parecia estar cego. Lentamente, do centro das trevas que lhe parecia o cercavam, principiou a desabrochar um ponto luminoso e do centro d'essa pequenina luz que se alastrava, como n'uma lanterna magica, viu apparecer, os dois filhinhos que dormiam tranquillamente nas suas caminhas de innocencia, velados pela mãe, que lhes acariciava as roupas em volta dos pescoços rosados.

Uma convulsão de choro o suffocou. Teve de lançar-se de bruços sobre a cama, soluçando.

Então a Bandeira, erguendo-se, foi lançar-lhe os braços em volta do pescoço:

— Oh Luiz! Luiz! Perdoa-me que tanto te faço soffrer.

....

No dia dezoito o cobrador do banco Lisboa & Açores onde a letra tinha sido

descontada appareceu no estabelecimento, para receber. Luiz, n'aquelle dia, vendo-se perdido, sahira logo de manhã e só á noite voltou á loja. Passou o dia em Algés, passeando pela praia, sem saber o que fazer. Quando regressou á noite não encontrou novidade, apenas os caixeiros lhe entregaram o aviso para o pagamento da letra. No dia seguinte sempre agitado, sem comer, fôra ter com um velho amigo, o Alves, com escriptorio de quinquelherias na rua de S. Julião, dizer-lhe o que se passava, pedir-lhe para lhe acudir. O Alves tambem estava com a sua vida muito atrapalhada, muitas despezas, muita familia, era-lhe impossivel n'aquella occasião dispor de tão grossa quantia. No entretanto no dia seguinte havia de fallar aos sacadores, ver o que poderia fazer. Mello ficou mais socegado, confiando na amisade do Alves, que era um dos poucos amigos bons,

No dia vinte Mello foi procurar um agiota, que lhe disseram que descontava letras com uma só firma e que morava lá para Alcantara. O juro era monstruoso, setenta por cento ao anno, mas n'aquella occasião não se tratava de juro, o que era necessario era dinheiro. O agiota, porém, quando Mello teve a ingenuidade de contar-lhe a sua situação sorriu-se e disse-lhe que n'aquella occasião não estava habilitado para transaccionar. Desfeita mais aquella esperança Luiz regressou a Lisboa; tinha, porém, um presentimento tristissimo que o affligia. Ao chegar á rua dos Fanqueiros viu as portas do estabelecimento fechadas. Não tinha que ver, estava desgraçado.

Correu a casa, para dizer á esposa o que se passava; mas ao chegar á porta um novo golpe o feriu rudemente. Encontrou a D. Maria sentada n'uma cadeira, no corredor, chorando copiosa-

mente. A filha mais velha, a Belmira, abraçada á mãe, tambem soluçava, sem comprehender o que motivava todas aquellas cousas. O pequenito, o Antonio, que ia fazer seis annos, brincava no chão, aos pés de D. Maria, puchando pela casa uma taboita presa d'uma linha, a que elle chamava o seu *carinho*. Dentro, na saleta, um homem já velho escrevia em papel sellado, emquanto que outros, sentados em volta, aguardavam.

A D. Maria, quando o viu levantou-se rapida da cadeira onde estava sentada e deitando-lhe os braços ao pescoço disse-lhe:

—Oh, Luiz, Luiz, estamos perdidos. O que ha de ser dos nossos filhos, coitadinhos? Que mal fizemos nós para ser-mos tão desgraçados! Eu não sabia de nada. Porque não m'o tinhas dito? E tu, infeliz, como has de ter soffrido?...

—Mas que é isto,—inquiriu Luiz

de Mello — o que fazem aquelles homens?

— Estamos perdidos, filho, veem arrestar-nos tudo; temos que nos ir embora! Tenho que deixar a minha casinha e ir não sei para onde. Nem a minha rica Virgem de Nazareth, que me tinha dado minha santa mãe e que eu tanto amava, me deixam tirar do oratorio. Ficamos só com o fato do corpo, meu rico filho!

E começou n'uma convulsão de chôro, abraçada no marido.

A pequena, apertando uma das mãos ao pae, disse-lhe em confidencia, abrindo muito os seus grandes olhos negros marejados de lagrimas:

— Papá, nem o fato da boneca que me deu a Annica me deixam tirar.

Luiz passou a mão pela testa que lhe escaldava. Não imaginava que se podesse soffrer assim.

— Oh! meu Deus; meu Deus!

E avançando para a porta:

—Mas isto é uma barbaridade, meus senhores. Eu invoco os bons sentimentos de humanidade de todos para que não expulsem de sua casa uma senhora e duas creanças.

O velhote que escrevia, ergueu um pouco a cabeça e olhando por cima dos oculos de que se servia:

— O senhor é que é o dono da casa?

— Sim, senhor.

— Pois então se sabe ler leia este papel, que é o mandado e veja que nós não fazemos mais do que cumprir com o nosso dever.

E continuou escrevendo.

— Eu não duvido de que cumpram com os seus deveres — disse Luiz supplicante, — mas um pouco de compaixão com esta pobre familia que se vê expulsa de sua casa sem saber onde recolher-se. Todos os cavalheiros devem ter

familia; só lhes peço que pensem por um momento na minha imcomprehensivel situação. Em nome de todos os sentimentos bons, meus senhores, lhes peço que me digam o que devo fazer.

— Pouca cousa—disse sorrindo o procurador da firma arrestante — é pagar o que deve.

— Muito bem, — seguiu Mello pausadamente—montei o estabelecimento com alguns contos de réis producto do meu trabalho, trabalhei durante algum tempo com constancia; procurei pagar a todos emquanto tive cinco réis; como fui infeliz, como me illudiram nas compras; como abusaram da minha inexperiencia n'este ramo de negocio, vendendo-me caro, impingindo-me artigos deteriorados; arrumando-me *monos* que ninguem comprava, aquelles que me illudiram, que abusaram conscientemente da minha boa fé, ainda em cima me punem expulsan-

do-me de casa com uma senhora e duas creanças! Oh! ninguem deixará de confessar que esta sociedade é uma perfeição e que o mundo civilisado tem leis e admitte principios que o engrandecem e devem orgulhar.

Depois d'uma pequena pausa o procurador da firma arrestante ergueu-se da cadeira onde estava sentado e foi segredar ao ouvido do homem que escrevia. Este pareceu approvar o que o procurador lhe dizia e tirando os occulos veio ao corredor dizer a Luiz:

— Olhe, o procurador não se oppõe a que o senhor tire as camas e mais alguma roupa; chame uns moços e leve isso ahi para qualquer parte.

A este tempo já a visinha do lado tinha vindo dizer á D. Maria que fosse lá para sua casa até resolver aquillo. Luiz vendo que não podia evitar aquelle fatalissimo golpe tratou elle mesmo de ir

desarmar as camas, transportar as roupas e tudo quanto poude para casa da visinha. Uma caixa com o faqueiro de prata e algumas joias foi passado pela janella do saguão, finalmente salvou tudo quanto poude, sem escandalo.

A' tarde, já em casa da visinha, entre os colchões e todos os objectos que se amontoavam pelo corredor, a Belmira acercou-se de Luiz e disse-lhe:

— Não sabe, papá? sempre pude trazer o fato da minha boneca.

E a D. Maria. afflicta:

— E o teu vestido novo, filha?

— Ai! mamã! Esqueceu-me. E o calçado tambem.

— Bemdito seja Nosso Senhor Jesus Christo! — exclamou a D. Maria. — Só tens para calçar esses sapatinhos que trazes nos pés.

XV

O valor das fazendas que Luiz de Mello tinha no estabelecimento, reunido ao valor das propriedades que possuia em Alhandra e que a firma Baracho & Alves para se garantir tambem lhe fez arrestar, e a mobilia que existia na rua dos Fanqueiros, tudo vendido ém leilão immediato ao arresto produziria quantia muito superior aos debitos do estabelecimento. A questão, porém, foi affecta ao tribunal do commercio. Tiveram de correr-se os prasos indicados na lei para garantia dos direitos das partes e aquelles que a lei não indica e que servem de commodidade aos srs. juizes e empregados. Houve *chicana* da parte dos credores, requerimentos e agravos, de fórma que, quando foram abrir a loja e a casa para fazerem

almoeda do existente, as fazendas estavam completamente deterioradas; umas manchadas de bolor, amarelladas; outras traçadas, desfazendo-se em pedaços; outras ainda roidas dos ratos e baratas. Prejuizo total. Depois de tudo vendido e pagas as custas, que excederam a importancia do debito, tudo para garantia dos credores, estes apenas receberam sessenta e tres por cento dos seus creditos e Luiz de Mello ficou sem cousa alguma do que possuia. Elle procurava muitas vezes á sua consciencia se seria justo arrancar-se áquelle que tem a unica culpa de ser infeliz os elementos de vida que possa ter conquistado pelo seu trabalho, e a sua consciencia dizia-lhe que não; mas a lei lá estava com toda a sua força para lhe arrancar até a roupa dos filhos e para o expulsar com sua familia para a miseria da rua, para o catre do hospital, para a desgraça do asylo.

Estas bellezas da civilisação, que passam desapercebidas ao egoismo das multidões pareciam tão monstruosas a Luiz que elle, no fundo da sua alma, sentia como que uma voz que lhe dizia que a hora da justiça muito embora tardonha, havia de soar; que a sociedade, tal como está constituida é um inferno monstruoso para uns, tem horas de agonia inexcedivel para outros e que para um pequeno numero, na sua grande maioria composto de nescios e egoistas, o bem estar é permanente. As dores mais profundas, mais horriveis, aquellas que mais mortificam e mais inutilisam o homem são as que a civilisação encobre com o seu manto de *felicidade* e de *bem estar*.

....

No dia seguinte de manhã Luiz de Mello reconheceu que não podia continuar ali em casa da visinha, incommo-

dando aquella boa gente que tão generosamente o tinha acolhido.

Precisava arranjar uma casa para ir viver; mas onde conseguiria dinheiro para a renda? Dando balanço aos fundos que tinha na algibeira encontrou-se com quatro mil duzentos e trinta réis, quatro pessoas de familia a sustentar e quasi que sem fato para vestirem.

Elle estava novo, sentia-se com coragem, iria trabalhar; o que era necessario era sahir d'aquella situação e procurar collocar-se em alguma casa onde podesse ganhar o pão de cada dia.

A D. Maria alvitrou que fosse elle empenhar o faqueiro de prata para arranjarem dinheiro para as primeiras necessidades. A visinha, em casa de quem estavam, aconselhou o Monte-pio geral, bom estabelecimento, juro muito modico, ia lá muita gente boa, até fidalgos e pessoas de toda a respeitabilidade.

Luiz de Mello, completamente demudado pelos acontecimentos dos ultimos dias, lá foi com um pacote debaixo do braço, em direcção ao Monte-pio.

Antes de entrar olhou para todos os lados, desconfiando que alguem conhecido o espiasse, como se fosse praticar um crime. Estava envergonhado, era a primeira vez na sua vida que entrava n'aquella casa.

Entrou. Vendo uma porta é esquerda, no corredor, dirigiu-se para ella, suppondo que seria ali que se realisaria o emprestimo. Havia um balcão corrido ao longo da casa; por detraz d'este homens sentados a secretárias escreviam. Sobre o balcão, organisando papeis, os conti nuos olhavam quem chegava. Em frente, em bancos de mogno polido encostados á parede, diversas pessoas aguardavam. Via-se um homem baixo, barbeado de fresco, cara rapada, vestindo sobre-

casaca, chapeu alto na mão, typo de actor. Uma senhora ainda nova, de luto rigoroso, com um rolo de papeis debaixo do braço. Uma rapariga de chaile e lenço, tendo ao lado uma creancita dos seus dez annos. Um moço de fretes, de camisola azul e calça de ganga e mais longe duas senhoras vestidas de claro, conversando, e afagando uma creança que tinham na sua frente.

Um dos continuos foi junto d'uma secretaria e gritou:

—Trinta e sete... quem é?

A senhora de luto apresentou a senha com o numero trinta e sete, recebendo uns papeis, que juntou ao rolo.

Luiz, sentindo a voz embargar-se-lhe na garganta, envergonhado, dirigiu-se a um dos continuos:

—O senhor tem a bondade de dizer-me onde posso empenhar uns objectos que aqui tenho?

— Isso é lá em cima, suba a escada, no corredor ao fundo.

Luiz subiu a escada e encontrou-se n'outro corredor, sem saber por onde seguir. Via portas para um lado e para o outro, não podendo adivinhar por qual d'ellas entrar. Seguiu um pouco pelo corredor e empurrou uma porta de vidraça, de vidros tremidos. Dentro n'uma grande sala havia muitos empregados que escreviam em carteiras. Um d'elles interrogou Luiz.

— Que deseja?

— Empenhar uns objectos que aqui trago.

As palavras escaldavam-lhe nos labios. Sentia vontade de chorar.

— Isso é aqui ao lado; uma porta de vidraça, indicou o empregado.

Luiz seguiu pelo corredor, entrando pela porta indicada. N'um gabinete pequeno, que recebia a luz do tecto, um

homem calvo, olhava uns castiçaes de prata, que uma senhora vestida de preto lhe apresentava, sobre uma mesa comprida. Ao fundo uma especie de aparador com dois pares de balanças, algumas cadeiras era toda a mobilia da casa.

— Espere ahi fóra — disse-lhe o homem calvo, que era o contraste.

Luiz sahiu, sentando-se n'um banco, esperando que a senhora de preto sahisse.

O peso do pacote com o faqueiro parecia queimar-lhe o regaço. Como seria doloroso para a sua pobre mulher vêr-se sem aquella prata que ella tanto estimava? Elle tinha esperança de a resgatar dentro em pouco. Em se empregando, em ganhando dinheiro, era a primeira cousa que fazia era ir desempenhar o faqueiro, cuja ausencia custaria muitas lagrimas a sua querida e infeliz mulher.

A senhora de preto sahiu, com um pa-

pel na mão e Luiz poude então entrar, empenhando o faqueiro que trazia dentro do pacote.

Setenta e dois mil réis foi o que lhe emprestaram. Era quantia mais do que sufficiente para arrendarem uma casa modesta e viverem algum tempo, até elle se empregar.

....

N'aquella tarde Luiz de Mello e D. Maria foram procurar casa para viver. No Bairro Alto, diziam-lhe, era mais barata a renda e vivia-se com maior economia, com mais modestia. Procuraram por diversas ruas. Na travessa d'Agua de Flor encontraram um primeiro andar que estava na conta, mas era muito caro, quarenta mil réis o semestre. Na rua da Rosa havia outro, muito barato mas muito escuro, quasi sem luz, não podiam ali encerrar os filhos. Afinal resolveram-

se ficar com uma casa, um quarto andar, na rua dos Calafates, perto da esquina da travessa do Poço. Tinha seis casas, muita luz e a renda era barata. Fóra do semestre não podiam encontrar melhor.

Ainda n'aquelle dia, depois de comprarem alguns arranjos que lhes faltavam, ficaram installados na nova morada. O arrendamento foi feito n'um nome supposto, por causa dos credores, não viessem ainda levar-lhes aquelle pouco.

No dia seguinte Luiz de Mello principiou na sua peregrinação procurando empregar-se em alguma cousa. Correu todos os conhecimentos, pessoas valiosas que lhe podiam valer, collocal-o bem. Todos lhe promettiam, diziam-lhe que iam ver o que poderiam fazer, que voltasse mais tarde, que alguma cousa se havia de arranjar.

Os dias, porém, iam passando e Luiz

de Mello via ir-se esgotando o pequeno peculio resultante do faqueiro empenhado no Monte-pio.

Chegou um dia em que se gastou a ultima cedula e em que ficou sem cinco réis em casa. A D. Maria, sempre carinhosa e boa, procurava animal-o, insuflar-lhe coragem; mas Luiz de Mello sentia-se acabrunhado, falto de energia, cançado com tanta dôr. Decahia a olhos vistos, sem ter animo para luctar. Em poucos dias embranquecera, enrugara-se-lhe o rosto e o tronco parecia pender-lhe para o chão, como ferido de morte.

A Bandeira, depois da quebra de Luiz de Mello, descera mais na escala do vicio. Agora acompanhava com todos os homens, procurando sempre dinheiro, que nunca lhe abastava. Andava já uma pelintrona, com o vestido cheio de nodoas, as botinas cambadas, o chapeu desbotado.

Luiz, porém, apesar da sua penuria e de se ver quasi sem pão, lá ia repartindo com ella aquillo que podia tirar á alimentação da esposa e dos filhos. Muitas vezes, quando pensava que o dinheiro que dava áquella devassa representava o sustento dos seus durante alguns dias, sentia vontade de se estrangular, de acabar com uma vida tão miseravel, que para elle era um mar de angustia. Mas não podia, não tinha força para romper com aquella mulher, que era mais um flagello que se lhe deparara na estrada tormentosa da sua existencia. Mil vezes fizera juras, protestos, promessas de não tornar a vel-a, de a abandonar de vez, de esquecel-a amortalhada nas suas angustias; mas era tempo baldado; o demonio do vicio, servido pela fraqueza, levava-o todos os dias para junto d'aquelle manancial de tormentos.

A Bandeira, sentindo-se superior, tra-

tava Luiz de resto; mandava-o a cada instante pôr na rua; sair da sua presença; ameaçava-o com outros homens; um inferno, finalmente.

— Ponha-se na rua, seu explorador; quer femeas de graça, vá pr'o campo. Eu é que sou tola em estar a atural-o Tenho muito quem me queira.

E outras vezes:

—Você é um ladrão que eu aqui tenho. Ponha-se na rua, já lh'o disse ha muito tempo.

Apesar de todos estes desaires, de todas estas polemicas, de todos estes enxovalhos, a Bandeira reconhecia tambem que não podia deixar Luiz, que não possuia forças para abandonal-o.

....

Chegara o Natal; as promessas de emprego, que Luiz tivera por muitas vezes, todas tinham falhado. Aquelles que em

principio o recebiam, mostrando-lhe pezar pela sua situação, significavam-lhe agora aborrecimento pelas constantes solicitações. Alguns eram seus antigos commensaes, deviam-lhe favores, eram amigos antigos mas mostravam esquecer tudo só para não serem importunados. O Mello e Sá, que sahira eleito deputado e por quem Luiz muito se sacrificara em Alhandra, nem sequer lhe respondia ás cartas, e quando o avistava fugia. Outros diziam-lhe que tivesse paciencia, que fariam o que pudessem, e lá para com os seus botões:

— Ora o importuno. Parece-lhe que os empregos estão aqui na algibeira. Deu cabo do que tinha e agora os amigos que o aguentem.

No dia vinte e quatro de dezembro, vespera de Natal, Luiz trocara, de ma-

nhã, a ultima cedula de quinhentos rèis, que lhe restava, producto de seis lençoes de linho, que, no dia anterior, fôra empenhar. No dia de Natal, de manhã, só havia um pouco de pão duro, em casa, e uma pinga de azeite. A D. Maria, suffocando as lagrimas, para não affligir o marido, fez uma assorda para o almoço, recordando, tristemente a fartura que em egual dia dos annos anteriores sempre tivera em casa. Luiz saiu, em seguida á refeição, na esperança de encontrar algum amigo que se compadecesse d'elle. Seguiu pelas ruas, apinhadas de gente, alegre e satisfeita. Encontrava ranchos de crianças, carregadas de brinquedos, de doces, de flôres, e pensava em que seus filhos não tinham que jantar e que nem sequer podiam vir á rua encorporar-se na multidão e admirar a alegria dos felizes, porque não tinham que calçar. As montras das confeitarias, carre-

gadas de bolos, de pasteis, de pudings, faziam-lhe recordar os dias felizes que passara com a familia, quando a sua mesa era servida do necessario e a prata luzia sobre a toalha alva e fina, havendo alegria em todos os estomogos. A sua tristeza era negra, d'esta tristeza que revolta a consciencia e que póde converter o cidadão honesto n'um assassino inconsciente. No Chiado, á esquina da rua de S. Francisco, um sujeito que passava carregado de embrulhos de côres, muito aprumado no seu collarinho de bretanha cuidadosamente gomado, com um ar risonho e satisfeito, pôz-lhe no espirito desejos de principiar á bengalada a toda a multidão que passava. Sentia-se outro homem, desejoso de fazer mal a quantos via felizes. Todos riam, todos eram alegres, todos tinham que comer; só elle, que nunca fizera mal a alguem, para ali andava, esperando que o soccorressem

carruagem, que passava cheia de crianças, que repartiam alegremente, entre si, um bolo amarello e appetitoso. Que direito tinham aquellas crianças, pensava elle, para irem ali, divertindo-se, fartas, alegres, bem vestidas, emquanto que seus filhos, quasi descalços, macilentos, soffriam em casa toda a miseria, tendo por unico linitivo as lagrimas da mãe. Oh! tanto producto da natureza pejando as vitrines, enchendo os bazares, cobrindo as montras, e elle ali, quasi morrendo de fome e sentindo a familia agonizar. Que odio profundo sentia pela sociedade. As theorias anarchistas que elle sempre combatera porque sempre as julgara falsas, pareciam-lhe n'este momento justificaveis. Sentia no intimo da sua consciencia uma vontade forte de destruir tudo quanto o cercava, a dynamite, a petroleo, fosse como fosse. Principiava a sentir rancôr, odio profundo, por toda a socie-

dade que parecia escarnecel-o com a sua alegria, com a sua abundancia e com o seu desprezo. Pois quê, seria justo que uns disfructassem tudo, gosassem de todos o confortos, e outros tivessem de morrer á mingua, com os filhos nos braços?

No largo de Camões, um dos muitos bandos de perus, que ali estacionavam, veio enrolar-se-lhe nas pernas, como escarnecendo-o com os seus *glu-glu* alegres. Luiz de Mello sentiu uma tal agonia de desespero, que não se conteve, atirando um monumental pontapè a uma das aves. O guardador, que de longe presenceou o facto, correu para Luiz, gritando:

— Oh seu pelintra, você dá-me pontapés nos perus? A pena que eu tenho é não estar aqui um policia para o ensinar. Se fosse lá n'Alverca, eu lh'o diria, seu pandilha; levava com a moca pelas

trombas que o amolava. Seu safado. Sem os perus lhe fazerem mal...

Luiz seguiu, cada vez mais afflicto. Eram tres horas, e não tinha cinco réis, nem um bocado de pão para levar para casa. Que desespero! Dia de Natal e vêr-se ali, com as botas quasi despalmilhadas, a sobrecasaca nos ultimos fios, o chapéo esverdeado do uso, e sem um real na algibeira, nem esperança de o ganhar. Era soffrer de mais. Repentinamente veiu-lhe ao cerebro uma idéa, que em principio lhe pareceu salvadora. Se elle fosse ter com a Bandeira, ella talvez tivesse cinco ou dez tostões com que o arrancasse d'aquelle desespero, d'aquella agonia febril em que elle se encontrava. Mas, em seguida, com a reflexão, a idéa repugnou-lhe. Teve nojo de si proprio. Pensar em acceitar dinheiro áquella miseravel que o ganhava como Deus sabia era a suprema das infamias, e pensar em

utilisar esse dinheiro para sustentar a mulher e os filhos, revoltava-lhe até a consciencia. Antes morrerem todos de fome; ao menos, teriam a consolação de offerecer esse bonito espectaculo á civilisação e aos heroes, que guardam em douradas burras aquillo que a má organisação social lhes deixa reter indevidamente. Se eram verdadeiros os principios de Malthus elle tinha de acceital-os, cumpria-lhe sair do convivio social pela porta da morte.

Subia a calçada Gloria. A seu lado o elevador subia tambem, lentamente, carregado de pessoas. Teve uma vertigem. Desejou atirar comsigo para debaixo da roda dentada que ala a grande machina. Parou um pouco, pensando no que devia fazer. Eram dois ou tres segundos de soffrimento, soffrimento insignificante comparado com o martyrio de todas as horas que vivia. A vida para elle estava

vista O seu unico desejo, actualmente, a sua unica alegria eram os filhos, educal-os, não os deixar ao desamparo sujeitos aos pontapés de todos os malvados sem coração nem humanidade. Mas para que havia de creal-os? para que elles, mais tarde, depois de uma infancia de miseria, de fome, de soffrimento, tivessem uma vida como a que elle levava, vendo as familias chorando com fome, crivados de desgostos por todos os lados? Não, a morte era uma redempção para todos os infelizes. Era melhor, muito mais acertado deixar o mundo áquelles que o mundo acolhe, protege e enche de felicidades. O instincto, a naturesa, o temperamento, mandam-n'os viver; tudo nos diz que todos teem direito de existir, de compartilhar dos productos que a actividade arranca do solo: — a sociedade, porem, do alto do seu egoismo manda que os mais infelizes deixem o quinhão

que devia pertencer-lhes para ser absorvido pelos seus protegidos.

O outro elevador descia quando elle ia chegando quasi ao portão da Misericordia. A roda dentada mergulhando os dentes na cinta de ferro que corria pela rua, seduzia-o. Era um instante. Acabavam-se todos os soffrimentos. O seu suicidio seria como que um escarro que elle atiraria ás faces da sociedade, que tanto o deixava soffrer. Mas não seria tambem uma cobardia fugir do mundo pela porta do suicidio, deixando ao desamparo uma mulher e duas creanças? Não havia logar onde applicasse a sua actividade, todos o repelliam, o enganavam e deixavam morrer de fome...

Olhou para cima, indeciso, sem saber o que faria. O elevador atrahia-o, convidava-o a descançar, a pôr termo aquella vida sem futuro. Defronte, encostado á grade de S. Pedro d'Alcantara, viu Al-

bano, um rapaz, velho amigo, boa alma, que vivia de um emprego na alfandega. Raiou-lhe no espirito uma luz de esperança. Dirigiu-se a elle. O Albano sorriu-lhe de longe, com um sorriso de commiseração por o encontrar n'aquelle estado.

—Então que fazes, meu velho?—interrogou Albano.

—Exerço a profissão de mendigo, n'esta sociedade onde ladrões fingem de ministros.

—A mendicidade refinou-te o espirito, sempre avinagrado e tenebroso.

—Pois meu amigo a acetificação do meu espirito origina-se agora em duas crianças que tenho em casa com fóme e n'uma mulher que tem tanta fome como as crianças, além de ter mais lagrimas do que áquellas que podem inspirar a fóme de tres pessoas.

Albano olhou fixamente Luiz de Mello e arrasando-se-lhes os olhos de agua pu-

chou da carteira e tirou uma cedula de dez tostões que entregou a Mello, dizendo:

— N'esta occasião não pode ser mais; mas apparece lá pela alfandega...

Luiz retirou-se commovido, e, apertando com reconhecimento a mão de Albano:

— Nem tu sabes do que me livraste hoje; talvez da morte.

E seguiu, correndo, em direcção á travessa da Boa Hora, pensando em que os seus filhos não ficariam sem uma sopinha em dia de Natal.

XVI

Por aquelle tempo a Belmirita principiou a perder as côres, a alegria, a emagrecer e a tossir constantemente, d'uma fórma exquisita, cavernosa. A sua vontade era estar sempre deitada; dizia que

lhe pesava a cabeça, que não podia estar muito tempo em pé, não podia fazer cousa alguma. Para a noite, a mãe, encontrava-a sempre muito quente, as faces afogueadas e uma secura constante.

Quando lhe perguntavam o que tinha, se lhe doía alguma cousa, se se sentia doente, ella abrindo os seus grandes olhos negros, esboçando um sorriso que parecia diluido em lagrimas, procurava animar os paes dizendo que se não sentia mal, que aquillo havia de passar. Com os seus treze annos já comprehendia as afflicções que amarguravam as horas d'aquellas duas almas que ali tinha á sua beira e procurava evitar-lhes maiores desgostos. No entretanto ella sentia-se doente, muito doente. Uma fraqueza constante lhe invadia todo o corpo; quando tossia, especialmente de manhã, depois de ter dormido, o peito parecia arder-lhe, escaldando-lhe como ferro em brasa,

Por duas vezes, tossindo mais forte, lhe vieram aos labios pedaços de uma cousa vermelha, que lhe parecera sangue coalhado. Fora a correr cuspir na pia para a mãe não ver e não se affligir.

As horas da comida, que n'outro tempo eram para Luiz de Mello motivo de satisfação, serviam-lhe agora apenas de martyrio. Rara era a refeição em que as lagrimas lhe não corriam pelas faces, vendo a sua filhinha tão querida, que andava tão fraca e tão doente, ter de comer um pratinho d'assorda com azeite ou um bocadito de bacalhau, quando o havia.

Uma manhã a pequenita sentiu-se peor; quiz levantar-se, para não assustar os paes, mas não poude. Devorava-a a febre, amarrando-lhe a cabeça ao travesseiro.

Luiz de Mello e D. Maria, abeiraramse da cama, cercando a filha de carinhos. Ella quando abria os seus grandes olhos,

agora esgaseados pela febre e via a mãe curvada sobre ella, chorando, dizia sempre:

— Não chore, mamãsinha. Aqui está para que eu sirvo, para fazer chorar a mamã!

A D. Maria sentia estala-lhe o coração vendo a filha soffrer, no centro d'uma cidade onde abundam os soccorros de toda a natureza e sem meios para proporcionar os indispensaveis a sua filha. Comprimia, porém, a sua dôr para não affligir ainda mais o marido.

A' noite, conforme poderam, lá a levaram á consulta, a uma pharmacia da rua Larga de S. Roque. O medico que a viu e auscultou disse-lhes que era grave a doença, que requeria muitos cuidados e receitou.

A receita importava em mil e duzentos e Luiz de Mello não tinha mais de duzentos e quarenta réis. Que inferno o

seu! Ver sua filha doente e não ter sequer dinheiro para lhe comprar os remedios?! A D. Maria, calculando a angustia do marido e chamando-o de parte, deu-lhe, embrulhado em papel, o ultimo par de brincos que lhe restava e que pouco antes tirara das orelhas.

— Toma, — disse-lhe — vae empenhar; a pequena, coitadinha, está tão mal!

Luiz desembrulhou os brincos. Eram duas rosas d'ouro, tendo ao centro uma pequena lasca de brilhante. Lembrava-se bem, fôra a primeira prenda que elle dera á D. Maria, quando ainda a namorava, n'um dia d'annos. Que felicidade a sua no dia em que os comprou, n'uma ourivesaria da rua do Ouro! Tudo lhe sorria; era então feliz, não tendo cuidados. Via tudo côr de rosa, tudo cheio de vida e de alegria. Agora tudo era escuro, tenebroso e cheio de martyrios. O *prego*, com as suas fauces negras, robustamente ali-

mentadas pelos juros de setenta e dois por cento ao anno, fôra-lhe devorando lentamente, com ligeiros intervallos, todos os pequenos objectos que elle tanto estimava pelas recordações que encerravam e que conseguira escapar ao arresto. Parte d'esses objectos, em atrazo de mais de tres mezes de juro, já tinham sido vendidos em leilão e revendidos ao publico por tres ou quatro vezes a quantia em que foram empenhados! Lá iam agora os brincos, ultima coisa que restava, e amanhã? A filha agonisando ao desamparo, sem soccorros medicos, sem remedios, sem tratamento e elle, a pobre companheira e o filhinho morrendo de fome!

Que negrura de vida!

Estes tristes pensamentos collocaram-no como tropego, perfeitamente alheado do que o cercava, comparado a uma estatua erguida no centro da casa.

N'esta occasião, no quarto ao lado, a

Belmira principiou a tossir mais forte, sentindo-se como que suffocada, e a voz da D. Maria:

— Oh! minha rica filha, que estás deitando sangue pela bocca, tanto sangue! Valha-me a minha rica mãe do Carmo. Oh! meu rico pae do ceu; accudi-me por misericordia! salvae esta innocente!

Luiz despertou, libertando-se das trevas dos seus pensamentos. Correu ao quarto da filha.

A pequenita, com o seu corpinho quasi diaphano, branco de neve, estava sentada na cama, procurando respirar a muito custo. Na sua frente uma mancha enorme de sangue enegrecido, fresco, ensopava a dobra do lençol. D'um dos lados da cama, a mãe ajoelhada, com o cabello em desalinho, embranquecido em poucos mezes, limpava-lhe os labios com um lenço tambem salpicado de sangue. Aos pés da cama o pequenito, o Antonio,

olhava com terror para a sua querida amiguinha, vendo-a tão afflicta.

Luiz caiu de joelhos do outro lado do catre, em frente da mulher, tomando a mãosita emagrecida da filha, que estava fria e humida, entre as suas, disse:

— Coitadinha! como soffres. Que infelicidade não existir Deus no ceu, para nos fazer justiça.

Duas grossas lagrimas lhe rolaram pelas faces.

A Belmira, com a voz muito fraca, custando-lhe a articular as palavras, fixando no pae os seus grandes olhos negros, agora amortecidos como n'um triste olhar de despedida, disse:

— Não chore papásinho! Isto não é nada. Só o que me faz mal é vêr o papá e a mamã soffrerem tanto por minha causa.

A razão inalteravel, serena, assomou ao cerebro de Luiz de Mello. Era neces-

sario luctar para salvar a vida áquelle ente querido que para ali estava agonisando. Ergueu-se e tomando o chapéu, sahiu para a rua para ir buscar o remedio.

Ao dobrar a esquina da travessa do Poço sentiu que alguem o chamava, e voltando-se deu de cara com a Bandeira, que lhe disse:

— Então você, seu indecente, já não sabe onde é a casa? Porque é que ha tres dias não apparece?

Luiz de Mello, olhando a Bandeira, arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas e continuou:

— Tenho a minha filha a morrer. Peço-te que me deixes.

O remorso dos seus desvarios aggravava-lhe agora todos os soffrimentos.

— Você tem mas é um raio que o parta. Então a sua filha é que faz com que você não vá a minha casa? Eu hei-

de saber com quem você anda mettido. Ainda que vá para o inferno hei-de rebentar aquella desavergonhada d'aquella Helena.

A Bandeira não podia admittir que Mello deixasse de frequentar a sua casa por nenhum outro motivo que não fosse a Hellena.

Luiz seguiu, sem dar palavra. Já no Largo de S. Roque, a Bandeira segurando-o por um braço:

— Então não vem cá a casa?

— Não; não posso.

E a Bandeira, seguindo para S. Pedro d'Alcantara:

— Deixa estar meu canalha, que m'as has-de pagar.

....

Dias depois a Belmirita estando sentada na cama, mostrando-se um pouco mais alliviada da doença principiou a vêr os objectos como que banhados de uma

luz azulada, que a poucos instantes se transformou n'um vermelho brando; a cabeça pendeu-lhe para o peito e os bracitos que seguravam um velho chaile em que se envolvia cahiram-lhe inertes sobre a cama.

Á D. Maria, que estava aonde a ella, chamou-a, gritou, pediu o auxilio de Deus e de todos os santos da côrte do ceu! mas a pequenita sempre alheada ao que se passava, tendo um aspecto verdadeiramente cadaverico, não voltava a si.

Luiz de Mello, entrava n'esta occasião e vendo a filha n'aquelle estado, correu como louco a chamar o primeiro medico que lhe indicaram n'uma pharmacia, ao Loreto.

O medico, que era um sujeito alto, ossudo, de modos bruscos, acompanhou Luiz com repugnancia, olhando-o sempre de soslaio, prevendo que aquelle typo de botas quasi sem solas, sobreca-

saca de côr duvidosa e chapeu carregado de cebo, não teria dinheiro para lhe pagar os seus serviços.

Quando chegaram a casa o medico sem tirar o chapeu olhou a pequena, apalpou-lhe o pulso e disse:

— Aqui não ha nada a fazer. Só se vocês teem muito dinheiro para gastar. Isto dura pouco.

— Oh! senhor doutor, pelo amor de Deus não nos diga isso. Veja se a salva, senhor doutor! — exclamou a D. Maria.

O medico olhou em volta. Viu a miseria que ia pela casa e, como contrariado:

— Traga papel e penna.

A D. Maria correndo, batendo com os chinellos despalmilhados d'encontro ao solo, foi buscar o papel que o medico pediu. Este, mesmo de pé, appoiando-se sobre uma pequena banca de pinho que estava encostada á parede principiou a escrever.

Depois, ergueu-se:

— Aqui está a receita. É um lambedor. Dêem-lhe uma colher de duas em duas horas.

A D. Maria segurou no pequeno papel que o medico offerecia. Luiz de Mello, entre a porta de entrada, cabeça vergada sobre o peito, parecia meditar.

O medico ficou extactico no meio da casa, como aguardando alguma cousa. Vendo, porém, que Mello se não movia e que a D. Maria volteava a receita entre os dedos sem dizer coisa alguma, exclamou:

— Não tenho mais que fazer aqui. A minha visita são dois mil réis.

Luiz encarou-o com olhos de choro e supplicante, disse:

— Senhor doutor, não tenho agora com que possa pagar a v. ex.ª Vejo a minha querida filha a morrer e nem sequer tenho com que lhe comprar os remedios...

— E que culpa tenho eu d'isso? — exclamou o medico irado. — Você pensa que eu andei a estudar tantos annos, para fazer visitas de caridade? Ora volte a chamar-me que eu lhe contarei uma historia. Quem não tem dinheiro vae para o hospital. São pobres e tolos... E eu que os ature...

E sahiu arrebatado, batendo fortemente com a porta.

Luiz ficara estupefacto olhando para sua mulher. Custava-lhe a acreditar que houvesse um medico tão barbaro que fizesse da sua profissão uma mercancia tão rogada como o bacalhau de qualquer tenda. A D. Maria lagrimejando, voltava ainda a receita entre os dedos, vexada com as palavras do medico. A Belmirita, estendida sobre a cama, immovel, parecia já um cadaver em disposição de baixar ao tumulo.

Passaram-se alguns momentos de si-

lencio, em que apenas se ouvia o respirar cavo e vagaroso da doentinha.

Então a D. Maria, como que voltando a si, chegou-se ao marido e entregando-lhe a receita, disse-lhe:

— Tem paciencia, filho. Vae aviar a receita para ver se conseguimos salvar a nossa filhinha.

Luiz de Mello sahiu, pensando em que talvez ainda tivesse muito para libar do seu calix de amargura.

. . . .

Passados dois dias, a Belmirita que tinha passado um pouco melhor, inspirando até esperanças de poder restabelecer-se, recahiu. De manhã accordou com soluços que dispertavam a tosse e lhe faziam apertar o peito com as pequenas mãos, como para comprimir as dôres. Os paes correram á sua beira, vendo desfazer-se o louco castello de phantasias que tinham architectado com

as melhoras da filha e desabafando em lagrimas os pesares que lhe torturavam a alma.

A cabeça da Belmirita, parecendo revestida d'um capacete de chumbo, pendia sobre o travesseiro, mal podendo já abrir os olhos. A pupila tinha o brilho fatal do vidro despolido. Quando tossia sentia-se-lhe no peito um ruido compavel ao aspirar d'um fole de forja. Os labios e as palpebras tinham um arroxeado forte, pondo-lhe no rosto uma apparencia de modelo de cêra em salão de anatomia.

Pouco a pouco foi-se-lhe esmorecendo a voz, deixando de fallar, sempre mergulhada em modorra. De espaço a espaço abria lentamente os olhos, fixava os paes, o irmãosito que brincava inconsciente pela casa, os objectos que a cercavam como que a despedir-se de tudo quanto lhe era querido.

XVII

Luiz de Mello e D. Maria, ajoelhados á beira da cama da pequenita, juntos um do outro, muitas vezes dando-se as mãos, unindo-se, procuravam formar uma barreira contra a dôr que os perseguia. Do fundo da sua angustia tinham appellado com toda a força da sua consciencia, para os differentes poderes conhecidos e indeterminados. Pediram a Deus, á virgem Santissima, a todos os santos que lhes salvassem da morte, que lhes restituissem a saude á sua filhinha, que tanto amavam, que fazia como parte da sua alma, de todo o seu sêr. Vendo que o Ceu os não escutava, que a pequenita continuava a soffrer, que ia cada vez a peior, offereceram as suas almas ao Diabo, que se apossasse d'ellas, que as martyrisasse,

que as lançasse por toda a eternidade no fogo eterno do inferno mas que lhes salvasse o ente querido, por quem até a alma vendiam.

Nem do Ceu, nem do Inferno, porem, alcançaram misericordia. A fatalidade das cousas, toda subordinada a factos d'ordem natural e rigorosamente positivos, a laboração constante da materia sugeita a factos rigorosamente determinados por principios eternamente indeterminados, ia esphacelando lentamente os pulmões da pequenina Belmira. Nem lagrimas, nem promessas detinham a marcha fatal da doença.

Quasi ás trez horas da tarde, a doentinha agitada por um arranco extremo, sentou-se rapidamente na cama e abrindo a sua boca moribunda e dilatando-se-lhe as pupillas, já sem brilho, lançou fóra, no meio d'uma longa agonia cortada de: *ai, ai, ai,* — grande porção de sangue.

Luiz de Mello, adivinhando ser chegada a ultima hora da filha querida, fóra de si, sem saber o que fazia, tomou-a nos braços, e foi correndo como um louco até á pharmacia mais proxima que a sorte lhe deparou.

Um medico que ali estava e que olhou a pequenita com todo o cuidado, disse:

— A menina está gravemente doente. E' imprudencia trazel-a por aqui ao ar.

— Senhor doutor, contestou Mello, vejo minha filha a morrer e não tenho cinco réis para poder tratal-a.

O medico olhou-o fixamente. Os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas. Curvou-se sobre a secretaria, escreveu a receita e foi elle mesmo entregal-a ao pharmaceutico, fallando-lhe em voz baixa. Depois, acercando-se de Luiz e mettendo-lhe, dobrada, na mão, uma nota de vinte e cinco tostões, disse:

— Deixe estar a menina em casa que

eu lá vou sempre que seja necessario.

Luiz de Mello, com a filhinha ainda nos braços, fez um gesto de ajoelhar e pretendeu beijar-lhe a mão.

— Muito obrigado, sr. doutor. A sua memoria ficará sempre gravada na minha alma, emquanto n'ella existir a memoria de minha filha. É o unico agradecimento que posso manifestar-lhe.

O medico retirou-se, apressado, para se furtar aos agradecimentos de Luiz de Mello, e este pensou que se n'esta sociedade ha muita alma de lama, tambem, de espaço a espaço, se encontra quem soffra com as dores alheias e procure allivial-as.

N'aquelle dia a doente continuou em madorra, mal podendo descerrar as palpebras. Sobre a noite, pareceu voltar um pouco a si, depois de tomar uma chavena de caldo. Segurando debilmente uma das mãos da mãe, disse com diffi-

culdade e com o acerto de pessoa entrada em annos:

— Mamãsinha, eu morro. Só do que tenho pena é das lagrimas que a mamãsinha e o papá hão de chorar. Não lhes bastava a sua triste sorte, ainda eu lh'a aggravei mais. Tenho muita pena de os deixar. Era tão sua amiga. Só Deus sabe o que eu soffria quando os via chorar e não lhes podia valer. Ai, mamãsinha, se houver ceu e eu para lá fôr, como dizem os padres, lá peço a Deus que se condoa do meu querido papá e da mamã.

A D. Maria quiz estrangular as lagrimas mas não poude; principiou n'uma grande convulsão de chôro, occultando a cabeça na roupa da cama da filha. Sentia estalar todas as fibras do peito, via-se presa d'uma agonia que nunca lhe parecera attingivel e que a vergava. Quando ergueu o rosto, depois de ter alliviado um pouco a sua dôr, a Belmirita pareceu-lhe

mais serena, tendo os olhos entreabertos e a boca semi-cerrada, como se respirasse dôcemente. No aspecto da sua face, porém, na sua placidez, havia alguma cousa de estranho. A D. Maria curvou-se sobre ella, beijou-a chamando:

— Filha, minha filha!

Os seus labios, porém, estavam frios; as palpebras não se moviam e do nariz principiavam a correr-lhe dois fios d'um pus ensanguentado.

A mãe tendo ascuas de desespero nos olhos, quedou-se um instante vendo o corpito da filha, onde descortinava avultações de estatua de mausoleo. N'um impeto de desespero ergueu-lhe o corpito, um pequeno esqueleto coberto de pelle; este porém caiu inerte sobre a cama.

Estava morta. Tinha-se apagado aquella existencia que era a unica alegria de duas almas cheias de tormentos e de dois corpos angustiados de necessidades.

Tão meiga, tão boa, tão amante dos paes, lá ia transformar-se no grande laboratorio da natureza.

A pobre mãe recuou aterrada, gritando:

— Filha, minha filha! Minha rica filha. Está morta!

E caiu desamparadamente no chão.

Luiz de Mello, que correu aos gritos da esposa, comprehendeu o que se passava e sentindo vergarem-se-lhe as pernas, deu tambem comsigo no chão, sobre o corpo de D. Maria. O pequenito, o Antonio, chorando, abraçou-se aos corpos dos paes.

E assim ficaram largo tempo, não se ouvindo na casa mais do que o soluçar convulso dos dois infelizes e o chamar choroso do pequenino, que dizia:

— Papá, mamã...

Lá fóra, na rua, erguia-se uma voz de mulher, cantando o fado do Hilario:

> Nossa Senhora faz meia
> com linha feita de luz;
> o novelo é lua cheia,
> as meias são p'ra Jesus.

e o martelar seco do sapateiro defronte. Muito ao longe, n'um café de camareras, um piano tocava as coplas de Suzana, na *Verbena*.

. . . .

Quando Luiz de Mello voltou a si e quiz encorporar-se viu já sentada á sua beira a D. Maria, tendo no colo o pequenito, o Antonio, que dormia.

— Meu querido filho, — disse a D. Maria — precisamos de ter coragem. Ainda nos resta um — e beijou o pequenito. — Temos que enterrar a nossa filhinha. Que havemos de fazer, Luiz, se não temos cinco réis?

— Não sei, — contestou Luiz.

E cahiram novamente em silencio.

Passado algum tempo a D. Maria lembrou:

— Olha, Luiz, temos ali o nosso colchão de lã; está novo, talvez que emprestem o sufficiente...

— E tu, minha pobre amiga, hasde ficar dormindo sobre a dureza dos enchergões?

— Não tem duvida, filho. Pouco me importa isso.

E foi ella mesma tirar o colchão e enrolal-o.

Era noite. O corpo da pequenita, deitado sobre a cama, parecia dormir serenamente. Luiz de Mello, sentindo a alma desfazer-se-lhe sob o peso d'uma dôr inconcebivel, chegou-se ao pequeno cadaver e beijou-o. A frialdade da carne assustou-o; nunca tivera contacto com um corpo tão frio. As lagrimas cahiam-lhe agora constantemente, dando-lhe como que um allivio ao peso tenebroso que

sentia na consciencia. Quem sabe, pensava elle, talvez que se não fossem os seus crimes, a sua fraqueza com a Bandeira com quem tinha gasto mais d'um conto de réis, a sua filhinha não estivesse ali morta. Talvez que se elle, logo no principio da doença, tivesse recursos para a combater, aquella preciosa vida se não extinguisse. Sentiu então remorsos, muitos remorsos por todo o seu passado; teve nojo e susto d'aquella mulher, que tão baixo o tinha feito chegar, e no fundo da sua consciencia sentiu vivo desprezo, profundo odio por si proprio, que sacrificara a vida d'um dos entes mais queridos perante aquella paixão carnal, toda feita de vicio, de torpeza. Entre elle e a Bandeira erguia-se agora o cadaver da filha. Estava tudo acabado. Nunca mais voltaria a procural-a. A seducção da carne suffocal-a-hia com a recordação do cadaver que para ali jazia estendido

e como que accusando-o do seu passado. Mas poderia elle esquecer aquella mulher? Conseguiria soffrer com indifferença a idéa de que ella andasse pelos braços d'outros, dispensando-lhes caricias? Não. A sua vida teria de continuar a ser um tormento, uma noite tenebrosa em que só raiaria a madrugada quando a morte lhe viesse suffocar o pensamento. Padecer, padecer sempre, por todas as formas, era o seu destino Tinha de cumpril-o.

Abeirou-se d'elle a D. Maria, para o tirar da contemplação do pequeno cadaver, que tão tristes pensamentos lhe suggeria.

— O colchão está prompto filho, mas tu não podes leval-o.

— Posso, — contestou Luiz, e tomando-o ás costas desceu a escada e dirigiu-se á casa de prego.

Quem diria ao vêr passar nas ruas do Bairro Alto um homem com um colchão

ás costas que ia ali Luiz de Mello procurar dinheiro com que pudesse enterrar sua filha!

Sete mil e duzentos réis descontados os respectivos juros foi o que rendeu o colchão, ultimo objecto de valor que Luiz de Mello possuia. Com aquelle dinheiro foi escolher um caixãosito para a filha. Muito simples, forrado de vermelho, com uma cruz de galão dourado. Elle proprio o transportou para casa pensando que a cruz pesadissima do Golgotha não custaria mais a transportar a Christo do que lhe custava a elle a conduzir aquellas taboas que deviam encerrar o corpo de sua filha, para sempre.

Elle proprio, auxiliado por sua mulher, lavou o corpinho da Belmirita, lhe vestiu uns tristes trapitos mais decentes, que lhe restavam, e o metteu dentro do caixão. Depois sentaram-se ao seu lado a ali ficaram toda a noite, contemplando a

obra do seu amor, que dentro em poucas horas veriam desapparecer para sempre. O soffrimento dos ultimos dias tinha-lhes como que embotado a consciencia. Não podiam soffrer mais. Pareciam conformados com a sua sorte tão triste. De manhã, quando a aurora principiou a sorrir enchendo de alegria e de vida todas as ruas, Luiz de Mello ergeu-se e sahiu. Foi comprar muitas flôres e cobriu todo o corpo da filhinha, que em vida tanto gostára d'ellas.

Eram cinco horas da tarde quando a primeira pá de terra cahiu sobre o caixão da Belmirita, produzindo um som ôcco e tenebroso que contrastava com a belleza do dia. Era no cemiterio dos Prazeres, na parte que deriva para o lado

do Tejo. O horisonte prolongava-se até ao recorte caprichoso dos montes da Outra Banda, que estavam emmoldurados n'um desmaiado ceu azul. O sol poente pintava de ouro as casitas marginaes do rio, que se estendiam salpicando a terra, desde o Lazareto até para além de Cacilhas. No Tejo, os barcos, uns empenachados de fumo, outros com as velas abertas á brisa da tarde, corriam em todas as direcções. Em baixo, em Alcantara, as fabricas em laboração punham na atmosphera um ruido comparavel ao do respirar d'um gigante. E no cemiterio, em volta das covas marcadas por uma cruz negra e dos mausoleus cercados de arbustos de todas as especies, tudo era silencio.

Luiz de Mello, vendo desapparecer coberto pela terra o caixão que encerrava o corpo da filha, sentiu rolarem-lhe pelas faces duas grossas lagrimas. Não

tinha mais que fazer. Ali ficava para sempre um dos pedaços mais queridos da sua alma. Mas, como a mitigar a sua dôr de pae amantissimo, vinha a philosophia determinada pelos rigores da vida pratica dizer-lhe que a sua filha fôra feliz em tão cedo ser arrancada aos embates d'esta vida de miserias e de ignominia. Quanto elle seria feliz se podesse ali ficar occupando o logar da filha, livre dos tormentos que a civilisação lhe impunha.

Conforme poude, quasi ao acaso, foi pelo cemiterio fóra, guiado unicamente pelo instincto. Ao sahir o portão, ignorando o destino, tomou á direita para os lados d'Alcantara. A rua era estreita acompanhada de predios baixos, com grandes quintaes onde se ouvia o bater das malhas do chinquilho e o vozear dos jogadores. Por entre as portas abertas, aqui e além, viam-se mesas toscas de

pau, cobertas de toalhas manchadas de vinho; pratos de loiça ordinaria; restos de comida. Balcões pintados de verde tendo por detraz baterias de garrafas em partaleiras altas. Nas paredes exteriores grandes letreiros de caracteres negros e vermelhos, de todos os feitios annunciando *vinho e petiscos;* nova reforma de *vinhos e comeres* e outras preciosidades da gastronomia indigena.

N'uma d'estas casas que abria portas para um quintal pequeno havia um gargalhar forte, vozes que se erguiam, conversando alegremente, discutindo. Uma d'estas vozes veiu dispertar Luiz de Mello da abstracção em que os pensamentos o mergulhavam. Acercou-se de uma janella de grade, coberta de verdura, que estava aberta no muro e poude vêr no interior, um *retiro,* a Bandeira e dois typos de cara patibular, verdadeiros fadistas, sentados a uma mesa, comendo. E a

Bandeira deitando os braços ao pescoço d'um dos typos;

— Oh idolatrado, e aquella pandega que fizemos em Almada? Foi uma pandega de estalo! Eh!...

— Arreda, que já estás bebeda. — retorquiu o fadista, arredando-a.

Luiz de Mello teve impetos de correr a esbofetear a infame; mas a imagem da filha morta, enterrada poucos momentos antes, veiu chamal-o á realidade da sua desgraça, obrigando-o a seguir.

XVIII

Completamente mergulhado em tristeza, sem uma unica esperança no futuro, Luiz de Mello foi seguindo na vida, sem saber como vivia. Entrara n'um periodo de indigencia de que difficilmente se

póde sahir. Todos aquelles prodigios de que Victor Hugo nos fala nos *Miseraveis* e que muitos felizes nem como prodigios podem admittir, elle os praticava diariamente. Havia dias em que elle, a mulher e o filhito passavam com setenta reis; n'outros dias viviam sem cousa alguma, e em outros ainda com menos de setenta réis. Luiz de Mello vivia agora unicamente, se á sua existencia se póde ehamar viver, do que alguns amigos, poucos, lhe iam dando quando o encontravam e d'elle se condoiam. Faltava-lhe até a coragem de mendigar.

Nem já procurava empregar-se; a sua apparencia de mendigo impossibilitava-o de procurar empregar-se. Todas os antigos conhecimentos lhe fugiam, desviando-se d'elle, como se receiassem o seu contacto, como se a sua approximação os deslustrasse.

Um dia sentindo-se desesperado, com

vontade de fumar, fôra por essas ruas fóra, apanhando as pequenas pontas de cigarros e de charutos, que encontrava aqui e além, por não ter dinheiro para tabaco. Nas montras das tabacarias via os tabacos preciosos, os aromaticos charutos, que elle, n'outro tempo, saboreava, depois de jantar fartamente, e que, na actualidade apenas lhe serviam para lhe aggravar a sua situação miseravel. Certamente os mendigos, aquelles que, como elle, corriam ao longo das ruas e estacionavam nas praças, sem saber d'onde lhes viria o jantar d'aquelle dia, não soffriam tanto como elle soffria. Creados, em geral, n'uma vida de privações, na falta absoluta dos artigos mais essenciaes á vida, elles não conheciam o prazer dos generos que Luiz de Mello, durante muitos annos, usara e de que se via privado.

A Bandeira, bandeada agora á baixa

ralé das mulheres que vagueiam a deshoras pelas esquinas, não deixava de o perseguir, de o procurar, de o insultar sempre que podia, enraivecida pela recusa constante de Mello em acompanhal-a. Sentia dentro em si como que um phrenesi, uma loucura, uma dôr terrivel, de ver perante si aquelle homem, impassivel perante os seus desregramentos, perante as suas baixezas. Desejava que elle lhe batesse, que a matasse, que a affligisse, mas que soffresse por sua causa, que fosse seu. No entretanto, Luiz de Mello, sempre absorvido nos seus pensamentos de tristeza, na recordação da filha que a terra negra do cemiterio lhe escondera, mostrava-se impassivel deante da mulher que tanto o commovera em outras epocas. Dir-se-hia que a fraqueza da carne, que o arrastára a tão fundos abysmos, se tinha congelado, transformando-se n'uma frialdade de estatua.

Sempre que na sua frente lhe apparecia o vulto da Bandeira, desenhava-se-lhe nitido no espirito o corpito da filhinha agonisante, vomitando os pulmões. Esta imagem era sufficiente para elle afugentar para longe de si todos os pensamentos que se relacionassem com a Bandeira e para lhe pedir, supplicante:

— Deixa-me. Se tens coração não me faças soffrer mais.

— Coração não tem você, seu grande tratante — contestava a Bandeira — fez-me perder tão boas conveniencias; estou aqui desgraçada por sua causa, e agora deixa-me! De rastos o veja eu como as cobras, grande canalha!

E, pouco depois, supplicante:

— Anda Luiz, vem cá a casa; preciso fallar-te. Quero dizer-te uma coisa.

E Luiz, invariavelmente:

— Deixa-me, não posso acompanhar-te.

Então a Bandeira, depois de ter corrido toda a escala, desde a supplica até á ameaça, desde o carinho até á affronta, vendo-o sempre impassivel, fugindo-lhe, afastava-se raivosa, praguejando, e ia entregar-se como louca ao primeiro vadio que encontrava. Parecia-lhe, assim, vingar-se do desprezo de Luiz de Mello.

. . . .

N'uma manhã em que Mello correu ao longo do Aterro, procurando encontrar alguem que lhe podesse dar o almoço da familia, visto que em casa não havia com que matar a fome matinal, viu collado n'uma parede um cartaz, onde se lia, em grandes caracteres, o seguinte:

Passagens de graça para o Brazil

e a seguir todas as conveniencias derivadas da passagem gratuita.

Luiz de Mello estacou perante o car-

taz. Pelo seu espirito passou uma idéa consoladora. Pensou que no Brazil talvez a sorte lhe podesse sorrir e conceder os meios de alimentar aquella pobre mulher e infeliz creança que estavam lá em casa. Quantos tinham ido para o Brazil pobres, foragidos, criminosos, e em poucos annos haviam regressado ricos e rehabilitados? O Brazil era um paiz rico, uberrimo, fertil em trabalho, e elle, que tinha vontade de trabalhar, de conquistar o pão de sua familia, poderia em poucos mezes tornar a sua casa farta, alcançar meios de seu filho entrar n'um collegio, de se tornar homem, e de sua querida mulher sair da vida de privações e de fome que levava. Mello principiou a phantasiar felicidades; andava tão cançado da miseria tormentosa, que esta idéa de seguir para o Brazil o forçava a sonhar com uma vida futura de abastança e prazer. Imaginava elle que em che-

gando ao Brazil encontraria logo recursos para poder mandar á familia, para arrancal-a da vida de privações em que estava mergulhada. Não se recordando já de que nem sequer tinha com que comprar o almoço d'aquelle dia, ia recordando todos os felizes que conhecia, enriquecidos no Brazil.

Olhando o cartaz e lendo as vantagens offerecidas ao emigrante, em grandes caracteres, Luiz de Mello parecia-lhe já encontrar-se no fertil paiz da America, onde as verdes palmeiras recortam no fundo caliginoso do ceo a sua estructura graciosa e simples.

O cartaz indicava que no primeiro andar d'um predio proximo se tratava das passagens gratuitas para os emigrantes até quarenta annos. Luiz de Mello, que apenas tinha trinta e nove annos, subiu a escada e entrou.

Encontrou-se n'uma casa ampla, cer-

cada d'um balcão, por detraz do qual estavam muitas secretarias occupadas por empregados, que escreviam sobre ellas. Um d'elles, vendo entrar Luiz de Mello, ergueu-se e, dirigindo-se-lhe, interrogou-o:

— Tem a bondade, diz-me se deseja alguma coisa?

—Necessitava saber se aqui se concediam passagens de graça para o Brazil e se eu estaria nas condições de ser transportado gratuitamente.

O empregado mediu-o com o olhar, de alto a baixo, e, indo buscar um papel, disse-lhe:

— E' necessario que o senhor tenha menos de quarenta annos, que não tenha crimes em aberto e que queira ir trabalhar.

— Trabalhar é o meu unico desejo, contestou Luiz de Mello. Emquanto a crimes, o unico de que me accusa a con-

sciencia é de ter sido infeliz e de muitos dias não ter um pedaço de pão para minha familia, que de mim não curo eu.

— Pois bem, disse o empregado, tire os documentos necessarios, indicados n'este impresso — e deu-lhe um papel— traga-os e depois está tudo arranjado.

— E quando poderei seguir?—indagou Luiz.

—Arranjando os documentos por estes dias, pode seguir em duas semanas, talvez.

Luiz cumprimentou e desceu a escada. Sentia como que uma alma nova, a alegria consoladora de se encontrar com trabalho, com pão para a familia. Agora, no Aterro, tudo lhe parecia risonho, contente, cheio de animação.

Seguiu pela rua do Alecrim. Ao passar sobre a ponte que atravessa a rua de S. Paulo, de dentro d'um trem, que descia, ouviu chamar:

— O' Mello! O' pandego?

Luiz de Mello olhou e viu dentro d'um coupé, que passava, um individuo, que a principio não conheceu. O homem que vinha no coupé, elegantemente vestido, bigodes frizados, mandou parar, apeou-se, e, já na rua:

— Meu velho, então em que estado te encontro?

Luiz de Mello, encarando-o, reconheceu-o. Era o seu velho amigo e condiscipulo Alberto Alves. Havia dez annos que o não via. Tinham sido condiscipulos no Lyceu Academico, e sempre tão amigos.

Luiz de Mello, envergonhado pelo estado em que se encontrava, principiou a contar a Alves as suas desgraças, o estado a que tinha chegado, os seus desgostos.

— Oh burro! — interrompeu Alves — então porque não me escreveste para Pa-

ris? Mandasses-me dizer que precisavas de dinheiro. Eu sou sempre o mesmo. Lá estou em Paris sempre na borga. Agora venho cá a Portugal só para mostrar o paiz á Lourette, uma rapariga com quem estou. E tomara já raspar-me que isto aqui é uma pepineira. Felizmente tenho com que viver. O papá lá está no Brazil e em não havendo dinheiro saca-se contra elle. Uma delicia.

— Lembras-te do nosso tempo do collegio?

— Oh! se lembro! Vê como te conheci logo. E tu sempre foste meu amigo. Olha, queres vir almoçar ao Francfort? anda.

E pretendia mettel-o no coupé.

— Desculpa-me, — disse Mello, — outro dia será — e baixou os olhos como envergonhado do fato que vestia.

— Se é por causa da farpela não te rales; temos lá muito fato. Anda; és meu amigo e isso basta.

— Agora não posso; lá vou visitar-te qualquer dia, para fallarmos.

— Mas, dize-me: porque não te tens empregado por ahi em qualquer cousa? Com a tua habilidade...

— E' o que todos me perguntam — atalhou Luiz de Mello — mas ninguem me indica em que posso occupar-me. Tenho mendigado emprego a todos quantos se podiam condoer da minha sorte; todos teem promettido; nenhum se condoeu, porém, ainda, de mim.

— Tens razão, meu velho. Isto de amigos é uma chalaça, apenas com excepções luminosas.

Alberto Alves puxou pela carteira e tirando uma nota de vinte mil réis deu-a a Mello, dizendo:

— Toma, não tenho aqui mais. Aquella Laurette é uma esponja. Nem sequer estes ares de Lisboa burgueza lhe mudaram os processos. Desculpa, isto não é para

te offender. E apparece lá no Francfort, quarto 66, temos que dizer.

— Tu sempre foste bom — disse Mello com os olhos rasos de lagrimas — adeus, até ámanhã.

— Lá te espero — e entrou no trem. Luiz de Mello, subindo a rua do Alecrim pensava em que iria gastar aquelle dinheiro. Havia muito tempo que não possuira tão grande importancia. E que bom rapaz que era Alves. Sempre estroina e sempre generoso. No entretanto a alegria que sentia por se encontrar com recursos para aquelles dias, era-lhe anuveada pela procedencia do dinheiro. No meio da sua consolação sentia-se entristecido por ser forçado a acceitar esmolas. Como era triste um homem novo, saudavel, com habilitações, ter de baixar-se a acceitar dinheiro dos amigos, ter de tornar-se pesado a quantos encontrava. Nada, a sua resolução estava tomada.

Iria fatalmente para o Brazil, paiz grande, cheio de trabalho, de riqueza, de actividade, onde todos progridem e conquistam fortuna.

Se todos fossem tão bons como Alves; se todos amassem tanto o seu proximo, não teria elle corrido o rosario de amarguras que tinha corrido. Infelizmente no mundo predominam mais os egoistas, os maus, os indifferentes, do que os bons e os generosos. Se nem tudo era mau, o bom era tão pouco que difficilmente se encontrava e esse mesmo *pouco bom* nem sempre em condições de se poder acceitar com dignidade.

Chegara á praça de Camões. Mantinha a nota apertada entre a mão como se receiasse perdel-a. Tinham sido tantas as suas infelicidades! Queria fazer uma surpreza a sua mulher. Uma surpreza que lhe fosse agradavel. Ella, coitada, bem o merecia; havia soffrido tanto por causa

d'elle; mas, o que iria comprar! Repentinamente lembrou-se: — ia desempenhar o colchão, para livrar sua mulher de dormir na dureza da palha, que tanto a magoava. E correu á casa de penhores, entrando pouco depois na sua casa, triumphante, com o colchão ás costas.

N'aquelle dia, depois de tantos mezes de fome, houve fartura em casa.

— Bemdito seja o teu amigo, — dizia a D. Maria, constantemente. — Deu-nos, ao menos, alguns dias de fartura.

Quando jantaram houve abastança na meza. Apezar da tristeza que sem cessar os magoava, n'aquelle dia tinham as physionomias mais animadas, sentiam o bem estar de quem possue o estomago confortado.

Ao terminarem o jantar, emquanto o

pequenito corria pela casa comendo os bolos que o papázinho trouxera, a D. Maria encarou Luiz de Mello e este olhando a mulher, deram como que o signal para a chegada das lagrimas. E' que viam vazio o logar onde costumava sentar-se a sua querida filhinha que tão cedo partira para a jornada de onde não ha regresso.

XIX

....

Ao clarear d'uma manhã do principio de dezembro, Luiz de Mello encontrava-se tiritando de frio, com uma trouxinha de roupa debaixo do braço, no caes das Columnas. Tinham-lhe dito que o embarque no *Nile* se realisava ás oito da manhã, mas ás sete já se encontrava no Caes, no meio de um cento, ou mais, de

desgraçados, tudo gente de trabalho, que tambem iam procurar o pão de cada dia sob o ceu americano. A noite fôra longa para Luiz de Mello; passara-a anticipando as saudades que ia soffrer da sua dedicada e infeliz companheira de dezeseis annos e do seu pequenino filho, que para ali ficavam ao desamparo, tendo talvez que esmolar para não morrerem de fome. E quem sabia se ainda lhe seria dada a consolação de os tornar a ver, de os estreitar nos braços?

A D. Maria, sempre boa e carinhosa, queria suffocar as lagrimas para mais não affiigir o marido, mas, pensando que elle ia deixal-a, que ia para tão longe, que talvez o não tornasse a vêr, sentia-se suffocar de desespero e não podia deixar de desabafar suas magoas. Os dois tinham levado a noite de vela, chorando juntos a sua grande infelicidade. Antemanhã, Luiz sentindo necessidade de cor-

tar aquelle soffrimento, que não tinha remedio, abraçou com ternura sua esposa, beijou o filho e lançou-se como um foragido em direcção ao Terreiro do Paço. Como era ainda cedo, quando chegou ao Pelourinho, entrou n'um botequim que já estava aberto e tomou um copo de café.

Apesar do embarque estar marcado para as oito horas a *lancha da casa* só largou do Caes depois da uma hora da tarde. Ia abarrotando de homens do campo, mulheres, creanças, quasi todos embasbacados perante o panorama que Lisboa offerece vista do rio. A maior parte dos emigrantes deixavam transparecer no rosto o susto que invade todos aquelles que embarcam pela primeira vez. Luiz de Mello quiz ver se podia affastar-se um pouco d'aquelles companheiros que com a sua conversação imbecil e com a porcaria dos seus fatos tanto o maguavam, mas não o conseguiu. O barco era pe-

queno para tão grande numero de pessoas; teve de sentar-se á ré entre uma mulher descalça, que se penteava porcamente para cima dos companheiros e um maltez de blusa de riscado e barrete. Todos fallavam baixo, como compromettidos, commentando a grandeza dos navios e o comprimento da cidade. Alguns olhavam Luiz de Mello com desconfiança, notando a brancura das suas mãos e o comprimento da sua *cassaca.* O barco seguiu aproando ao *Nile* que estava ancorado defronte de Porto Brandão, e só merecia exclamações dos passageiros.

Quando atracaram á escada do *Nile*, em cima, no portaló, havia senhoras de *toilettes* claras, homens em redingotes amarellos, bonets de viagem, grandes binoculos a tiracolo, que olhavam aquella multidão de parias com um sorriso de repugnancia. No alto da escada, um marujo, louro, corado, com sorrisos lubri-

cos para as mulheres, indicava aos emigrantes o canto da prôa que lhes era destinado. Aquella multidão evadiu o tombadilho, sentando-se, ao acaso sobre os portalós, a escada da ponte, a meza do guindaste, formando um conjuncto pictoresco. Havia ali muitas hespanhoes, embarcados em Vigo, que cantavam alegremente. Os guindastes da prôa e da ré trabalhavam içando bagagens e mercadorias. No tombadilho viam-se cascas de laranjas, de maçã, de tremoços, espalhadas ao acaso, emporcalhando tudo. Havia um movimento grande, de feira em actividade. Ordens dadas em inglez, apitos do contramestre, conversações em hespanhol, bagagens rolando pelo convez, uma inferneira. Perto das tres horas, um criado hespanhol veio chamar os emigrantes, conduzindo-os por uma estreita escada debruada de metal amarello por onde deeceram para os beliches, si-

tuados no arqueado da prôa. No beliche designado a Luiz de Mello, iam trinta e dois emigrantes. Era um pequeno compartimento de cinco metros de comprido por uns tres de largo.

As camas feitas de varões de ferro sobrepunham-se em tres camadas, na distancia de meio metro d'umas ás outras.

Luiz ficou collocado na camarata de baixo, tendo por cima de si dois emigrantes e a seu lado muitos outros. Em todo o beliche não havia um cabide uma bacia, um lavatorio. Tudo tinha que se fazer em pé, no estreito corredor que dava acesso ás camaratas. Alguns emigrantes, deitados, descalços, exhalavam um cheiro repugnante, de porcaria. Outros, sentados sobre as estreitas camaratas, mudavam a roupa, conversando. Luiz de Mello collocou a pequena trouxa sobre a cama e subiu de novo ao tombadilho.

Custava-lhe a affastar a vista d'aquella cidade onde lhe ficavam as recordações de toda a sua vida, da sua infancia, da sua mocidade, e onde ia deixar, talvez para sempre, a parte mais querida da sua alma: — a esposa e o filhito. Encostou-se á amurada, olhando as torres das egrejas que lhe recordavam acontecimentos da sua vida passada e tranquilla. A cupula da egreja da Estrella, velada pelas duas torres, que lhe fazem sentinela, trouxe-lhe á memoria o viçoso jardim onde tantas vezes tinha brincado, em menino, quando ainda tinha mãe que o idolatrava e a sua infancia corria descuidosa por entre carinhos e afagos. A egreja das Chagas marcava-lhe o ponto onde lhe ficavam os dois entes queridos. Que fariam elles aquella hora? A esposa, certamente, estaria chorando a sua desdita, emquanto o filhito a olharia entristecido, sem comprehender

a sua afflicção, talvez perguntando quando regressava o papásinho.

Para que fizera elle aquella pobre senhora tão infeliz? Se não fôra elle, as suas infelicidades, talvez que ella passasse uma vida pacifica, confortavel, e alegre. Mais longe, as torres da Sé traziam-lhe á memoria recordações da sua mocidade, que por infelizes o entristeciam agora ainda mais. E os predios que se esbatiam lá muito ao longe, como velados pela *gase* da neblina, estendendo-se pela margem direita do Tejo até alem do Beato, faziam-lhe reviver o bello tempo que passara lá muito adiante, n'um ponto que não podia distinguir, em Alhandra, na sua casa farta e alegre. As lagrimas cahiam-lhe sem interrupção pelas faces, humedecendo a amurada negra do vapor.

O *Nile* soltou o primeiro silvo de partida. Na primeira classe havia abraços de despedida, lagrimas embebidas por len-

ços alvos e bordados, adeuses correspondidos das lanchas que seguiam o rumo da terra, visitantes que desciam apressados a escada, manobras que executavam ao mando do apito. Eram perto de quatro horas qnando o guindaste ergueu as escadas, o ferro foi suspenso e o helice do *Nile* principiou a cortar a agua. A lancha da policia affastava-se rapida e o vapor principiou a descer o rio com uma velocidade de dez milhas por hora. Luiz de Mello viu pouco a pouco irem-se apagando as casas do Beato, as torres da Sé, a egreja das Chagas. Sentiu-se desfallecer; o coração dizia-lhe que não tornaria a vêr Lisboa, a sua terra tão amada, nem a esposa, nem o filhinho. O *Nile* seguia ligeiro, deixando ver á direita os arvoredos, agora despidos, de Algés, Pedrouços e toda essa facha encantadora que é a delicia dos navegantes.

Quando viu Cascaes, como coroada pela serra de Cintra, teve frio, tremia sem saber o que tinha, lembrando-se de que estava só no mundo, sem um amigo, sem um conhecido, sem coisa alguma. A noite cahia, apagando rapidamente os contornos da terra. N'este momento Luiz de Mello sentiu que lhe batiam nas costas, voltou-se e viu na sua frente um individuo, typo de homem do mar, trigueiro, baixo, bonet de pala jaquetão escuro e calça de ganga, que lhe dizia:

— Então, parceiro, tristezas não pagam dividas; deixe lá as saudades que d'aqui a pouco vem ahi o chá; tambem uma companhia d'estas... vem a gente p'rá qui ao meio dia e não dá jantar.

— O *Pacifico* é o mesmo — contestou outro do lado — já são tres viagens que faço n'aquella companhia e no dia do embarque nunca dão o jantar.

N'este momento Luiz de Mello lem-

brou-se que ainda não tinha comido cousa alguma n'aquelle dia. Estava com um copo de café que tomara de manhã. Sentiu então uma dôr forte no estomago, prolongando-se até á garganta.

Tinha anoutecido. A luz brilhante das lampadas electricas pouco abundantes á proa, punham grandes manchas luminosas sobre o tombadilho do *Nile.* Magotes de emigrantes, uns sentados, outros em pé, conversavam baixo, discutindo. Em volta do vapor o mar era golpeado aqui e além por pequenas nesgas alvas originadas no quebrar das ondas, e lá no alto, na ponta do mastro grande, o farol de signal entornava uma claridade amarelada e muito tenue.

Repentinamente ouviu-se tocar uma campainha.

— E' o chá; é o chá,—gritaram alguns emigrantes, já conhecedores dos habitos de bordo, e convergiram para junto da

bocca do porão grande. Tres creados descalços, vestindo blusa e calças de ganga, sahiram da porta da cosinha que ficava á prôa, entre os corredores que conduziam aos beliches, trazendo nas mãos grandes vasilhas de folha.

Os emigrantes foram mandados collocar em linha, sendo distribuido a cada um d'elles um pequeno pucaro de folha, recommendando-se-lhes que o deviam guardar até ao fim da viagem. Este pucaro, ferrugento e repugnante servir-lhes-hia para tomar café, de manhã; o vinho ao almoço e ao jantar e o chá á noite. A cada grupo de dez emigrantes distribuiam sobre as taboas negras do convez uma vasilha cheia de chá, um prato largo de folha com manteiga e dez pequenos pães, que pesaria cada um, cem grammas. Não havia uma banca, uma toalha um guardanapo. Os grupos sentados em volta do prato da manteiga,

principiaram a encher os pucaros da bebida contida na grande vasilha de folha, e que ninguem acertava em classificar, tal era o seu gosto.

Luiz de Mello, recordando-se novamente de que n'aquelle dia ainda não tinha comido cousa alguma, baixou-se, encheu o seu pucaro, tomou um dos pequenos pães que molhou na manteiga, como os outros emigrantes, visto não haver uma faca, e encostando-se á amurada principiou a tomar a refeição. O chamado chá, porém, amargava, era uma beberagem sem classificação, qualquer cousa entre agua e triaga; o pão, feito de farinha pôdre e sem sal tinha um adocicado que enjoava, não podendo comer-se. Luiz de Mello, logo ás primeiras dentadas, sentiu embrulhar-se-lhe na boca o pão, tendo de deital-o ao mar. No seu rancho, composto de esfomeados, gente de trabalho desafeita dos regalos da vida, todos

murmuravam contra aquella porcaria. Que faria elle! Costumado ao conforto dos remediados? Duas grossas lagrimas lhe correram pelas faces.

Sentindo-se fatigado, visto que em toda a noite anterior não conseguira conciliar o somno, desceu para o beliche e deitou-se, adormecendo profundamente.

No dia seguinte, quando despertou, já o sol ia alto, entrando pelas vigias do vapor. Ergueu-se rapido d'aquella cama, onde não havia nem sequer um lençol. Uma encherga, um travesseiro e uma manta era tudo quanto forneciam aos emigrantes. Os companheiros de beliche, na sua maioria, já se tinham erguido: —as camaratas estavam vasias, vendo-se apenas aqui e além algum mais retardatario, dormindo ainda. Luiz de Mello sahiu do beliche, subindo a ingreme escada que conduzia á tolda. Em cima, no convez, procedia-se á *baldeação*. O con-

tramestre, transportando uma mangueira sem agulheta, d'onde jorrava um enorme annel d'agua, alagava a tolda banhando tudo quanto encontrava. Os emigrantes, saltando na frente d'aquelle diluvio em miniatura, procuravam refugiar-se sobre a mesa do guindaste e em cima da escotilha. O contramestre, porém, procurava salpical-os com a agua que jorrava da mangueira e os marujos que o acompanhavam, varrendo as taboas do convez sorriam, escarnecendo algum que se molhava.

Pouco depois tocou a campainha. Era o signal para o café da manhã. Os emigrantes formaram-se em grupos, seguindo a ordem da vespera, com os pucaros de folha em punho. A refeição constava de um pãosito de farinha podre, um prato de folha com manteiga para todo o rancho e uma enorme cafeteira com café. Sentados no chão, os emigrantes iam en-

chendo os seus pucaros e ensopando o pão na manteiga.

Aos primeiros goles do tal café, porém, todos cuspiram fóra, principiando a murmurar contra o tratamento; se fosse assim toda a viagem estavam servidos; morreriam de fóme. Uma mulher que tinha uma creancita ao colo e duas, um pouco maiores, junto de si, exclamava:

— Uma porcaria assim é que eu nunca vi; nem sabe a café. Até estes innocentes — e apontava os pequenos — não podem entrar com elle.

Do lado, um homem já entrado em annos, typo de moço de fretes, alvitrava:

— Vamo-nos queixar. Isto assim não póde ser; alguem ha de dar providencias.

— Bem fiz eu — dizia um outro — trago ali seis arrateis de bacalhau para comer na viagem. Não que eu já sei como

ellas mordem. E' tudo uma sucia. Já vim no navio francez e nem azeite davam para o peixe.

E todos tristes, sorumbaticos, iam dispersando, lançando ao mar a berberagem que lhes tinham fornecido como café, mas que não haveria analyse chimica capaz de a classificar.

Luiz de Mello encostado á amurada, sentindo apenas vontade de chorar, procurava levar ao estomago um pedaço d'aquelle pão que lhe amargava e lhe parecia impossivel que se fabricasse para alimentação do genero humano.

O dia estava esplendido; o ceu d'uma doçura e transparencia admiraveis, tinha um azulado adoravelmente encantador. O sol espalhava um enorme lençol de luz por sobre todo o immenso circulo anilado que o mar formava em volta do vapor. Os passageiros da proa, que principiavam a familiarisar-se com a viagem,

estavam estendidos em grupos por sobre a coberta, tomando o sol. A um lado, os hespanhoes, tocavam um harmonico, cantando e provocando ao baile umas raparigas gallegas que os olhavam, sorrindo. Para o lado da ré viam-se já alguns passageiros de primeira classe, em toilettes claras, abrigados pelo toldo, lendo ou olhando o mar. Por entre elles passeava o immediato, cumprimentando à direita e á esquerda. E lá muito ao fundo, em frente das ultimas portas do salão, tres crianças vestidas de branco, cabellos louros cahidos por sobre as costas, brincavam, saltando e rindo atraz d'uma bola vermelha, cheia de serradura de cortiça. Muitos emigrantes, dos mais curiosos, foram tomar logar junto da grade que dividia a primeira da terceira classe. O luxo da primeira classe tinha-os como que deslumbrados. O polimento das portas do salão, os candela-

bros e os tapetes da escada que descia para a casa de jantar, as cadeiras de todos os feitios e qualidades que se estendiam ao longo do vapor, as toilettes elegantes e vistosas dos passageiros, tudo contrastava com a miseria e a porcaria da terceira classe. Ali, dentro d'aquelle pedaço de madeira e ferro que cortava com uma rapidez de treze milhas por hora as aguas do Atlantico, uma simples grade dividia a miseria da opulencia; a fome, do disperdicio. Quem tem viajado na primeira classe dos vapores inglezes, sabe bem a monstruosidade de iguarias, os requintes de culinaria, as phantasias gastronomicas que todos os dias passam na meza e que chegariam para alimentar cinco vezes mais passageiros. Pois a immensidade de comida que sobeja da mesa de primeira classe é lançada ao mar, emquanto aos passageiros de terceira só é fornecida pouca comida, e quasi sem-

pre deteriorada! Será egoismo? Será malvadez? Consequencias da civilisação em que nos encontramos e de que os inglezes são os mais dignos representantes.

Um dos emigrantes que estava encostado á grade e que mais admirado parecia da nesga de opulencia que se lhe desenrolava na frente, disse para o outro companheiro:

— E' rapazes, ali é que se ha de comer á tripa forra.

E um velhote, philosophando:

— Ora, morrem assim como nós.

— Se nós tivessemos dinheiro tambem ali iamos, então que lhes parece a vocês?

Todos concordaram, se tivessem dinheiro tambem poderiam ir na primeira classe. Mas como não o tinham teriam de agonisar durante treze dias, comendo pouco e ingerindo alimentos deteriorados.

— Tudo aqui é questão de dinheiro,

— explicava um passageiro, que pela quarta vez fazia a viagem — ahi mesmo na terceira vão passageiros que teem comida de primeira, porque deram duas libras em ouro ao criado.

Uma pequenita, emigrante, tinha passado por entre os varões da grade e fôra parar, admirada, olhando a escadaria envernisada que descia para a casa de jantar. Na sua pequena imaginação infantil parecia-lhe aquillo uma egreja mais bonita do que a da sua pobre aldeia, que lhe ficava já lá tão longe, entre os verdes arvoredos do Minho. Um creado de avental branco, que subiu a escada, conduzindo um açafate cheio de biscoutos, vendo a pequenina, teve um gesto de aborrecimento e empurrou-a para a grade, dizendo-lhe qualquer cousa em inglez, que nenhum dos emigrantes entendeu. A mãe da pequenina, como offendida, gritou:

— Anda p'ra aqui Maria; olha não lhe comesses alguma cousa; ora o soberbo.

— São inglezes e basta! — disse outro emigrante. Soberbos como cães.

O *Nile* seguia sempre a sua derrota, deixando ao longo do mar, uma estrada branca, de espuma transparente. As mulheres, tendo as creanças no meio, tinham formado grandes rodas, sentadas no convez; as gallegas a um lado e as portuguezas a outro. Umas deitadas, enroscadas, dormiam; outras penteavam-se sobre lenços estendidos no colo; outras, ainda, catavam as companheiras, que lhes deitavam a cabeça no regaço. Os homens, aos grupos de quatro, jogavam as cartas. A's dez horas soou novamente a campainha chamando os emigrantes para o almoço. Tudo correu na esperança de encontrar alguma cousa solida com que matar a fóme. A cada grupo de emigrantes foi distribuido um grande

prato de folha, com uns peixes maiores do que carapaus (arenques) cosidos, e outro com batatas inteiras, por descascar. A cafeteira da manhã vinha agora cheia d'uma cousa a que chamavam vinho. No fundo do prato dos arenques havia um molho de vinagre e açafrão. A cada emigrante foi distribuido um prato grande e uma colher de folha, nojentós de ferrugem. O serviço, como os anteriores era feito sobre as taboas cuspidas e escarradas do convez; os criados atiravam com as rações aos grupos como se se tratasse de dar de comer a uma matilha.

Luiz de Mello baixou-se, tirou para o seu prato dois arenques, algumas colheres de molho, descascou tres batatas, das quaes só uma poude aproveitar, porque as outras estavam pôdres e colhendo a sua ração de pão foi sentar-se junto do seu rancho. Os arenques, porém, estavam ardidos; vermelhos junto da espi-

nha, com um gosto repugnante. Ao terceiro bocado sentiu nauseas, levantou-se e foi deitar os peixes ao mar, atirando o prato e a colher para junto dos companheiros. Um creado portuguez, que assistia á refeição, gritou-lhe:

— Oh seu *cassaca* vá lavar o prato e a colher que é sua obrigação e traga-m'os p'rà qui. Vocês tem obrigação de lavar os pratos. Os creados são p'ra trazer a comida.

Luiz de Mello, vexado, ergueu o prato e a colher e foi laval-os á torneira d'um lavatorio nojento que havia á prôa e que servia para lavar a louça, a roupa, o rosto, e tudo o mais que fosse preciso.

O clamor dos emigrantes era geral. Aquillo era uma pouca vergonha. O peixe estava podre; o vinho era agua, o pão não se podia comer, queriam ir-se queixar. O encarregado da terceira classe, um espanhol de camisola escura, bo-

net de pala e cara de salteador, que ouvia as reclamações disse para um grupo que mais murmurava, voltando-lhe em seguida as costas:

—Se não querem comer não comam c... pouca bulha.

O jantar constou de ervilhas seccas, podres, com carneiro e a tal bebida que chamavam vinho. A' noite seguiu-se o mesmo chá e todos os dias se repetiu egual tratamento.

Ao terceiro dia, porem, a fome tinha vencido as repugnancias do estomago e do habito e os pobres emigrantes devoravam a putrida ração, sentindo apenas que ella fosse diminuta. Cessaram os queixumes e o toque da campainha era sempre acolhido com o maximo enthusiasmo. Tão imperiosas são as necessidades phisiologicas!

A poucas horas de viagem para além de S. Vicente, o mar cavou-se e o *Nile*

principiou a balouçar forte de bombordo a estibordo. Os emigrantes agarrados pela amurada começaram de lançar, convertendo o convez n'um nojento estendal de porcaria. Alguns em quem o enjoo era forte, não podiam conservar o mais insignificante alimento no estomago, bolsando até a propria agua que bebiam. Levavam os olhos encovados, as faces macilentas, o tronco vergado como se foram presa de uma grave doença. Muitas mulheres passavam os dias deitadas sem poderem erguer a cabeça, gemendo constantemente. Só as creancitas, indifferentes a quanto se passava, corriam alegres pelo convez, rindo-se sempre que o balanço as fazia cair.

XX

Com treze dias de viagem dobrou o *Nile* o Cabo Frio, entrando em seguida na bahia do Rio de Janeiro. Logo adiante da fortaleza de Santa Cruz, no Poço, depois de entrada a bordo da visita de saude, os emigrantes foram mandados descer do vapor para as grandes lanchas que os transportaram á ilha das Flores. Deviam ali aguardar as ordens do governo sobre o destino que deviam tomar! Dizia-se que naturalmente d'ali seguiriam para Minas, para a hospedaria de Juiz de Fóra.

Chegados á ilha foi-lhes destinado um barracão, um vasto recinto em quadro, telha vã, barrotes á vista, paredes de taboa, sem janellas e só rodeado de portas;

esse recinto estava recoberto de tarimbas que foram em pouco tempo recamadas de centenas de homens, de mulheres, de creanças, uns deitados, outros sentados, uns fallando, outros chorando, todos immundos e immunda, replente e fétida a roupa que vestiam, os saccos, as trouxas, as pelles, os centenares de objectos que os rodeiavam servindo-lhes de colchão, de travesseiro, de repositorio dos seus haveres mais indispensaveis.

Principiaram ali os emigrantes a viver n'uma promiscuidade infecta e indecorosa. Não se via um trapo limpo, não se descobria um rosto asseiado. Crianças de todas as idades, recemnascidas algumas, cobertas de mazellas e de parazitas na maior parte, rolavam sobre aquellas tarimbas por entre as mães e os paes que, acocorados, chocando fermentações, aguardavam o imprevisto, esperavam sem saber o quê, e com uma

resignação musulmana deixavam passar as horas, os dias, as semanas e os mezes, alimentando-se como porcos, dormindo como degredados, vivendo entregues a uma tristeza morticante.

Passadas nos barrotes algumas cordas suspendiam jacás que tinham servido para transportar queijos de Minas, formando assim especies de *giráos*, onde se embalavam os recemnascidos. As raparigas desfiguradas pelas condições ambientes, mostravam sem vergonha partes do corpo que o pudor manda occultar, entregavam-se todo o dia á tarefa de *catar* na cabeça umas das outras. Os rapazes sahiam em turmas a varrer o estabelecimento. Os velhos e as velhas aconchegavam-se, envergonhados pelo esterco de que se viam rodeados.

Um dia Luiz de Mello, enjoado com tanta porcaria e desesperado por não o deixarem seguir para o Rio de Janeiro,

dirigiu-se ao administrador da chamada *hospedaria* e perguntou-lhe:

—Não será possivel arranjar agua para nos lavar-mos todos?

— Só no mar; agua doce só para beber.

Outro dia, um individuo que veiu procurar um emigrante e que se condoeu de tanta miseria, disse tambem ao empregado:

— Que immundicie revoltante é esta?

— Pois como pode ser senão isto, se só ha agua para beber, e pouca?...

—Então esta gente não se lava?

—A's vezes, no mar.

—E estas roupas?

—Quanto mais se lavam, mais pretas e morrinhentas ficam. E' em agua salgada, com sabão!...

—E este chão?

—Laval-o só com agua salgada, fica sujo da mesma maneira, e mais fedoren-

to. Esfrega-se com areia, que é sempre mudada, e põe-se acido phenico.

N'isto passava um pequeno com uma garrafa branca cheia de agua turva, emquanto que algumas garrafas passavam de mão em mão entre os miseros emigrantes.

— Que é isto n'esta garrafa? — interrogou o visitante.

— É agua de beber.

— Em garrafas?

— E muito disputada.

— E d'aquella côr?

— Pois a caixa está fendida e a maré, quando enche ou vasa, augmenta-lhe ou diminue-lhe o volume d'agua. É uma porcaria...

— Mas essa agua doce misturada com a do mar faz mal a esta gente.

— Pois faz, sim; elles teem ahi andado atrapalhados com diarrhéas; mas o administrador pede concerto para a cai-

xa, e da inspectoria não mandam ninguem concertar...

— E as diarrhéas generalisam-se?

— Ainda ha muitas; teem-se combatido com kilos e kilos de bismutho.

O visitante sahiu horrorisado. Não lhe parecia que entes humanos podessem ser tratados por aquella fórma.

Luiz de Mello, magro, cadaverico, sentindo a cada momento dôres terriveis nos intestinos, por ali ia arrastando a sua existencia.

Por muitas vezes pedira que o deixassem seguir para o Rio, em qualquer das lanchas que para lá faziam carreira; mas ainda não tinha vindo ordem para deixarem sahir pessoa alguma.

Depois de muitos rogos e reclamações, foi permittida a Luiz de Mello e a outros emigrantes a sahida da ilha das Flôres. Luiz de Mello embarcou n'uma pequena lancha, que dentro em pouco o levou ao

centro da formosa bahia do Rio de Janeiro. Apezar de apprehensivo com a sua sorte, saudoso da familia de que havia muitos dias não tinha noticias, quasi enfermo do mau tratamento que tinha soffrido, não poude deixar de ficar maravilhado perante a belleza do panorama que se lhe desenrolava na frente e que para elle tinha um cunho de novidade e de attracção que não sabia explicar. A lancha cortava, vagorosa, a vaga, debilmente impellida pela briza do sul. O ceu caliginoso, aqui e além cortado de pesadas nuvens, tinha a apparencia d'um fundo de theatro em magica tenebrosa. Luiz de Mello viu passar o forte da Lage, a fortaleza de S. João, o Pão d'Assucar e mergulhou depois o olhar deslumbrado na encantadora enseada de Botafogo, desde a Praia Vermelha até á praia da Flamenga e ao Catete. Em seguida appareceu-lhe a sumptuosa colina da Glo-

ria, d'onde, por entre os recortes verdes das palmeiras, via surgir a elegancia captivante da torre da egreja; o edificio quadrangular do arsenal de guerra; o hospital da Misericordia; o aqueducto da Carioca e o verdejante morro de Santa Thereza. A lancha atracou ás escadas do Caes dos Mineiros, e Luiz de Mello encontrou-se então, com a sua pequena trouxa de roupa debaixo do braço, n'essa formosa terra da promissão, por tantos sonhada como terra de ventura e de riqueza e por poucos conquistada para a fortuna.

Abeirou-se d'elle um mulato, offerecendo-lhe um *cortiço* para viver, perguntando-lhe ao que vinha, inquirindo das suas aptidões. Mello contou-lhe parte da sua vida, pedindo-lhe ao mesmo tempo que visse se lhe podia arranjar qualquer collocação. Subiam n'este momento a rua do Rosario. A atmosphera estava

pesadissima, quasi que não permittindo a respiração. A passagem tornava-se difficil, porque a rua estava coberta de carroças de quatro rodas, pejadas de saccas de café, de fardos de xarco, de barris, e d'outras mercadorias, que os carroceiros carregavam aqui e descarregavam além, no meio d'uma barafunda de ensurdecer e com risco dos viandantes, que fugiam rapidamente para não serem attingidos por alguma carroça ou por alguma carga.

O mulato, conduçtor de Luiz, sabia d'um armazem de café, á rua da Saude, onde careciam de um homem para serviço. Talvez que elle ali se podesse arrumar. Era boa casa, de muito movimento.

Luiz agradeceu a lembrança e pediu-lhe para o apresentar, n'aquelle mesmo dia, antes que o logar fosse preenchido.

Assim succedeu. Depois de Luiz de

Mello ter tomado posse do seu *cortiço*, uma especie de casa de malta onde davam pensão a mil e quinhentos réis diarios, foi com o mulato á rua da Saude, para ser apresentado.

O dono da casa mediu-o de alto a baixo com o olhar, perguntando-lhe o nome, naturalidade e o motivo porque emigrava.

— Você sabe escrever? — interrogou elle.

— Sim, senhor, sei.

— Então escreva aqui alguma cousa; quero ver a sua letra.

Luiz de Mello escreveu:

O Rio de Janeiro é uma bonita cidade, muito commercial... e do mais largo futuro...

O dono da casa, o Pereira, socio da firma Pereira & Liz, typo de transmontano endinheirado, gordo, em mangas de camisa, pequeno bigode picado de

branco, poz a luneta e apoz demorado exame, exclamou:

—Não escreve mal; tem melhor letra do que o Gomes!

O Gomes era o interessado da casa, encarregado dos lançamentos no borrão.

Luiz de Mello disse que sabia tambem a escripturação commercial, as linguas franceza e ingleza e que tinha vontade de trabalhar.

—Pois admira você saber tanto—retorquiu o Pereira—e andar tão desprezivel. Bem, fique para ahi, até vêr. Vae comer ao hotel com os outros empregados e dorme lá em cima.

—Veremos o que você faz. Mas já está velho para aprender linguas.

Luiz de Mello, sempre humilde, foi collocar o chapeu cheio de buracos n'um canto e chegou-se para junto dos outros empregados que estavam recebendo uma partida de café.

O Pereira chamou de parte o intessado, o Gomes, e disse-lhe alguma cousa, apontando Luiz.

Gomes pareceu desgostoso, fazendo objecções, como contrariado, objecções que o Pereira contradizia, mantendo-se no que tinha dito. Apartaram-se os dois, como aborrecidos.

O Gomes, natural de uma aldeia limitrophe de Guimarães, era um d'aquelles typos judaicos, que por atavismo ainda se manifestam na sua pureza de linhas, em nossos dias. Perfil genuinamente nazareno, rematado por uma barbinha á Christo; pescoço de vertebras dilatadas, desmedida e delgadamente sahido do tronco; tronco esguio, sustentado por umas pernas pouco mais compridas e delgadas do que o pescoço e servido por uns braços pouco menos curtos do que as pernas. Aos doze annos entrara como marçano para o armazem de café

de Pereira & Liz, á rua da Saude. Desde logo, o seu unico ideal foi saltar sobre os companheiros, conquistar a attenção e as boas graças dos patrões para alcançar um logar superior e de maior remuneração do que aquelle que occupavam os collegas.

N'esta lucta que travou e em que teve por unico ideal a ganancia sordida e o interesse mesquinho, não houve traição que não preparasse, vergonha que não puzesse em pratica, miseria que não alimentasse no seu espirito para comprometter e envergonhar os companheiros aos olhos dos patrões.

Erguia-se ainda de noite; apartava sósinho as cargas de saccaria; levava dias a correr as casas do Rio para receber as contas mais depressa do que outros caixeiros; acusava, constantemente, aquelles que praticavam uma pequena falta; era impiedoso para todos quantos fra-

quejavam perante o trabalho clossal que lhes era imposto todos os dias. Sordido até á miseria, incapaz de uma acção generosa, fechado unicamente na torpeza de amontoar dinheiro, era odiado pelos collegas, desprezado por quantos lhe conheciam as màs qualidades. Os proprios patrões não gostavam d'elle; mas aproveitavam-n'o como espia dos outros empregados e aproveitavam-lhe tambem o trabalho constante e a probidade em que punha brio, ainda que com o calculo de se tornar querido. Depois de dez annos de mourejar na casa, sem uma falta, sem um dia de doença, sem se lhe conhecer uma fraqueza, o Liz, o socio da firma, teve de retirar para a Europa, muito doente, e propoz-lhe sociedade, isto é, deu-lhe interesse nos lucros, um interesse de tres por cento, afóra o ordenado que já recebia, de quatro contos annuaes. Desde este momento, o Gomes, longe de

afrouxar na sua actividade, de procurar um pouco de repouso, de descanço, afervorou no trabalho, tornando-se um despota para com os companheiros. Comia a correr, dormia pouco, não parava um instante, sempre dominado pela idèa de enriquecer, de possuir muito ouro.

A admissão de Luiz de Mello fôra para elle uma contrariedade. Como era que elle ia fazer trabalhar brutalmente aquelle homem já velho, com tantos cabellos brancos, com uma aparencia doentia? O Pereira era tolo em admittir pessoal d'aquelle, que não podia trabalhar, que não podia puchar pelo corpo. Elle arranjaria tudo. Tanto havia de dizer e fazer a Mello que elle ver-se-hia na necessidade de despedir-se, de procurar outra casa

Logo no primeiro dia mandou Mello ajudar a carregar as carroças para o trapiche, para o carregamento que estava

fazendo para Santos. A's nove horas, quando o Pereira veio para o estabelecimento e viu Mello vergado debaixo das saccas, teve compaixão d'elle e mandou-o para o escriptorio tirar umas contas. Outra occasião que o encontrou á balança pesando, deu-lhe ordem para ir á Alfandega, chamou de parte o Gomes para lhe dizer que não empregasse o Mello n'aquelles serviços, que o occupasse mais no escriptorio, porque elle tinha boa lettra e sabia de escripta.

O Gomes, muito intrigado, contestou:

— E' um moleirão, que não faz nada se não a poder de tempo.

— Pois, sim, mas quem carregue ha ahi muito. E' preciso aproveitar as aptidões.

. . . .

XXI

Debaixo do jugo de ferro a que o sugeitava o Gomes, ridicularisando-o e vexando-o sempre que podia e que o Pereira estava ausente là ia o infeliz Luiz Luiz de Mello, imperindo com resignação e até certo ponto satisfeito por ganhar alguma coisa. Logo no fim do primeiro mez pôde mandar á esposa doze mil réis, producto das suas economias.

Aos domingos, vendo-se só, isolado no seu quarto, emquanto os companheiros corriam alegremente a espairecer pela cidade, elle cuidava em escrever a sua historia, em contar tudo quanto tinha soffrido, especialmente os seus amores com a Bandeira, cuja vida elle agora ignorava.

Depois de tres mezes de trabalho na casa, tinha conseguido captivar as boas

graças do Pereira, que lhe confiava quasi todos os trabalhos de escripta. Principiava a animar-se. Nos fins dos mezes mandava alguma coísa á familia para ella ir vivendo em Lisboa. Tinha comprado um fato e alguma roupa e nutria esperanças de que dentro em pouco o Pereira lhe abonaria o sufficiente para elle mandar para o Rio a mulher e o filho. Na sua frente, apenas, a ridiculalisal-o, a procurar deprimil-o, a affrontal-o, encontrava o Gomes, que o estava olhando como um perigo, receioso da protecção que o Pereira lhe dispensava. Aquella alma baixa, concretisando em si todos os maus sentimentos, revelando toda a avareza que o vulgo attribue ao judaismo pela febre da riqueza, pela paixão da ganancia, não perdia occasião de martyrisar o seu compatriota infeliz, o seu patricio a quem a sorte fora adversa. Era um despota a quem as lagrimas e as dores

alheias pareciam alegrar e que com a mascara de sisudez e da delicadeza, enterrava constantemente nos seus irmãos de trabalho o punhal eivado de rancor e de malvadez. Um verdadeiro pulha despido de todos os sentimentos de humanidade.

Um dia em que Luiz de Mello andava procedendo á cobrança na rua do Hospicio, principiou a sentir uma dôr forte de cabeça. Invadiu-lhe todo o corpo um mal-estar indicativo de doença; sentiu desejos fortes de deitar-se, de descançar, de fugir do borburinho da rua. A luz forte do sol incommodava-o, pintando-lhe de amarello os objectos que inundava. Os passageiros do bond que subia a rua pareciam-lhe tristes e incommodados como elle. Perto das tres horas da tarde alancearam-no grandes nauseas e como que uns arrepelões nos musculos das pernas que o im-

possibilitaram de andar. Luiz pretendeu continuar no trabalho, mas não poude. Uma dôr enorme na cabeça fazia-o tombar a cada momento, dando-lhe o aspecto d'um ebrio. A' esquina da rua de Gonçalves Dias, um moleque que passava, parou, e olhando-o, disse-lhe:

— Qué tem mecê, moço, hein? Mecê tem a febre, hein? Mecê vá p'rá casa, hein? Qui é p'rá tratà, hein?

Luiz de Mello olhou atemorisado este pobre rapaz que n'um simples golpe de vista lhe tinha diagnosticado a terrivel enfermidade. Estava com a febre amarella. Agora que elle principiava a ter esperança na vida; agora que elle começava a nutrir a esperança de poder arrancar da miseria aquella pobre mulher e aquella creança que lhe ficaram lá em Lisboa, a tantas leguas de mar, é que a aza negra da morte o vinha fustigar desapiedadamente, lançando-o na escuridão

do tumulo, o que lhe agradava, mas deixando na mendicidade a sua pobre mulher e o seu querido filhinho, o que o assustava.

Conforme poude foi-se arrastando até á rua da Saude ao armazem, onde os empregados, vendo-o entrar, correram a segural-o para que não cahisse.

O Pereira, reconhecendo a doença, mandou chamar um tylburi que o transportasse ao hospital. Luiz de Mello, quasi sem forças, preza da doença, pediu que lhe fossem buscar lá acima ao seu quarto um rolo de papeis que lá guardava. Era a historia da sua vida.

A molestia principiava a apagar-lhe a consciencia, lançando-o n'uma modorra que não lhe permittia a analyse dos factos. O tilbury conduziu-o ao hospital, onde dois enfermeiros de blusa até aos pés, o lançaram ao acaso sobre a primeira cama vaga que encontraram. A

febre, porém, manifestava-se com um caracter mortal. Os medicamentos applicados com energia não conseguiam produzir effeito. O medico, ao terceiro dia, lavrou-lhe a sentença final, mandando cercar-lhe o leito com um biombo para que os outros doentes da enfermaria não presenceassem a despedida da vida d'aquelle infeliz. Foi no momento em que lhe collocavam o biombo em volta da cama, como que sequestrando-o ainda em vida ao contacto dos vivos. que o espirito de Mello teve um lampejo de consciencia e poude calcular a sua situação. Sentiu então um grande desprezo por esta vida, onde o egoismo feroz das sociedades com os seus ideaes d'ouro e de superioridades, victimam milhares de individuos esmagando-os nas malhas das conveniencias torpes e entre os elos das cadeias de phantasias que a razão severa condemna, mas que o habito e a maldade dos

homens forjam constantemente. De toda a sua vida apenas se recordava agora com saudade e com lagrimas da pobre mulher e do filhinho que lhe ficaram lá em Lisboa, ao desamparo. Do resto sentia nojo e perguntava á sua consciencia se não teriam razão aquelles que queriam destruir a fogo e a sangue toda a grande serie de mentiras convencionaes e repugnantes por que ainda hoje sob as mais bellas conquistas do pensamento humano, as sosiedades se mantem e querem avançar para o futuro.

O que faria toda a enorme legião de revoltados, de martyres do convencionalismo social, no dia em que a consciencia lhes dissesse que não deviam soffrer mais? Que hecatombe monstruosa se daria n'esse dia em que explorados e exploradores liquidassem contas?

Era quasi noite. Alguns bicos de gaz acesos na enfermaria principiavam a

vencer a luz do dia que rapidamente ia fugindo. Fóra ouvia Luiz de Mello vozes de homens e um arrastar tenebroso de madeira no ladrilho da enfermaria. Eram os enfermeiros que passavam com a maca dos mortos, recolhendo os que o dia levara da vida. Um d'elles abriu o biombo, abeirou-se de Luiz de Mello e pondo-lhe a mão na testa gritou para os de fóra:

— Este aqui ainda está vivo.

— Adiante, ordenou o outro, seguindo os dois na sua triste missão, com a indifferença com que os magarefes passam nos matadouros pelas rezes que acabam de matar. E durante algumas horas, ali ficou Mello, ainda consciente, entregue ás cogitações de quem se despede da vida. Nem um enfermeiro, nem um padre, nem uma pessoa que se acercasse d'elle e que o encorajasse com a sua presença.

Lá fóra ouvia-se o ribombar longiquo do trovão e a espaços a luz viva do relampago, illuminava todo o compartimento. O ceu carregado de electricidade, deixava cair fórtes pingas. Approximava-se a tempestade.

Perto das dez horas, tendo Luiz de Mello ainda consciencia, acercou-se d'elle uma irmã de caridade. Limpou-lhe com o lenço o suor da agonia que lhe banhava a fronte e disse-lhe:

— Meu irmão, não quer confessar-se? na sua ultima hora não deseja reconciliar-se com Deus?

— Minha irmã, quem tem soffrido como eu não póde acreditar na existencia de Deus. Deus é bom para os felizes. Nós outros, os desgraçados, se vemos claro, nem essa consolação nos pode restar; tudo trevas para nós.

— Mas pense, meu irmão, que além d'esta vida existe outra onde os maus

são condemnados e os bons teem o premio de suas virtudes.

— Oh! se existisse essa vida de luz e de amor eu alcançaria um premio de distincção. Sempre fui bom; sempre procurei ser justo; tenho a minha consciencia tranquilla. No entretanto fui um dos maiores desgraçados que a civilisação pode ter produzido. Não posso fallar mais; não posso já contar-lhe a minha historia porque sinto a morte fechar-me os labios para sempre; mas procure a irmã debaixo d'este travesseiro e encontrará a historia da minha vida.

A cabeça pendeu-lhe para o lado e pouco depois terminava a sua dolorosa peregrinação o infeliz Luiz de Mello.

Ao vel-o exhalar o ultimo suspiro, a irmã tirou-lhe de debaixo do travesseiro o rolo de papeis, e sentou-se a seu lado lendo com fervor as orações dos mortos ordenadas pela egreja.

Que fortes martyrios, pensava ella, poderiam ter levado aquelle infeliz a descrer da obra de Deus e a recusar-lhe a sua admiração? Tambem ella fora infeliz, soffrera muito e nem por isso duvidara da bondade do Creador.

Rompia o dia quando a irmã terminou as suas orações. Era uma aurora d'uma pureza deliciosa no fundo do ceu esbranquiçado e limpo pela tempestade da noite. O palido azul do ceu, levemente tinto de rosa, não estava manchado por nuvem alguma. Todo o alegre despertar da cerca humida entrava pela janella, emquanto que as velas acesas á cabeceira do morto empalideciam diante da claridade do dia que chegava.

. . . .

No dia immediato, ás dez horas da manhã, na sala anatomica da escola medica do Rio de Janeiro, um bando ale-

gre de estudantes, conversava e ria com enthusiasmo olhando pelas janellas as palmeiras formosas que se elevam sobre o jardim da escola. Esperavam cadaver para estudar musculos. Não se fez demorar muito que dois moleques conduzindo uma maca, d'ella tirassem um corpo que atiraram para cima de uma mesa de pedra.

Os estudantes olharam-no e exclamaram:

— Magnifico; magrinho.

Era o cadaver de Luiz de Mello.

O servente da sala, empunhando uma faca de tres palmos de comprido deu um golpe a toda a largura do abdomen do cadaver. Os intestinos espalharam-se por sobre o marmore. Depois com um serrote dividiu as pernas. Os estudantes auxiliaram a hecatombe levando um os braços, outro a cabeça, e o resto as pernas, que ainda dividiram entre si.

Uma hora depois, de Luiz de Mello, não existia mais do que a saudade nas almas que soubesse sentir as dores alheias e que tivessem conhecido aquelle infeliz.

Era motivo para se dizer, comtemplando os destroços feitos pelo escalpelo no corpo do desgraçado:

— Talis vita, finis ita.

. . . .

Pouco mais ou menos áquella hora, a D. Maria de Mello recebia em Lisboa uma carta onde lhe diziam que sua madrinha, que ella nem sequer conhecia, morrera em Bragança, deixando uma fortuna collossal e legando-lhe o melhor de trinta contos.

Necessariamente era o marido que lhe fazia infelicidade.

Familias respeitaveis, de boa posição social, com quem mantinha antigas relações e que lhe deixaram morrer a filha quasi ao abandono e expatriar o marido sem recursos, correram logo a felicital-a, recordando antigas amisades, offerecendo-lhe o seu prestimo.

A pobre senhora, porem, enjoada com tanta porcaria sentia-se apenas preza á vida pelo filhito, que era necessario educar.

XXII

A Bandeira desesperada, afflicta febril por não encontrar Luiz de Mello durante muitos dias, por não saber o destino que elle teria levado, por ignorar se estaria doente ou se teria sahido de Lisboa, resolveu-se a mandar um môço a casa

d'elle, á rua dos Calafates, inquirir o que se passava.

Depois que Luiz de Mello desapparecera a seguir a uma epocha de indifferença ou de despreso pela Bandeira, esta cada vez se convencera mais de que elle a tinha abandonado, trocando-a por outra mulher. Esta ideia tornava-a intractavel, nervosa, aborrecida, sequiosa de vingança. Como era possivel que aquelle homem que a adorava, que lhe perdoava todas as affrontas, que se sacrificava por ella, que se deixava dominar pela sua influencia, lhe fugisse de um dia para o outro sem ao menos lhe dizer adeus, sem lhe declarar os motivos por que a abandonava. Naturalmente ella prendera-se no olhar d'outra mulher e por elle andava enfeitiçado, deslumbrado, esquecendo-a a ella. E esta ideia que se lhe não despegava do cerebro era o seu pesadelo de todos os dias, de todas as horas, de

todos os instantes. Batia as ruas onde costumava encontral-o, de dia e de noite, e cada hora que se ia passando sem o vêr, mais lhe augmentava o seu desespero. Onde estaria elle occulto? certamente noivando com outra mulher! Um desejo ardente de vingança lhe dominava todo o ser produzindo-lhe um mal-estar geral. Não podia soffrer mais; precisava de sahir d'aquelle inferno em que a incerteza a mergulhava; necessitava de indagar onde Luiz se occultava para o ir lá procurar, insultar, fazel-o soffrer, reconduzil-o ao antigo caminho onde só o seu capricho o dominava e o fazia vibrar. Além d'estes pensamentos que a absorviam e a traziam como preza, sentia tambem os desejos violentos da femea viciosa pelo macho que sabia commovel-a. No intimo do seu ser notava tambem uma saudade violenta dos carinhos apaixonados de Luiz de Mello, que se dis-

tinguiam dos de todos os homens que ella acceitava unicamente por vicio e por necessidade.

Desesperada de encontrar Luiz resolveu-se, pois, a mandar a sua casa um moço, que indagasse o que motivava o desapparecimento, que procurasse saber onde elle se occultava. O moço voltou, dizendo-lhe que lhe haviam dito que o sr. Luiz de Mello embarcara para o Brazil no dia vinte e tres do mez anterior.

A Bandeira ficou como que alheada de si propria com aquella resposta. Com que então Luiz deixára-a, embarcára para o Brazil, atirára-a ao abandono vadiando pelas ruas da cidade, sem ao menos lhe dizer adeus, sem lhe indicar para onde ia, sem se despedir d'ella? Necessariamente os homens eram todos a mesma canalha; não se differençavam senão pelos nomes; todos praticavam para com as mulheres as mesmas ingratidões. Mas

pouco a pouco, subindo a alameda de S. Pedro d'Alcantara, a Bandeira foi recordando o seu passado, todo o seu viver com Luiz de Mello e no fundo da sua consciencia dolorida mas pacificada reconheceu que Luiz de Mello fôra justo no que lhe fizera. Como poderia ella suppôr que elle podesse ter-lhe amisade depois das infamias sem nome nem explicação que lhe fizera? depois dos vexames e dos tormentos a que o sujeitára? Elle fôra coherente, fugira-lhe visto que não tinha força para esmagal-a; fora-se embora dando-lhe o desprezo como resposta a todas as suas traições! E quem sabe, pensava ella, talvez que Luiz fugisse levando consigo outra mulher a quem amasse e a quem tivesse agora a amisade que lhe tivera n'outro tempo. Esta idéa martyrisava-a, enchia-a de desespero, forçava-a a apertar convulsiva as dobras da capa que tinha pelas cos-

tas. Oh! mas elle não havia de triumphar; não havia de cantar gloriosa victoria; ella havia de desforrar-se, de vingar-se do seu desprezo. Ainda que cuidasse de vender-se como uma negra, de praticar todas as infamias imaginaveis, de descer até ao ultimo degrau do vicio, havia de ir onde a elle e apossar-se novamente d'aquella consciencia para só ella a dominar e a punir. Luiz de Mello fora a unica paixão de toda a sua vida; o unico homem distincto entre todos os homens; desejava-o, queria, havia de possuil-o, de dominal-o, de absorvel-o.

Tinha anoutecido. A Bandeira, sentindo-se fatigada, sentara-se n'um dos bancos da alameda, que encontrou vazio. Carecia de estar só, de pensar, de meditar a fórma de ir procurar Luiz de Mello. Ainda que elle estivesse no inferno havia de encontral-o, tomar-lhe contas do seu procedimento, dominal-o, fazel-o soffrer

com a sua presença. Em frente da Bandeira, erguiam-se lá muito ao longe os montes da Graça e do Castello, salpicados aqui e além de lagrimas luminosas — os candieiros da illuminação publica. Em baixo, na Avenida, os candelabros electricos punham na escuridão da noite como que uma larga fita d'uma transparencia esbranquiçada, que se ia apagando, diluindo, sobre a esquerda, nas trevas que cahiam do ceu. Lá muito ao longe, no alto da Avenida, tres candeeiros marcavam o caminho d'uma rua ignorada e em baixo, nas Taipas, os trens passavam riscando de luz com as suas lanternas brilhantes a penumbra da rua tristonha e quasi deserta. No banco a seguir, ao lado da Bandeira, um soldado de cavallaria conversava, muito encostado, com uma rapariga de saia clara e lenço de malha na cabeça. Diversos grupos de homens passavam junto á grade da mura-

lha, fallando, discutindo, gesticulando, e em cima, junto ao lago, tres creanças corriam procurando alcançar uma bola de borracha, que atiravam ao acaso.

A Bandeira encostara-se para traz sobre as costas do banco, abrindo a capa, como se carecesse tomar ar. Sentára-se voltando a espalda para a rua que áquella hora estava movimentada e d'onde sahia um ruido forte de carros, de pregões de jornaes e da multidão que passava conversando. Do lado de S. Roque principiou a avolumar-se na escuridão um vulto de mulher, delgadita, toda vestida de preto, mantilha na cabeça. Ao passar em frente da Bandeira encarou-a, dizendo-lhe:

— Adeus; que fazes por aqui?

Era a Desterro.

E logo a Bandeira, toda alegre, como se tivera arrancado repentinamente da memoria os pensamentos que a affligiam:

— Adeus, Desterro, como estás? Tu não andas aqui para a fazer boa.

— Olha, filha, venho aqui esperar um sujeito, que me mandou vir ter ali ao pé das grades. É um homem que me dá alguma cousa. Olha, ainda hontem me deu este annel.

E mostrava á luz do candeeiro um annel pequenino, com uma pedra vermelha.

— Vês, todas vocês teem sorte; só eu não tenho nenhuma.

— Então, filha, não desesperes.

E continuando:

— Olha este arranjei eu por acaso, no baile de mascaras. Mas Deus me livre que o *meu* saiba alguma cousa que era capaz de matar-me. Elle então que é tão ciumento... São precisas mil cautelas para elle não desconfiar. E o velhote gosta de mim; até já tem fallado em pôr casa.

— Lá vem elle, — disse a Desterro, in-

dicando um vulto de chapeu alto, que se approximava — Adeus; apparece lá por casa.

— Adeus; — contestou a Bandeira seguindo a Desterro com a vista.

Ella approximava-se do vulto de chapeu alto e depois de parar algum tempo dirigiram-se os dois para a travessa da Boa Hora.

De novo lhe voltou á idéa o abandono de Luiz de Mello e o seu espirito tornou a mergulhar-se no desespero de não poder encontral-o, de o não poder ver. Oh! ella estimava-o mais do que muitas vezes suppunha.

Agora que o considerava perdido para sempre é que ella conhecia o que soffria por sua causa.

Um rapaz de chapeu desabado, pequeno bigode preto aproximou-se da Bandeira, olhando-a.

— Que faz por aqui, menina?

— Tomo o fresco, e o senhor que se importa?

— Eu? Sinto que esteja aqui com tanto frio; pode até constipar-se.

— Oh! não se incommode.

E principiaram conversando. Pouco depois pareciam velhos conhecidos, tal era a intimidade com que se encontravam reunidos.

Ás dez da noite a Bandeira e o rapaz do chapeu desabado já se tratavam por tu e estavam ceando alegremente na casa de pasto do *Mealhada*.

. . . .

A idéa da fuga de Luiz de Mello nunca mais abandonou o cerebro da Bandeira. O seu unico ideal, agora, era embarcar; ir reunir-se a Luiz de Mello, cuja memoria lhe recordava com mais saudade do que desespero. Correra as agencias, inquirindo preços de passagem; offerece-

ra-se para creada de bordo; fizera mil tentativas para embarcar, mas todas lhe tinham saido frustradas; todos os planos se via forçada a abandonar por impraticaveis.

A sua vida deslisava agora pelas hospedarias de costumes faceis, onde ha camas para pernoitar com homens de todas as classes sociaes. Se trabalhava uma hora, se se sentava á machina, ou emprehendia qualquer costura, o aborrecimento assaltava-a pouco depois, obrigando-a a deixar o trabalho e a ir laurear pelas ruas inundadas de sol e pelas praças cheias de vida. Estava completamente perdida para a vida pacifica e methodica. O vicio convertera-a n'uma vadia, que a policia trazia debaixo d'olho e que teria mais dia menos dia de ir inscrever-se no livro negro das mulheres perdidas, inhabeis para qualquer trabalho honesto.

Um dia em que foi visitar a Desterro, disse-lhe esta:

— Não sabes, Bandeirita, está agora ahi em Lisboa um homem que precisa d'uma mulher para levar para Africa. Elle é conhecido do amante da minha irmã e se quizesses eu apresentava-te. Disse-me a Palmyra que elle é homem de dinheiro e que tem muito de seu, lá em Africa.

A Bandeira ficou logo impressionada. Sortes não eram para ella, mas ainda assim queria ver o homem. A's vezes podia calhar...

A Desterro combinou a aprezentação. No proximo domingo iam de passeio até á Outra Banda, a um quintal que ella conhecia em Cacilhas, onde se vendia vinho e petiscos, e ali jantariam. A irmã,

o amante e o seu amigo iriam lá ter ou já lá estariam quando as duas chegassem e depois o resto seria com os dois. Assim ficou combinado, pedindo a Bandeira muito á Desterro que não contasse cousa alguma da sua vida ao Polycarpo, o tal que queria uma mulher, para levar para Africa.

— Então, filha, — dizia a Desterro — eu havia de contar alguma cousa ao homemsinho? Isso nunca. Saiba-o elle lá por onde quizer que a minha boca, como sabes, é um tumulo.

— Tambem, — contestava a Bandeira — se não fôr a tua irmã ou o homem d'ella ninguem lhe poderá dizer cousa alguma. O Polycarpo não tem cá estado em Lisboa, como ha de elle saber alguma cousa?

— Não; da minha irmã não saberá cousa alguma, que eu a prevenirei.

A Bandeira sahiu. Não se lhe despe-

gava do cerebro a idéa de embarcar com o Polycarpo para a Africa. Julgava ella que a Africa era muito perto do Brazil e que em se encontrando em Africa com muita facilidade poderia chegar ao Rio de Janeiro, a defrontar-se com Luiz de Mello, que era toda a sua ambição.

. . . .

No domingo combinado a Desterro e a Bandeira tomaram o vapor das onze e meia, para Cacilhas. Estava um dia esplendido de principio de primavera, fartamente illuminado de sol e toldado por um ceu d'um azulado transparente e encantador. No vapor, sem distincção de lugares, amalgamavam-se os typos mais differentes e mais exoticos da população de Lisboa. Grupos de fadistas, calça de boca de sino, melenas nos olhos, ponta de cigarro atraz da orelha, toca-

vam guitarra, soltando piadas. Rameiras, de vestidos de chita fortemente gommados, lenços de côres fortes na cabeça, faces pintadas de vermelhão, olhavam os *seus rapazes,* os fadistas, orgulhando-se de os verem na bella sociedade. Soldados de cavallaria, de junco na mão, uniformes brilhantes, olhar vago e imbecil, passeavam o vapor de proa á popa, admirando os vasos de guerra que se encontravam fundeados pelo meio do rio. Grupos de creanças, conduzidas por senhoras de toilettes frescas, primaveris, brincavam, correndo e fazendo uma inferneira medonha. Ovarinas de chailes escuros, em bico, lenços de lã e fartura de ouro ao pescoço e nas orelhas, conversavam baixo, olhando a agua que espadanava impetuosa batida pela helice do vapor *Caçador.*

Iam chegando a Cacilhas. O vapor apitava, resfolgando. Os montes de Al-

mada erguiam-se por sobre a margem do rio, mostrando-se cobertos d'um tapete verde, onde as arvores, que começavam a rebentar, punham manchas de todas as côres, desde o vermelho carregado até ao amarello desmaiado da rosa chá. O vapor atracou. Lançou-se a ponte e os passageiros sairam, rindo e empurrando-se.

A Bandeira e a Desterro, com o farnel, uma posta de carne assada, dentro d'um cesto, ficaram um pouco mais atraz, deixando passar a onda de publico, que corria a tomar os burros, os trens, os cavallos, para Almada, Cova da Piedade e Monte. Um cocheiro instou com ellas para subirem para o seu trem. Mais adeante um rapaz, com dois burros pela arreata, queria que ellas montassem, porque os burros eram uma belleza para andar. Iam a Almada n'um instante; um passeio muito bonito e

muito divertido. Gastavam apenas dois tostões cada uma. Ellas, rindo, iam-se afastando, avançando sempre. Já na praça de Cacilhas, ao longo da rua que seguia para Almada, ellas descobriam a multidão alegre, que caminhava, cavalgando os gericos, batendo nas alimarias, fazendo uma bulha, cheia de gargalhadas e de ditos picantes.

O quintal para onde a Desterro se dirigia era logo ao principio da rua Direita, no fundo d'uma travessa que cortava á esquerda. A travessa estava deserta, vendo-se apenas aqui e além bandos de gallinhas, que esgaravatavam na fresquidão da terra humida. Quasi ao fundo da travessa, que não tinha saída, n'um sitio deserto, erguia-se um predio d'um andar, tendo apenas uma janella ao centro e em baixo uma porta larga. Em frente da porta, que se conservava aberta, um balcão, negro, encebado pela por-

caria deixada por muitos centos de freguezes, deixava vêr, ao centro, uma celha cheia de copos, mergulhados em agua. Aos lados do balcão, da parte de fóra, duas bancas compridas, acompanhadas de bancos, eram occultas, no tampo, por toalhas de algodão, sujas de manchas de vinho e escorrencias de caldos gordurosos. Em frente, n'uma prataleira que subia até ao tecto, garrafas, alinhadas mostravam rotulos coloridos, indicativos de diversas bebidas de fabrico nacional.

A Desterro e a Bandeira entraram n'esta tasca e perguntaram se ali não teriam vindo uns individuos de Lisboa, e deram os signaes, mencionando pessoas.

Uma pequenita, que veiu do interior da casa, dando explicações, disse que uma familia de Lisboa estava já, defronte, no quintal.

— E que signaes tem essa familia? inquiriu a Desterro.

— É uma mulher e dois homens, informou a pequenita. — A minha mãe está lá para o quintal com elles, e jà mandaram matar uma gallinha, para o jantar.

— E a mulher não disse que deviam vir aqui procural-a? tornou a Desterro.

— Disse, sim senhora; disse que esperava duas senhoras. Naturalmente são vocemecês...

— Naturalmente *samos,* disse á Bandeira, rindo e mostrando a porcaria das toalhas á Desterro, que, olhando-as, cuspia, anojada.

— Então, onde estão elles?

— Ali defronte, no quintal.

— Bem; nós cá vamos procural-os.

E atravessaram a travessa, estreita, humida e esverdeada, empurrando a

porta do quintal, que lhes ficava fronteira.

O chamado quintal era um largo bocado de terreno, plantado de vinha e cercado por arvoredo. Ao fundo, para além da linha irregular que o terreno formava, via-se um pedaço de rio, marginado por algumas povoações do sul do Tejo. As cepas rebentavam com opulencia, mostrando o verde terno das folhas, illuminado de sol. O arvoredo, ornado de cabelleiras de varias côres, dava um aspecto formoso á paysagem. Ao fundo do quintal, quasi ao pé do bardo, onde algumas piteiras com o seu verde escuro reforçavam o colorido, a irmã da Desterro, o amante e o Polycarpo, acompanhados pela dona da tasca, admiravam a vegetação, que a primavera fazia surgir opulenta e bella.

A Desterro gritou da porta, avistando-os:

— Oh, perdidos, que fazeis?

— Andamos aos grillos, respondeu a irmã da Desterro.

— Já cá fazias falta, seguiu o amante.

— Nós lá vamos, — continuou a Desterro largando a correr pela vinha fóra, acompanhada pela Bandeira.

Ao approximarem-se, fizeram os cumprimentos do estylo; beijos ás mulheres, aperto de mão aos homens.

— Agora, tiasinha, disse o Polycarpo para a dona da taberna, toca a arranjar a mesa para o jantar, que já cá estamos todos.

— Vamos a isso, vamos; a gallinha deve estar cosida, — disse a tasqueira, deitando a andar pelo quintal fóra e mostrando no rosto a satisfação resultante dos bons freguezes que a sorte lhe tinha deparado n'aquelle dia.

O jantar teve logar n'uma mesa armada para o effeito, quasi á porta do quintal, debaixo d'uma parreira.

O Polycarpo, que era quem andava com as despezas, mostrava ser um rapazote de seus vinte e tres annos. Fôra para Africa aos quinze, tendo algumas noções do officio de calafate; por lá se foi aperfeiçoando na arte, e dentro em pouco, em Loanda, principiou a trabalhar com aproveitamento, juntando todos os annos algumas libras, que ia amontoando. Sentindo-se com saudades da patria e da familia que lhe ficára em Lisboa e de quem não tinha noticias, resolveu vir ao reino, aproveitando a occasião para cuidar da saude, bastante deteriorada pelo clima africano. Durante os annos que viveu em Loanda, morreram-lhe por cá quasi todos os seus. De familia, apenas encontrou uma tia, velha e

pobre. Dos amigos da infancia, só conseguiu descobrir o amante da irmã da Desterro, que o recebeu com alegria e que lhe recordou as suas antigas travessuras de gaiato d'Alfama. O Polycarpo lamentou-se de viver só; ganhava bem em Loanda; mas quando estava doente não tinha quem lhe desse uma sêde de agua. Já por tres vezes estivera no hospital, sendo mal tratado. Mulheres, em Loanda, não se podia um homem chegar a ellas; ou eram pretas, ou degredadas, e todas ellas de maus costumes, ladras, bebedas, uma infamia.

O amante da irmã da Desterro, disse-lhe que levasse mulher de Lisboa, que havia muitas e boas e quando não serviam punham-se a andar. O Polycarpo concordou com a ideia, mas não conhecia nenhuma que lhe conviesse. D'estas conversações intimas resultou a ideia da Desterro, informada do que se passava

pela irmã, de propôr o negocio á Bandeira.

A Bandeira achou logo sympathico o Polycarpo e dentro em poucos minutos a intimidade entre os dois era grande. O jantar correu alegre, acompanhado de fortes libações. De tarde foram todos de passeio até Almada, cavalgando burros, decilitrando pelas tabernas que marginavam a estrada.

Perto da noite, quando regressaram a Lisboa, no vapor das seis e dez, estava ja combinada a reunião da Bandeira com o Polycarpo. Foram acompanhar a Desterro a casa e depois os dois, sós, foram para o quarto que elle tinha alugado na travessa de Agua Flor.

N'essa noite a Bandeira contou ao Polycarpo toda a sua vida, aquelle celebre rozario de mentiras que ella trazia sempre engatilhado para illudir todos os homens e poder apresentar-se como uma

martyr, sempre perseguida de todas as infelicidades.

Dado isso, o Polycarpo, novato em questão de mulheres, suppôz ter conquistado uma vestal cahida de qualquer templo phantastico para o ir acompanhar sob o ceu ardente de Loanda. A mulher tinha-lhe causado impressão, tinha-lhe enchido as medidas, principalmente por poder acompanhal-o, como elle desejava.

Logo de manhã sahiram os dois e foram ao Grandella, fazer acquisição de enxoval. A Bandeira, sentindo quente a algibeira do Polycarpo, dilatou a lista das compras, gastando à larga em toilettes. Estava como que estonteada, vendo-se outra vez possuidora de vestidos, chapeus, capas, que a punham em evidencia e a tornavam olhada pelos homens que encontrava na rua.

Poucos dias depois já a Bandeira cor-

ria de novo Lisboa com o seu passo agitado, mostrando as toilettes que a generosidade do Polycarpo lhe tinha fornecido e provocando os homens com os seus gestos de mundana sem vergonha.

No entretanto, apezar de se ver com dinheiro; apezar de estar novamente na sua vida de galanteio e de fartura, a idéa de Luiz de Mello dava-lhe rebates terriveis. A lembrança d'aquelle homem, que ella tantas vezes dominára, que arrastava a seu bello prazer, ao sabor da sua imaginação doentia e que desapparecera, deixando-a com uma indifferença que assombrava, dava-lhe tristes horas de melancholia e de desespero. Ella não podia admittir senão o principio de que o abandono se fundasse no amor de Luiz de Mello por outra mulher e era esta idéa a que mais a fazia soffrer. Era necessario tornar a encontral-o, vel-o,

arrancal-o dos braços d'outra, custasse o que custasse.

O Polycarpo tinha dinheiro; ella vira-lhe muitas libras, letras de banco, valores. Tudo se arranjaria com o tempo. O que ella desejava era encontrar-se em Africa para mais facilmente estudar a fórma de ir ter ao Rio de Janeiro.

O Polycarpo estava cada dia mais encantado com a mulher. Era tal o gosto, a ternura que elle punha nas suas denguices calculadas e artificiosamente postas em pratica, que nem sequer reparava no rombo que as economias iam levando.

Como estava de partida, a Bandeira, e ia para terra onde não havia divertimentos onde não podia andar na pandega, tratava de aproveitar o tempo frequentando theatros todas as noites, ceias em *restaurantes* caros, passeios de carro, bailes, etc.

No fim de abril embarcaram os dois

e lá foram rumo de Loanda. A Bandeira ia contentissima, na persuazão de que se aproximava do Brazil, unico ponto onde desejava chegar; o Polycarpo suppondo que tinha encontrado a mulher de que carecia. Se lhe notava algum defeito era apenas o de... lhe ficar muito cara.

XXIII

Ao chegar a Loanda, a Bandeira sentiu-se como que deslocada do meio que lhe convinha para viver, para levar a vida airada a que estava affeita em Lisboa. O sol ardente da Africa aquecia-lhe o sangue nas veias pondo-lhe desejos lubricos em todo o ser, mas a vida acanhada que levava n'um arrabalde da cidade, cercada de pretas, de pessoas que

não conhecia, davam-lhe o desgosto da existencia, o abandono da vida.

O Polycarpo muitas vezes, vendo-a triste, abandonada, com os fatos rasgados e sujos, perguntava-lhe se ella estava doente, se tinha alguma coisa que a maguasse, se desejava que elle comprasse qualquer objecto que lhe fosse necessario. E ella, sempre muito aborrecida:

— Não tenho nada, deixa-me. Que maldita terra esta.

Levava largas horas do dia e da noite pensando na forma de arranjar dinheiro para se transportar ao Brazil.

O Polycarpo tinha muitas libras, que lh'as tinha ella visto ao canto do bahú; mas, certamente, não lh'as daria para ella se ir embora, para o deixar novamente só.

Por traz da casa onde vivia, na meia encosta de um monte fronteiro ao mar, havia um grande quintal cercado de sébe.

Era ali que ella passava os dias quasi nua, descalça, olhando o azulado sereno do mar, picado aqui e além por alguma vela branca de barco de pescador.

O vulto de Luiz de Mello não se lhe tirava do pensamento; absorvia-lhe todo o ser; recordava-lhe a proposito de todas as coisas. Tinha emagrecido, os olhos encovaram-se-lhe, a epiderme tornara-se-lhe amarellada, tendo uma apparencia doentia. Queria reagir, distrair-se, fazer alguma coisa, mas por mais que fizesse o seu pensamento recaia sempre no mesmo assumpto. Aquella vida era-lhe impossivel. Precisava libertar-se, fugir, ir lá muito longe procurar os sentimentos affectivos que aqui não podia encontrar.

Por esse tempo o Polycarpo comprou uma mata no interior; resolveu-se a ir cortal-a e assistir aos trabalhos de conducção para Loanda. Era a cinco ou seis

dias de viagem mas não havia outro remedio. No prazo de um mez contava estar de volta, regressar a casa, com bons interesses.

A Bandeira recebeu esta noticia com uma certa alegria intima; planeando immediatamente a sua fuga. Durante o mez em que o Polycappo estivesse ausente poderia ella pôr-se a salvo a bordo de qualquer vapor que fizesse carreira para o Rio de Janeiro, a coisa estava só em que elle lhe deixasse em casa o dinheiro que tinha no bahú.

Assim succedeu. Uma manhã, o Polycarpo, poz-se em marcha acompanhado dos carregadores que o deviam auxiliar no corte da madeira. Despediu-se da Mariquitas como elle lhe chamava. Ella fingiu sentir a ausencia do seu homem lagrimejando e abraçando-se-lhe ao pescoço, mas, no fundo do seu ser sentiu uma alegria intima. O dinheiro ficava

no bahú; estava salva. Dentro de poucos dias estaria a caminho, livre, alegre, para tomar contas a Luiz de Mello, para o fazer soffrer e com as algibeiras cheias de ouro, porque o Polycarpo, segundo ella calculava, devia ter muitas libras no bahù onde guardava as economias.

Logo que o viu seguir pelo caminho fóra, acompanhado pelos carregadores, o seu primeiro cuidado foi ir ao bahú, estudar a forma de o arrombar.

O bahú era uma grande peça forrada de couro com duas fechaduras, cercadas de pregos amarellos e brancos. Voltou-o de lado, a Bandeira, collocando as fechaduras para cima. Dentro, alguma coisa pesada rolou, deixando ouvir como que um som metalico. Era o dinheiro necessariamente. Foi buscar um martello e um ferro do officio de alfaiate e principiou a ergüer uma das fechaduras, deslocando-as em toda a volta.

N'aquella occasião sentia-se animada de uma alegria feliz, de uma satisfação intima que a fazia palpitar apressadamente.

As fechaduras, solidamente pregadas, recusavam-se a sahir sem um grande esforço. A segunda, principalmente, parecia não querer ceder. Depois de parar por muitas vezes, descançando alagada em suor, com os pulsos e as mãos doridas, a Bandeira conseguiu arrancar a fechadura e abrir o bahú. Atirou-se sofrega sobre o que elle continha. Ao de cima fato, roupa branca, um chapeu de côco; espalhou tudo pela casa. No fundo um sacco de chita continha dentro o dinheiro. A Bandeira abriu-o deslumbrada, entornando no regaço todo o ouro. Nunca vira tanto dinheiro na sua mão.

Ainda offegante do cansaço proveniente do esforço que fizera para arrombar o bahú, sentou-se no chão, contando

o dinheiro contido no sacco. Setenta e duas libras em magnifico ouro luzente; tres meias libras, treze mil e quinhentos em prata portugueza, sete francós, além de uma cadeia e de um relogio, tambem de ouro. A Bandeira sentia-se deslumbrada sentindo o peso de tanta riqueza sobre o colo. Inevitavelmente d'esta vez tivera sorte. O Polycarpo fôra uma mina que a Desterro lhe descobrira; além de a ter vestido, de lhe ter enchido tres bahus de roupa, de lhe dar dois pares de brincos, pulseira, relogio, ainda lhe proporcionava aquelle dinheiro com que podia satisfazer a unica ambição da sua vida, ir ao Rio de Janeiro defrontar-se com Luiz de Mello.

Bateram á porta. A Bandeira ficou como que petrificada. Queria levantar-se e não podia. Pelo cerebro passara-lhe a ideia de que seria o Polycarpo, que, esquecendo-se de alguma coisa, voltara

atraz e que ia dar com ella, roubando-lhe o dinheiro que tinha no bahu.

Bateram de novo.

Então ella, encorajando-se, metteu novamente o dinheiro no sacco e atirando para dentro do bahu tudo o que estava espalhado pela casa, foi abrir. Se fosse o Polycarpo e desse pelo arrombamento ella fugiria, deixal-o-hia.

Foi abrir. Ao puchar para si a porta teve uma alegria que a fez sorrir. Na rua, em frente da porta, estava um preto com um cesto ás costas. Era o seu freguez das bananas que vinha offerecer-lhe a fazenda colhida n'aquelle dia. A Bandeira comprou; era a unica fructa de que gostava, de todas quantas se vendiam em Loanda.

O preto afastou-se e em volta da casa restabeleceu-se a serenidade que sempre reinava n'aquelle sitio. Ella então foi fechar a porta e foi novamente tirar ao

bahu o dinheiro contido no sacco. O seu espirito, porem, não sentia já a pacificação anterior, nem a vista do roubo a alégrava como nos primeiros momentos.

Sentia necessidade de fugir, de ir para muito longe, para onde o Polycarpo não podesse nunca dar com ella, para onde podesse mostrar-se honesta, rica e importante.

A seguir, um pensamento afflictivo a veio macerar. E se o Polycarpo lhe descobrisse o paradeiro e a mandasse prender? Lembrou-se então dos primeiros annos da sua vida, quando esteve presa na Figueira da Foz, das paredes sombrias da prisão onde quasi não via luz. Teve medo; sentiu desejos de collocar tudo no seu logar e fazer um exforço sobre si propria para não praticar mais aquelle crime. Estava bem, agora; o Polycarpo gostava muito d'ella; até lhe tinha fallado em casamento, em a dotar. Para

que ia praticar um novo crime que a podia perder para sempre; procurar Luiz que a tinha abandonado e que ella só vagamente sabia onde parava. Mas repentinamente, como dominada pela má consciencia que toda a vida a tinha arrastado para o lôdo da vergonha, vestiu-se apressada, receiando arrepender-se e sahiu caminho da agencia a comprar bilhete de passagem para o Rio de Janeiro.

Na agencia informaram-n'a de que não havia passagem directa de Loanda para o Rio de Janeiro. Tinha de comprar bilhete para S. Vicente e n'esta ilha esperar vapor da carreira do Brazil.

Esta contrariedade arreliou-a, mas não a fez desistir do seu proposito. Comprou bilhete; o vapor sahia tres dias depois, para S. Vicente. Os tres dias empregou-os ella a roubar ao Polycarpo quanto de valor elle tinha. Estava dominada por uma especie de febre que a forçava a ir amon-

toando em bahus e em caixas todos os objectos valiosos que existiam em casa.

N'estes dias, no fundo da sua consciencia, não assumava um ligeiro vislumbre de remorso ou de vergonha. Sentia apenas o desejo forte, febril, impetuoso de se defrontar com o ingrato e de arrancar-lhe alguma mulher que elle tivesse nos braços.

Embarcou no *Adamastor* para S. Vicente. Havia apenas oito dias que o Polycarpo tinha partido para o matto, e, portanto, ella podia estar garantida ainda tres semanas, pels menos. Emquanto elle não regressasse ninguem daria pelo roubo e em tres semanas ella estaria longe, impune e satisfeita.

Assim dava curso á sua imaginação doentia, de desequilibrada sem remedio, sentindo um forte prazer, grande satisfação, em se approximar do Rio de Janeiro, em tornar a ver Luiz de Mello. A

espaços, porem, a sua consciencia dava-lhe rebates, forçando-a a largas cogitações sobre o futuro. O que se passaria quando Polycarpo chegasse a Loanda e não a encontrasse e visse o bahú arrombado e o seu dinheiro de menos dentro do saco?

Mandal-a-hia prender? Perseguil-a-hia em qualquer parte onde a encontrasse? Sugeitar-se-hia s viver largos dias de prisão e de tormentos? Estas ideias obrigavam-n'a agora a viver em sobresalto constante dando-lhe momentos de horror, de verdadeiro tormento. Parecia-lhe já vêr-se no fundo de uma prisão negra e tenebrosa, deitada sobre a humidade fetida da tarimba, tendo por colchão a asquerosidade da palha e por unico conforto o aspecto bestial do carcereiro.

Ora alegre e sonhadora, ora tempestuosa e lagrimejante, fez a viagem até S.

Vicente, onde teve de esperar vapor da Europa, em carreira para o Brazil.

Depois de sete dias de espera chegou o *Oropesa*, da companhia do Pacifico e a bordo d'este vapor la foi a Bandeira com destino ao Rio de Janeiro.

XXIV

Ainda a Bandeira via apagarem-se no horisonte, esfumados pela neblina da tarde que morria, os ultimos recortes dos rochedos de S. Vicente, vistos pela distancia quasi ao lume d'agua, de bordo do *Oropesa*, quando se acercou d'ella um individuo bem vestido, alto, magro, bigode louro, dentes escuros e algo atravessados, cabello bem tratado e olhar expressivo. Era um passageiro embarca-

do em Liverpool, Siegmond Richer [1] segundo declarára a bordo, de origem austriaca, que regressava da Europa ao Rio de Janeiro, onde tinha estabelecimento de joias, disséra tambem elle a alguns companheiros de segunda classe, onde viajava.

Richer vira embarcar a Bandeira em S. Vicente e de longe a estivera observando durante muito tempo, seguindo-a por todo o vapor, como se no cerebro tivesse qualquer pensamento que se relacionasse com aquella mulher.

Ao abeirar-se agora d'ella Richer ti-

---

[1] Tanto o nome d'estes personagens, como parte das scenas que vamos descrever, foram arrancadas ao bello trabalho de Ferreira da Rasa, nosso illustre collega do *Paiz*, do Rio de Janeiro, intitulado *O Lupanar.* Foi n'este trabalho de investigação e em observações feitas por nós no Rio e em outras cidades da grande republica, que colhemos os elementos para escrevermos os ultimos capitulos da *Bandeira.*

nha um sorriso nos labios onde pretendia esboçar sentimentos de confiança.

— A companheira embarcou em S. Vicente, não é verdade? — interrogou elle no seu mau portuguez.

A Bandeira, olhando-o fixamente, desconfiada, receiando que o desconhecido fosse algum policia com ordem de a capturar, respondeu a custo.

— Sim, senhor; embarquei em S. Vicente.

E o Richer, procurando seguir conversa:

— Então vae para o Brazil? Para o Rio?

A Bandeira, a custo, ainda desconfiada contestou affirmativamente. A' medida, porém, que a conversação foi seguindo, que se foram trocando palavras, que entraram em pormenores, restabeleceu-se a confiança no espirito da Bandeira, que principiou a correr o rosario de mentiras de que não podia apartar-se.

Richer convidou-a a subir para o tombadilho, a sentar-se na cadeira de lona que levava; mandou vir duas garrafas de gazosa procurando captivar as attenções da portugueza que tinha por companheira de viagem.

Siegmond Richer nascera n'uma pequena aldeia da Russia e ali se creou até que na edade de dezesete annos, vendo-se envolvido n'um crime de assassinato foi obrigado a refugiar-se em Constantinopla. Sem officio nem perseverança para poder ganhar a vida por qualquer meio honesto, sentindo-se dominado por grandes ambições de riqueza, de luxo e de opulencia, foi collocar-se ao serviço d'um prostibulo, onde exercia os misteres mais repugnantes. Oriundo d'uma familia judaica, tendo passado os primeiros annos entre a miseria andrajosa e porca dos mendigos russos, sem a minima noção de dignidade, Richer, princi-

piou a tornar-se querido pela sua desfaçatez, entre os pensionistas e os clientes do prostibulo que servia. Dotado de intelligencia mediana afagou com caricia a vida a que se dedicára e em que logo descortinou largo futuro e prosperidades.

Pouco mais de um anno levava de permanencia em Constantinopla quando ali travou relações com outro judeu, André Saldmann, typo importante, coberto de brilhantes, que se mostrava apaixonado por uma armenia loura, a primeira estrella do lupanar. Ou fossem os laços da religião ou a identidade de sentimentos, Richer e Saldemann tornaram-se amigos inseparaveis. Saldmann chegara pouco antes de Buenos Ayres onde dizia possuir importantes estabelecimentos de tabaco e outros artigos. Nas suas conversações intimas com Richer, porém, confessou-lhe a sua verdadeira profissão

de *caften* e prometteu-lhe recursos para o acompanhar á America se elle conseguisse que a armenia concordasse em acompanhal-o tambem. Tentado pela prospera vida que Saldemann lhe offerecia e pelo largo futuro que lhe estava reservado se conseguisse estabelecer-se em Buenos Ayres, Richer não se fez rogar e mettendo mãos á obra conseguiu convencer a armenia a seguir Saldmann.

Nas proximidades do alcouce onde os dois por este tempo se reuniam, vivia uma rapariga austriaca, empregada d'um logar de *bibelots*, a quem Richer se apresentava como caixeiro viajante. Sympathisou a austriaca com o alcaiote e tendo-lhe este promettido casamento e largo futuro em Buenos Ayres, onde, segundo dizia, estava a casa commercial que representava, ella não duvidou matrimoniar-se com o seu apaixonado, segundo o rito judaico.

Realisado o casamento n'uma synagoga de Constantinopla e posto Richer ao facto dos segredos do caftismo por Saldmann embarcaram os dois para Buenos Ayres, animados das mais risonhas esperanças de largo futuro, visto que as duas mulheres eram bonitas e jovens.

Em Buenos Ayres as duas victimas d'uma das maiores torpezas humanas foram encerradas n'um prostibulo, onde não só eram fiscalisadas pela *patrona* da casa como tambem pelos seus *proprietarios*, que lhe arrancavam todo o dinheiro ganho com o infame negocio da carne.

Rendeu o negocio. As duas infelizes apregoadas pelas casas de devassidão deram epoca em Buenos Ayres. Os lucros, armazenados nas algibeiras de Saldmann e Richer chegaram a formar uma quantia avultada, que os animava a desenvolver o negocio. Richer sempre emprehendedor e desejando experimentar

novos mercados, resolveu abandonar Buenos Ayres com a sua escrava e ir até ao Rio de Janeiro, tentar maior fortuna, descortinar novos horisontes. Saldmann cedeu-lhe a armenia por cem *pesos*. As duas mulheres jà muito conhecidas em Buenos Ayres, principiavam a declinar. Era necessario aproveital-as em outro ponto onde não fossem conhecidas. O mercado que se impunha era o do Rio, — vasto bazar de preciosidades humanas, resultantes do cosmopolitismo da população. Richer seguiu para o Rio a *estabelecer-se* com as duas mulheres, Soldmann embarcou para a Europa, a fazer novo *fornecimento.*

Se em Buenos Ayres os negocios ti nham corrido de feição a Richer, no Rio, nos primeiros tempos, tomaram proporções colossaes. Em poucos dias, as duas mulheres, alcançaram fama em todos os centros do prazer carnal, a um tanto por

cabeça. A armenia, especialmente, causou sensação entre os frequentadores dos bordeis aprimorados. As duas tinham dias de fazerem quinhentos mil réis de féria, e mais. Richer via augmentar prodigiosamente seus capitaes, até que um dia a armenia foi fulminada por um ataque de febre amarella e a *esposa*, aborrecida com tanta podridão, fugiu para Barbacena com um engenheiro francez.

Estava liquidado o estabelecimento, mas Richer contava já na algibeira sessenta e tantos contos e a ingenuidade europeia estava franca á sua exploração.

Que diabo, pensava elle, a vida é facil e risonha: — a viagem do Atlantico são apenas treze dias, que se passam rapidos entre os confortos dos grandes vapores da carreira; lá ao longe no fundo das planicies aridas da Russia, da Austria, da Hungria, vivem mulheres formosas, cheias de miseria, ingenuas, crentes.

desesperadas da lucta horrivel que sustentam hora a hora para manter a existencia, faceis de tentar com o brilho attrahente d'um brilhante ou com o rutilar esperançoso d'um punhado de ouro. A vida consiste em ir lá longe seduzil-as, offerecer-lhes uma vida recamada das facilidades e dos confortos que ellas nem sequer nunca sonharam, illudir-lhes as familias e trazel-as como esposas, como costureiras, como empregadas para este enorme bazar onde se não regateia dinheiro a troco de carinhos. Chegados á America, as illudidas, surprezas da luxuria da vegetação, da opulencia da fertilidade, do movimento da grande cidade, ellas, as pobres, nascidas e creadas na pequenez d'uma aldeia miseravel, sem comprehenderem a lingua, sem saberem os costumes, sem terem voz para erguer um protesto, encerradas n'um prostibulo, encontrando mil companheiras recama-

das de joias e vestidos de seda, lá mergulham inconscientes no lodaçal do vicio, vendendo o corpo a um tanto por cabeça, enchendo, fortemente, todos os dias a algibeira do *caften*, do explorador que se inculca seu *marido*, seu patrão ou seu amigo e que lhes diz que tenham paciencia, que trabalhem porque terão um futuro descançado e abundante embora á custa da sua deshonra de hoje.

Siegmond Richer não trepidou. Liquidado o estabelecimento embarcou-se a bordo d'um vapor allemão para Hamburgo. Viajou, explorou, procurou o que lhe convinha e depois de quatro mezes, no espaço dos quaes se casou com duas mulheres, embarcou em Bordeus, illudidas, tres escravas para seguimento do negocio, no Rio. Elle foi a Liverpool embarcar só no *Oropesa*, pretextando negocios, mas receiando-se apenas da policia do Rio, que já o conhecia, e que vendo-o

chegar com tres mulheres lhe poderia tomar conta do negocio.

Fôra facil e promettedor o negocio do *recrutamento.* Chegado a uma pequena aldeia da Russia de que tinha conhecimento por indicações d'outro *caften*, apresentou-se a alguns israelitas como negociante da America do Sul; exhibiu-se nos logares publicos com as suas toilettes cortadas n'um dos melhores alfaiates de Hamburgo e com as brilhantes levadas do Rio de Janeiro; arrotou riquezas e explicou a sua viagem com necessidades do seu vasto commercio. A sua presença na pequena aldeia produziu impressão. Familias honestas lhe abriram as portas de suas casas suppondo-o homem honrado. Elle lamentava-se dizendo-se viuvo e desgostoso com o celibato a que era forçado no Rio de Janeiro por falta de mulheres dignas. Um bom israelita não podia casar-se na grande cidade

onde todas as moças comiam toucinho e tinham habitos incompativeis com a religião de Israel. As aldeãs russas appoiavam-n'o, suspirando. Entre estas, uma chamada Maria Wenca, mereceu as attenções de Richer e acceitou-lhe a côrte. Elle offereceu-lhe diversas roupas de pequeno valor, mas muito mais importantes do que a serapilheira de que ella se vestia. Wenca era bonita, typo proprio para causar sensação nos lupanares do largo do Rocio. Depois de alguns dias de seducção Richer pediu-a á familia e propoz que se casassem immediatamente porque tinha de partir. Todos annuiram, começando pela noiva que se via invejada de todas as patricias, e o casamento celebrou-se n'uma semana.

Logo apoz o casamento Richer dirigiu-se para a Austria e tendo escondido a mulher n'um hotel insignificante, foi tratar de procurar outra dizendo que ia

tratar dos seus negocios e procurar uma empregada para o seu estabelecimento.

Wenca sentindo-se feliz por se vêr casada e rica, levava as horas no hotel a escrever longas cartas á familia dando-lhe contas da sua felicidade e do risonho futuro que a esperava.

Ao cabo de alguns dias Richer contou-lhe, muito em segredo, que tinha arranjado uma tola, uma sujeitinha, que para assignar o contracto de empregada, fazia questão de que elle lhe promettesse casamento.

Wenca ria com a chalaça e interrogando-o:

— E tu, que tencionas fazer?

— Eu se não arranjar outra tomo-a mesmo com essa condição, porque em a apanhando no Rio depressa lhe digo que sou casado.

Achou gracioso o logro do marido, a russa, e prometteu-lhe o seu apoio.

Preparado o terreno casou Richer com a austriaca a quem disse que tinha no hotel uma russa muito estupida que contractara para o seu estabelecimento sob promessa de casar com ella porque era uma costureira muito habil, mas não queria viajar só. Riram-se ambos do embuste e passados dias lá foram os tres a caminho de Marselha, muito satisfeitos. N'esta cidade ainda Richer teve habilidade de conquistar uma egypcia e de fazer seguir depois as tres embarcadas em Bordeus, á consignação d'uma patrona que devia illuminal-as e distribuil-as pelos bordeis, tomando-lhes contas até á sua chegada.

XXV

Desde S. Vicente que os viajantes de segunda classe do vapor *Oropesa* punham

olhos no par de passageiros que ora sentados, ora passeando, ora jogando as cartas, se não apartavam um instante. De dia abrigados pelo toldo, sentados, sempre unidos, conversavam como dois namorados que se desejam; á noite, occultos em qualquer recanto da ré, eram ás vezes surprehendidos em posições pouco honestas. Havia quem affirmasse ter visto Richer uma noite sahir do camarote da Bandeira; outros diziam tel-os surprehendido, beijando-se, na escada da sala de jantar. Os dois, finalmente, davam motivos a murmurios e a risos.

Richer com o olhar experimentado do *caften*, descobrira presa valiosa na Bandeira; a mulher afigurou-se-lhe negocio certo e rendoso que a sua boa sorte lhe tinha deparado. Principiou a mostrar-se apaixonado, lisongeiro, seduzido, bloqueando em toda a linha com affectos exaggerados a fraqueza da Bandeira.

Entraram em confidencias: — contaram um ao outro a sua historia phantasiada ao sabor de suas imaginações. Richer, espirito intelligente e pratico, conheceu logo em principio que era illudido, que a Bandeira era uma histerica, talvez uma criminosa foragida, mas fingia deixar-se illudir. Elle, pelo seu lado, confidenciára á Bandeira que era viuvo, negociante rico de joias, e que vivia só e triste, porque no Brazil não encontrava mulher digna dos seus affectos. E a respeito das brazileiras repetia toda a serie de calumnias que tinha apprendido n'um livro do dr. Fort, sobre o Brazil. A Bandeira dizia-se abandonada por um rapaz que a deshonrara com promessa de casamento; ia para o Brazil procurar trabalho com que podesse manter-se honestamente.

Nas longas horas de viagem, porém, as relações d'amisade foram-se estrei-

tando e os dois trataram casamento e plano de vida futura. Richer demorar-se-hia no Rio apenas tres ou quatro annos, a completar a sua fortuna de negociante de joias, e depois regressaria á Europa com a Bandeira, já sua esposa, a gosar em socego o producto do seu trabalho. Esta idéa, agora, entontecia a Bandeira, apagando-lhe até os receios do ultimo roubo que tinha praticado. A recordação de Luiz de Mello, apenas de longe em longe lhe acudia á mente para ser logo substituida pelo futuro risonho que antevia. Parecia-lhe já encontrar-se em Lisboa ao lado do marido, a deslumbrar com as suas joias e as suas galas aquelles que a tinham conhecido de botas cambadas e vestidos manchados de gordura.

Richer, pelo seu lado, calculava que aquella rapariga, collocada e fiscalisada em qualquer prostibulo, lhe daria largos

proventos á sua vida de infamia. Era preciso dominal-a, convencel-a da sua paixão, d'um futuro risonho e tudo se arranjaria. A comedia, logo que chegasse ao Rio, era facil de representar, com o auxilio de qualquer amigo e tendo por scenario o quarto de qualquer hotel.

E Richer, calculadamente ia preparando o espirito da Bandeira, contando-lhe historias phantasticas de portuguezas que tinham enriquecido no prostibulo em poucas semanas; de patricias que arrastam sedas e se constellam de brilhantes e disfructam a consideração publica, tendo por unico rendimento a féria do lupanar.

A Bandeira, dominada pelo *caften* principiava a sentir-se attrahida para o abysmo, gosando uma sensação nova, uma sensação que ella ainda não tinha experimentado, a sensação de julgar-se rica, riquissima e sobretudo coberta

d'essas pequenas pedras brancas como gottas d'agua distillada, que á luz forte do sol ou do gaz teem como que palpitações luminosas que attrahem. Os brilhantes que ella apenas vira nas montras dos ourives em Lisboa, mergulhados nos seus estojos de velludo vermelho ou verde, seduziam-n'a agora por uma forma extranha, tão imperiosa e commovedora, como outr'ora, na Figueira, o cordão que ella roubara. Todos os dias e a toda a hora não se fartava de mirar as grandes pedras que o *caften* trazia no peitilho da camisa e nos anneis.

Lentamente, no espirito da Bandeira, fôra-se erguendo um tabernaculo recamado de brilhantes, perante o qual a sua alma se prostrava em adoração; o brilhante era o seu unico ideal, a mais querida aspiração de toda a sua vida, o seu unico querer e sentir. E como suppunha que os brilhantes só lhe podiam adornar

o busto derivados de Richer, a sua submissão ao *caften* era incondicional, era verdadeira, não tinha limites.

Richer, vendo-a olhar como fanatisada para os brilhantes, offereceu-lhe um dia, encerrado n'um pequeno estojo de veludo vermelho, um bonito annel de senhora. Treze pequenos brilhantes, *olhos de mosquito*, cravados n'uma corôa d'ouro, que tinha no alto uma grande perola levemente azulada.

N'aquelle dia a Bandeira ficou como louca. O annel sensibilisou-a até ás lagrimas. Sentia-se vaidosa, importante, dominadora, exibindo sempre, para que todos vissem, a mão onde trazia o presente de Richer. De noite dormiu sobresaltada. sonhando com montanhas de brilhantes, acordando a todo o momento para mirar á luz da lampada electrica do seu camarote o brilho da pedra.

Poucos dias depois, porém, principiou

a perder o enthusiasmo pela dadiva do *caften*, a notar que a pedra era pequena, e que não tinha o brilho que ella desejava.

Sempre a inconstancia, o desequilibrio.

. . . .

Alguns dias antes do *Oropesa* ter chegado ao Rio de Janeiro, a Bandeira que tinha acabado de jantar com satisfação, sentiu-se repentinamente incommodada, e teve de recolher á enfermaria por conselho do medico de bordo. Em poucas horas uma febre violentissima a fez delirar, prostrando-a inconsciente. O *caften*, vendo-a ás portas da morte, tratou de apanhar-lhe o annel e de lhe dar busca nas malas de camarote, d'onde roubou todo o dinheiro que encontrou.

A febre, combatida com energia, desapparecera, mas no cerebro da Bandeira

algum phenomeno se tinha operado, que lhe apagara parte das faculdades.

Se a febre lhe tinha alquebrado e como que devorado o corpo, o espirito não triumphara da molestia.

Já livre da doença só procurava os cantos mais escuros do barco para passar largas horas sentada no chão, olhando fixamente um ponto que a attrahia. A todo o momento tinha retrahimentos, visões que a faziam tremer, sustos que lhe produziam torturas. Custava-lhe a ligar as idéas, a dizer para onde ia, a dar explicações da sua vida.

Richer, agora, olhava-a de longe, sem se approximar, como envergonhado do seu contacto. Com o seu olhar de aguia vira que a Bandeira estava perdida para qualquer alcouce do largo do Rocio. Já lhe não servia.

Qnando lhe perguntavam se tinha parentes no Brazil, o que ia fazer para o

Rio de Janeiro, ella, como que avivando pensamentos tristes, principiava chorando sem encontrar resposta.

Estava mortalmente ferida. Nem o espirito nem o corpo funccionavam com a regularidade necessaria.

Ao chegar ao Rio de Janeiro teve de descer para a lancha que a conduziu a terra amparada por dois marinheiros. No caes dos Mineiros, onde embarcou apenas com os bahus que tinha roubado ao Polycarpo, foi necessario levarem-na em braços paro uma sombra. Quiz incorporar-se mas não poude; a cabeça pendia-lhe sobre o peito, sem energia; o brilho dos olhos estava amortecido. Cercou-a uma multidão de maltrapilhos, fazendo-lhe perguntas, ella porém não dava resposta, dizendo apenas:

—Vão-me chamar o Luiz; quero ver o Luiz de Mello.

A multidão que a cercava concordou

em que era melhor ir dar parte aos urbanos do que se passava.

— A mulher está doida — dizia um.

— Está mas é a morrer — contestava outro.

Uma mulata caritativa foi dar parte á auctoridade. Esta veiu e resolveu mandar buscar uma maca para conduzir ao hospital a Bandeira.

Quiz proceder a inquerito interrogando a doente sobre a sua vida, proveniencia e desejos. Não obteve, porém resposta. A Bandeira tinha perdido o conhecimento e pouco antes de chegar a maca, tombava morta no chão.

A esta hora, Richer, que fôra esperado a bordo por alguns *collegas*, banqueteava-se no restaurant *Globo* com o dinheiro roubado á Bandeira.

De balde as auctoridades brazileiras esquadrinharam os bahus, o fato d'aquella mulher, para poderem saber alguma

cousa a seu respeito. Nem um papel, nem uma simples referencia poderam lançar luz sobre a investigação.

O cadaver da Bandeira foi conduzido á ponta do Caju, onde, depois da respectiva autopsia foi sepultado na vala commum.

O seu espolio, vendido em leilão, foi dividido pelos belchiores da rua de Gonçalves Dias e o dinheiro entrou no deposito publico e lá permanecerá eternamente, visto que ninguem o reclamará jámais.

Ao fecharmos esta historia, verdadeira em todos os seus traços vigorosos, D. Maria de Mello vive em Lisboa, afastada de todo o bulicio social, que lhe repugna, e apenas entregue á educação do filhito, que ella muitas vezes pensa se virá a ser tão desgraçado como o pae. A

herança da madrinha deu-lhe fartos meios de vida, que ella reparte largamente com a triste legião de famintos que alaga a nossa capital. Oxalá que na pratica da caridade encontre compensação para as lagrimas que tantas vezes lhe teem lavado as faces e que lhe devem ter convertido a vida n'um martyrio ainda não descripto e muito poucas vezes comprehendido por aquelles a quem a sorte bafeja.

A Desterro falleceu este inverno no hospital do mesmo nome, victima de padecimentos que é desnecessario mencionar.

A D. Leonor, quasi cega, e a cahir de miseria, esmola todas as noites pelas vielas do Bairro Alto, onde a generosidade dos seus antigos conhecimentos lhe vae prolongando a vida.

O crédor que abriu a fallencia a Luiz de Mello e lhe arrancou até a roupa da

familia, já falliu duas vezes, sahindo-se de cada uma d'ellas, apesar do Codigo Commercial e de todos os codigos, com o melhor de quarenta contos, que empregou em quintas na Outra Banda.

Todos estes acontecimentos nos trazem á memoria a phraze do cabo d'ordens do *Brazileiro Pancracio*:

— Que grande pandiga!

CONCLUSÃO

E a moralidade do romance?

Não existe, certamente, nem na fórma nem nas conclusões.

E porque não existe?

Porque não a houve na historia de que fomos simples relator. Os factos deram-se como os descrevemos e se provam alguma cousa é unicamente que a constituição da nossa sociedade é falsa e

que por um lado a *animalidade*, por outro o *capitalismo* convertem a humanidade em escrava do soffrimento. A animalidade não pode modificar-se. O homem continuará a ser presa da mulher que saiba impressional-o, contra todos os preceitos e contra a sua propria consciencia. O capitalismo, porém, é que nos parece que não tem direito a sacrificar a humanidade e a deixal-a morrer á fome e ao desamparo. E' preciso reformar e reformar muito e todos os caminhos nos parecem honestos, para chegar a este fim.

Luiz de Mello foi um infeliz sacrificado aos dois pesadelos da humanidade: mulheres e dinheiro.

A Bandeira foi o typo da mulher desequilibrada, uma aberração organica, que unicamente a educação poderia ter modificado.

Se desde creança os seus vicios fossem sabiamente corrigidos e se lhe procuras-

se inocular o amor pela verdade e pelo bem, talvez que ella tivesse vivido feliz, longe do bulicio e das paixões que a seduziam e arrastavam para a torpeza repugnante da prostituição.

FIM